

**Relatos de Experiência  
com o Programa  
Institucional de Bolsas  
de Iniciação à Docência –**

**PIBID**

**2º semestre de 2018**

*geografia*

**Subprojeto PIBID Geografia**

**2018–2019**

**Universidade do Estado de Santa  
Catarina – UDESC**

Neste documento estão apresentados os relatos de experiência dos integrantes do PIBID Geografia 2018–2019 da Universidade do Estado de Santa Catarina, referentes ao segundo semestre do ano de 2018, quando as atividades foram iniciadas.

Aqui você pode encontrar um pouco das atividades que foram realizadas, bem como as impressões, percepções e reflexões dos pibidianos, que estiveram atuando em três escolas, participando e desenvolvendo dinâmicas diferentes.

Em contato direto com as escolas básicas, os integrantes do grupo – futuros professores – tiveram a possibilidade de entender mais o cotidiano das escolas, inseridas no dia-a-dia dos professores e estudantes, oportunizando um grande crescimento pessoal e preparo para a profissão de professores.



## Sumário

Os jogos como ferramenta facilitadora no processo de educação geográfica <i>Aquiles Gonçalves Junior</i> .....	4
O Ensino da geografia e novos caminhos para o aprendizado <i>Ana Carolina Vilela</i> .....	11
Professores e seus artesanatos: aprendendo a transformar Geografia em jogos lúdicos <i>Ayrian Hugo dos Santos Thédiga</i> .....	19
Três escolas parceiras do PIBID através de fotografias <i>Bárbara Isadora Grando, Marina Tamaki de Oliveira Sugiyama</i> .....	30
Aprendizagem por projetos vinculados a saídas de campo: contribuições para o ensino <i>Bruna Petry, Julia Linhares, Gabriel Rauber</i> .....	43
Movimentos sociais nas escolas públicas brasileiras <i>Bruna Viberti Motta Riedel, Valentine de Oliveira</i> .....	54
A contribuição do PIBID nas ações socioeducativas e sociopolíticas para promoção da melhoria na infraestrutura da E.E.B. Porto do Rio Tavares <i>Douglas Pires Villagran</i> .....	62
Relato de experiência do PIBID no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina - 2018.2 <i>Gabriela Maria de Souza, Rafaela Freitas</i> .....	79
Relatório de vivência na EEB Porto do Rio Tavares <i>Harahel Fernando Campanholo</i> .....	89
Em trânsito da Universidade até o Pântano do Sul: Práticas Pedagógicas do PIBID na turma do 6º ano da Escola Municipal Dilma Lucia do Santos <i>Luiz Jayme de Souza Neto</i> .....	94
Relato de experiência: projeto “Nós Propomos” e oficina de violência, desigualdade de gênero e sexualidade no espaço urbano – Colégio de Aplicação (UFSC) <i>Marcelo de Araújo, Mário André de Corrêa Faria</i> .....	105
Relato de experiência – Escola Estadual de Ensino Fundamental do Porto do Rio Tavares <i>Otávio Cascaes Montanha, Maria Helena Matchin Vieira</i> .....	116
Relato de experiência PIBID Geografia 2018/2019 <i>Renato da Luz Junior</i> .....	133

# Os jogos como ferramenta facilitadora no processo de educação geográfica

*Aquiles Gonçalves Junior*

Este trabalho apresenta o relato de experiência vivenciado entre os meses de Julho e Dezembro de 2018 no Programa de Residência Pedagógica da Universidade Estadual de Santa Catarina referente ao curso de Geografia Licenciatura desta instituição. A experiência ocorreu na turma de sétimo ano do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, onde se pode, através da Política Nacional de Formação de Professores, realizar intervenções com a turma proporcionando o contato dos futuros professores com o cotidiano da escola pública, local onde exercerão a profissão. Tal política visa contribuir com a formação de novos docentes melhorando a qualidade no ensino das escolas públicas do país.

Algumas das metas do programa são:

- Aperfeiçoar a formação dos discentes de cursos de licenciatura, por meio do desenvolvimento de projetos que fortaleçam o campo da prática e conduzam o licenciando a exercitar de forma ativa a relação entre teoria e prática profissional docente, utilizando coleta de dados e diagnósticos sobre o ensino e a aprendizagem escolar, entre outras didáticas e metodologias;
- Induzir a reformulação da formação prática nos cursos de licenciatura, tendo por base a experiência da residência pedagógica;
- Fortalecer, ampliar e consolidar a relação entre a IES e a escola, promovendo a sinergia entre a entidade que forma e a que recebe o egresso da licenciatura e estimulando o protagonismo das redes de ensino na formação de professores. (BRASIL, 2019)

Assim, a Residência Pedagógica busca a melhoria no desempenho e na formação dos estudantes das licenciaturas, visando o comprometimento dos

mesmos com uma educação pública e de qualidade, almejando o retorno futuro para com a sociedade.

Desta forma, neste trabalho consta o relato de uma intervenção realizada durante as aulas de Geografia com a turma de sétimo ano que contou com o uso de jogo como ferramenta pedagógica. O objetivo é avaliar a importância da utilização de atividades lúdicas como ferramenta de ensino-aprendizagem na construção do saber geográfico dialogando a respeito de suas vantagens. Acredita-se que o jogo trabalhado ao final de um conteúdo geográfico no qual discute a vida em sociedade, contribui não só no conhecimento escolar bem como constitui valores que perpassam os muros da escola agregando no cotidiano do educando.

O procedimento metodológico possui caráter qualitativo, o trabalho se baseia na experiência dos sujeitos (educador e educandos) participantes no processo de ensino-aprendizagem desenvolvido durante a residência na escola. Tal trabalho é produto dessas experiências vivenciadas durante a Residência Pedagógica que permitiu a inserção no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina.

O trabalho é constituído a partir da experiência obtida durante uma intervenção realizada em duas aulas de quarenta e cinco minutos, na qual o conteúdo geográfico abordado discutia questões a respeito da industrialização brasileira. Nele, constam análises sobre o processo de desenvolvimento da atividade pedagógica e do envolvimento dos educandos com a mesma. Portanto, os assuntos aqui discutidos vão ser constituídos a partir da importância das atividades lúdicas para a formação dos alunos enquanto sujeitos bem como para a construção do saber geográfico, contribuindo como ferramenta metodológica no processo de ensino-aprendizagem.

### **Atividade lúdica como ferramenta pedagógica**

Há muito se discute sobre os desafios da prática docente e também a respeito de ferramentas pedagógicas a fim de promover nos estudantes o gosto pelo conhecimento. Sabe-se da dificuldade que o professor do século XXI enfrenta ao competir a atenção dos estudantes com aparelhos eletrônicos



ultra-avançados. Por isso, se espera uma prática docente capaz de prender a atenção desse novo perfil de estudantes e torne o processo de ensino-aprendizagem mais prazeroso e interessante.

Sabendo dessa dificuldade e tendo como objetivo que os estudantes adquirissem conhecimento acerca dos problemas causados pela industrialização e crescimento desordenado dos grandes centros, foi proposto na intervenção realizada na escola um Bingo Geográfico como ferramenta de ensino-aprendizagem a fim de fixar e avaliar o conhecimento adquirido pelos estudantes nas aulas anteriores onde havia sido iniciada a discussão sobre o tema.

A ideia do Bingo Geográfico surgiu após problematizações e dúvidas que surgiram dos estudantes no decorrer das aulas. Através dessas, obteve-se elementos para elaborar questões a serem inseridas nas cartilhas de perguntas que viriam a ser respondidas ao longo do jogo. Tal proposta parte do entendimento de que os estudantes criam gosto pelo conhecimento quando este é significativo para eles, bem como quando o professor adota práticas pedagógicas que os considerem sujeitos ativos no desenrolar das atividades.

A respeito disto, Lopes (2001) pontua:

É muito mais eficiente aprender por meio de jogos e, isso é válido para todas as idades, desde o maternal até a fase adulta. O jogo em si, possui componentes do cotidiano e o envolvimento desperta o interesse do aprendiz, que se torna sujeito ativo do processo [...] (LOPES, 2001, p.23).

Desta forma, o apontamento feito por Lopes (2011) pôde ser visto na prática durante a intervenção, na qual resultou em um envolvimento massivo dos estudantes. O Bingo além de criar movimentos, pois tirou os estudantes da zona de conforto dando condições para que fizessem ligações entre o jogo e o cotidiano, possibilitou interação social entre os mesmos, como também a elevação da auto-estima. Esse último ficou perceptível quando estudantes que pouco participavam das aulas se mostraram ótimos jogadores respondendo corretamente as perguntas das cartilhas.

Sobre a auto-estima é importante que o educador esteja atento a proposta de intervenção que tem os jogos como ferramenta pedagógica, no

que se refere à faixa etária em que será trabalhado, no sentido de criar problemas que os estudantes sejam capazes de responder. Ou seja, que anteriormente já tenham recebido suporte para que assim apresentem condições de realizar a atividade do início ao fim. É ter a sensibilidade e o tato necessário para não criar jogos difíceis que não possam ser respondidos e realizados, bem como jogos muito fáceis que duvide da capacidade dos mesmos. Lembra-se que se trata de auto-estima, no caso em questão de estudantes entre 12 e 14 anos que estão em um momento delicado de formação. Qualquer deslize por parte do educador pode acarretar em marcas que os estudantes carregarão consigo até a fase adulta.

A respeito disso, Antunes (2013, p.41-42 apud Silveira, 2014, p.18), no livro Jogos para a estimulação das múltiplas inteligências aborda o fator auto-estima do aluno como um dentre os quatro exemplos que condicionam a utilização de jogos. Nele, o autor afirma que

É importante que o professor escolha a atividade de acordo com o nível cognitivo do aluno. Atividades fácil demais ou com dificuldade acima da capacidade do aluno podem causar-lhe sensação de incapacidade ou fracasso.

Diante da interação que apresentaram os estudantes que antes sequer demonstravam interesse no decorrer das aulas, ficou evidente na auto-avaliação docente o poder que as atividades lúdicas possuem de estreitar laços e desenhar novas formas de aprendizagem, acarretando no desenvolvimento pessoal/social dos mesmos. Essa é uma proposta que os jogos e as atividades lúdicas no geral se propõem a realizar desde a antiguidade em diferentes civilizações. Em relação a este assunto, Maria C da Silveira Kiya<sup>1</sup> (2014, p.7) ao desenvolver um Caderno Pedagógico com ênfase nos jogos como ferramentas pedagógicas aponta que “[...] o jogo sempre teve presente na cultura de diferentes civilizações. Era uma forma pelo qual os indivíduos davam significados aos seus atos, manifestavam sua religiosidade, aproveitavam seu tempo, cultivavam suas tradições e as relações comunitárias”.

---

<sup>1</sup> Maria C da Silveira Kiya (UEPG) desenvolveu o trabalho “O uso de Jogos e atividades lúdicas como recurso pedagógico facilitador da aprendizagem”. Nele reforça a importância da utilização de jogos no ensino fundamental e dá dicas de jogos a serem utilizados por diferentes disciplinas. Tal trabalho deu origem ao Caderno Pedagógico e utilizado pelo Governo do Estado do Paraná como proposta de ensino no ano de 2014.

Piaget (1975) enxerga os jogos não apenas como brincadeiras e passatempo, mas sim como formadores de cidadãos “pensantes”, pois segundo ele “jogar é pensar” (PIAGET, 1975). Através dos jogos é possível que se crie noções de autonomia, proporcionando ao estudante auto-estima necessária para enfrentar obstáculos no decorrer de sua formação.

Assim, brincar e aprender caminha lado a lado, pois os jogos, quando o professor trabalha a ludicidade com a finalidade de desenvolver a aprendizagem, apresentam caráter educativo.

### **O desenrolar do Bingo Geográfico**

Até chegar o momento de trabalhar a atividade lúdica com os alunos do 7º ano do Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina tiveram algumas etapas a serem vivenciadas.

Primeiro acompanhou-se as aulas com o professor titular da turma. O assunto que vinha sendo trabalhado era a respeito da Industrialização do Brasil e o crescimento desordenado dos grandes centros. Logo após o acompanhamento das aulas, começou a pesquisa sobre como se podia intervir a fim de colaborar com a aprendizagem dos estudantes sobre o referente assunto. Então se buscou sítios na *internet* que discutia sobre práticas pedagógicas que dialogassem com o tema, para por fim colocá-la em prática. Chegou-se ao bingo através de um vídeo encontrado no qual o professor usou dessa ferramenta lúdica para trabalhar com os estudantes as capitais do país.

Portanto, o Bingo Geográfico foi uma adaptação de uma outra atividade lúdica e foi organizado da seguinte forma: os estudantes foram divididos em cinco grupos de quatro a cinco integrantes cada; cada grupo recebeu uma cartela com nove opções de respostas para as perguntas previamente elaboradas; a equipe que tivesse a resposta para determinada pergunta e a soubesse responder marcava a mesma com feijões; a equipe que preenchesse a cartela primeiro era a vencedora da rodada; a equipe que mais rodadas vencesse seria a ganhadora do jogo.



As cartelas foram produzidas com papéis reutilizados, por sua vez, colados em papelão para que ganhassem consistência. Todas as perguntas que compunham as cartelas eram referentes ao conteúdo sobre a Industrialização do Brasil e fatos históricos relacionados a ela. As questões foram retiradas do livro utilizado pela turma, sendo permitido o seu uso durante o jogo, em um movimento de incentivo a pesquisa.

Estes, por sua vez, terão ferramentas que os auxiliaram no processo de desenvolver o pensamento, entendendo as situações imaginárias dos jogos e fazendo ligações com o cotidiano.

### **Considerações Finais**

Antes de tudo, quero enfatizar aqui a importância da Residência Pedagógica e a liberdade que o professor titular da disciplina ofertou, sempre com a responsabilidade de acompanhar a produção e os planos de aula. Os momentos vivenciados durante a residência na escola foram de enorme aprendizado, seguido deste trabalho que serve como aprofundamento teórico daquilo que foi realizado durante o semestre.

Acredita-se com essa pesquisa que os jogos são uma ótima ferramenta pedagógica no sentido de promover a construção do conhecimento. O principal intuito foi explorar a contribuição dos jogos, como ferramenta pedagógica na construção e no desenvolvimento dos estudantes enquanto ser social.

Portanto, com o que foi vivenciado ao longo da experiência, é possível afirmar que o jogo contribui com o processo de desenvolvimento dos estudantes, a partir do estímulo do raciocínio, proporcionando uma melhor compreensão de temas e conceitos abordados previamente à realização da atividade lúdica. Sobretudo, percebeu-se um significativo aumento da participação de estudantes com características mais tímidas.

Após a realização do jogo, percebemos a importância de adotar o lúdico como ferramenta facilitadora da aprendizagem geográfica, e como este processo está ligado com as características de cada professor. Essa percepção

se deu a partir dos relatos dos estudantes durante e após a atividade, revelando a forma “diferente”, segundo esses relatos, com que foi trabalhado um conteúdo tão comum no livro didático para as turmas de sétimo ano. Tal pesquisa evidencia também a importância do Pibid na formação de futuros educadores, sendo ele um programa que valoriza o contato com a sala de aula ao longo da carreira acadêmica.

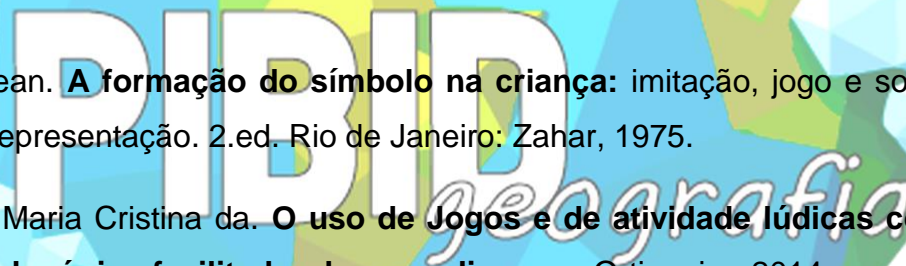
### Referências

BRASIL, CAPES. Residência Pedagógica – Política Nacional de Formação de Professores. 2019. Disponível em <http://www.capes.gov.br/educacao-basica/programa-residencia-pedagogica>. Acesso em 01.fev.2019.

LOPES, M. da G. **Jogos na Educação: criar, fazer e jogar**. São Paulo: Cortez, 2001.

PIAGET, Jean. **A formação do símbolo na criança: imitação, jogo e sonho, imagem e representação**. 2.ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1975.

SILVEIRA, Maria Cristina da. **O uso de Jogos e de atividade lúdicas como recurso pedagógico facilitador da aprendizagem**. Ortigueira. 2014.



PIBID geografia

## O Ensino da geografia e novos caminhos para o aprendizado

Ana Carolina Vilela

Ensinar geografia desenvolvendo seus conceitos, relacionar ao dia a dia e a outros movimentos históricos e científicos de forma sucinta nem sempre é fácil, entende-se que a geografia aborda diversas vertentes e estudos diversificados se tornando sempre um tema de grande complexidade, mesmo sendo algo constantemente presente em nossas vidas em um aspecto geral. Aprender geografia desde a educação básica, até a graduação é de suma importância na evolução do ser humano. Por esse motivo não se deve negligenciar o estudo e a prática somente a livros didáticos e padrões de planos de ensino quando se tem a certeza de que aprender Geografia necessita de conhecimentos e experiências que interagem o espaço e o aluno.

O processo de desconstrução do aprendizado teórico e memorizador, foi importante para assumir uma postura democrática e se tornar um estudo social e ideológico, como disse Milton Santos, "A geografia quantitativa ou teórica nos traz uma fotografia, uma descrição, e meras descrições não podem ser confundidas com explicações onde estas serão apoiadas pelos métodos científicos". Mesmo com essa evolução que fez a geografia se tornar grade curricular obrigatória dentro das escolas, ainda se mantém uma cultura de aprendizagem que se baseia na memorização daquilo que é passado pelo professor, daí vem o desejo de expandir essa didática para práticas e contato com os "objetos" de estudo da Geografia.

Não cabe mais a utilização de práticas superficiais para ensinar crianças e adolescentes na atualidade, vivemos em um mundo dinâmico em que uma geração naturalmente são adaptáveis a tecnologias, deixando de lado muitas vezes o conhecimento genuíno e o contato com o que está ao seu redor. O contato do aluno com o mundo e com o saber geográfico universal faz com que a criança cresça com a consciência e entendimento de um bom funcionamento social e físico do espaço, nada mais proveitoso do que atividades que fazem

com que essas vivências se aproximem da realidade e que os alunos criem conceitos e visões sobre o mundo.

Para entender melhor um pouco da reflexão sobre o incentivo a novas práticas no ensino da Geografia, o texto está organizado em seções que apontam de forma breve o papel do professor, a estrutura brasileira nas escolas públicas e como a geografia vem sendo aplicada para crianças e adolescentes, além de pesquisas realizadas através de outros artigos, utilizo da minha atual experiência em sala de aula e desenvolvimento de alunos que tiveram a oportunidade de usufruir dessas práticas alternativas em sua educação básica.



Foto: Acervo pessoal - Saída de campo para praia Ilha do Campeche, Florianópolis

### **O professor como influenciador**

Durante esse período de observação tive o prazer de acompanhar os projetos da Lilian, professora de geografia da Escola Básica Municipal Dilma Lúcia dos Santos, exemplo de docência que buscou e busca se renovar em suas aulas. Muito me admirou durante esse tempo como o professor pode influenciar na vida de uma criança, claramente o aluno se interessa e tem prazer em participar das aulas quando existe uma experiência diferente do seu



cotidiano acadêmico, através de atitudes de professores dedicados na aplicação de atividades lúdicas, como os jogos desenvolvidos com 7º ano. A turma em questão possui algumas dificuldades de se concentrar nas aulas e vale a pena ressaltar um caso em especial de um dos alunos que possui autismo, as atividades com os jogos aplicadas auxiliaram no aprendizado do aluno e também de um maior aproveitamento dele juntamente com o restante da turma.

Trabalhar “fora da caixa” pode agregar experiências para alunos e docentes, tendo em vista que todo o contato com algo novo pode ampliar os conhecimentos e desejos de aprender, enquanto ao professor é proporcionado além de toda a experiência, o estreitamento de laços com pais e alunos, pode acompanhar de perto todo esse processo e observar o apreço e respeito que surge entre os alunos e a professora, além do seu retorno como profissional e como professora amada, mostrando quão significativo é para eles esses momentos de aprendizado.

A grande questão quando se trata da aplicação dessas práticas é falta de incentivo desde a graduação até as suas futuras experiências profissionais, muitas vezes nem a possibilidade de aproveitar o espaço é enxergada por falta de motivação e valorização do professor, tudo isso de certa forma influencia nas escolhas do profissional e no desejo de ensinar. Outro fator decorrente é a falta de verba para conseguir auxiliar nas práticas, compra de materiais devidos para o desenvolvimento de projetos, auxílio para saídas de campo e afins, principalmente o ensino público sofre por falta de subsídios e orientação para a busca de novas formas de ensinar e aprender. Ter a sensibilidade de entender o espaço onde vivemos e como isso pode ser aplicado na educação é essencial para progredir na mudança do ensino de Geografia dentro das escolas, já que os estudos geográficos nos dão um leque de opções para essas práticas.

## **O ensino da geografia**

A educação de qualidade muitas vezes está associada a instituições tradicionais e em geral escolas particulares, esse fator automaticamente desvaloriza diversos educadores, surgindo uma construção cultural que limita e desmotiva o desenvolvimento social de uma criança. O ensino da geografia nas escolas é desenvolvido de acordo com a BNCC, porém sabemos que o saber geográfico necessita de uma vivência que vai além disso. A aplicação do conteúdo somente em sala de aula limita o aluno a ter experiências que vão proporcionar no futuro uma maior facilidade de produzir outros conhecimentos e de valorizar a matéria. Na geografia se tem inúmeras opções de temas abrangentes, que na minha convicção, muitas vezes só podem ser de fato entendidas de forma prática. Matérias dentro da geografia que são estritamente teóricas podem se tornar maçantes para alguns jovens e quando o professor busca transformar essa aula de alguma maneira lúdica, traz leveza e facilidade de entendimento dos alunos. O contato com essas novas experiências integra a criança ao mundo em que ela vive e vai crescer, traz evoluções positivas e motivação para frequentar o meio acadêmico.

Tive a chance de estar em convívio de uma escola que além do amor dos profissionais ali presentes, também possui uma ampla estrutura e apoio para os alunos, porém se enquadra em exceção. Nas escolas públicas brasileiras a educação se tornou algo que requer muito amor e dedicação dos professores para permanecer e educar, muitas instituições sofrem do descaso do governo e de suas gestões municipais e estaduais. Sabemos hoje que algumas instituições seguem praticamente desprezadas pelo governo e conseqüentemente pelo docente que por muitas vezes perdem sua motivação de usar um tempo de qualidade junto com seus alunos por falta de organização, estrutura, apoio e reconhecimento como profissional.



Foto - Acervo pessoal. Criação de jogos geográficos na E.B.M Dilma Lucia. Florianópolis, 2018.

Segundo dados de um levantamento feito pelo órgão, todos pela Educação e com base nos resultados da Pnad, cerca de 6% das crianças e jovens não têm acesso a escola e ou não frequentam uma rede de ensino por outros motivos, sendo que 4 a cada 10 param de frequentar a escola. Esses números incluem crianças e adolescentes que abdicam dos seus estudos por conta de trabalho e precariedade da educação no Brasil. Crianças crescem sem conseguir ao menos enxergar possíveis futuros que não se igualam as suas tristes realidades. O meu maior questionamento é como requerer o ensino lúdico e fora de sala de aula, quando não se tem nem ao menos o próprio ensino “regular”?

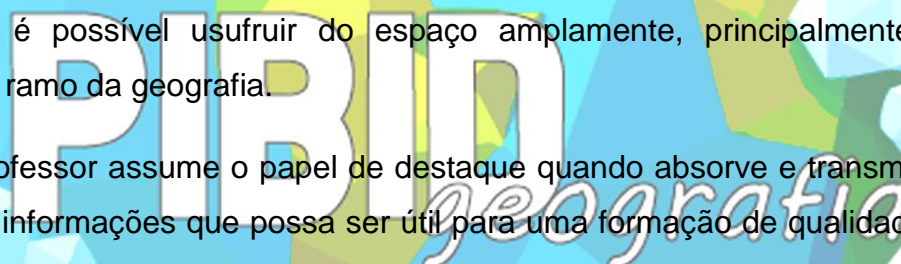
Obviamente o direcionamento correto de verbas para educação é o primórdio para a qualidade e incentivo a valorização das instituições públicas no Brasil, valorizar o professor também se inclui nesse fator. O que tenho observado é que os jovens e colegas de faculdade se interessam cada vez menos pela carreira de docente, consequência dos caminhos que a educação sofre no país, como anteriormente citado a dedicação de um docente pode transformar a vida de uma criança e futuramente mudar o ciclo da sua vida e sua forma de ver o mundo. Investir na formação do professor inclui diversas possibilidades de melhoria dentro das escolas e abre portas para uma educação livre, acessível e democrática. O contato que tive com professores e graduandos da licenciatura apontam defeitos desde a graduação em relação a esse tema.

## **O incentivo e a aplicação de novas práticas nas aulas de geografia**

Levando em consideração a busca da priorização da educação, surge a motivação do profissional de criar novas alternativas de aprendizado. Tradições, costumes locais e patrimônios naturais podem agregar nas práticas lúdicas na geografia, práticas essas que podem ser aplicadas fora ou dentro de sala de aula. Levando em consideração lugares como Florianópolis, que possibilita o professor de Geografia usufruir o espaço de diversas formas ou falar desses espaços com acompanhamento lúdico que aproxima o aluno ainda mais aquilo que ele já conhece.

Complicações como falta de material didático, falta de verba e até mesmo abertura das famílias para atividades como essas, são fatores que contribuem para o não avanço dessa ideia. Acredito que mesmo com esses problemas, é possível usufruir do espaço amplamente, principalmente se tratando do ramo da geografia.

O professor assume o papel de destaque quando absorve e transmite o máximo de informações que possa ser útil para uma formação de qualidade. A geografia proporciona o despertar da curiosidade sobre o meio em que a criança vive e motiva os estudos, refletir a quantidade de possibilidades que a geografia proporciona, agregados a leitura e interações ajudam no desenvolvimento intelectual do aluno.



PIBID geografia





Foto: Acervo Bárbara Napolitano, graduanda de Artes Visuais - UDESC. Florianópolis, 2018.

### **Considerações Finais**

Minha experiência com o ensino da geografia em sala vem sendo gratificante, me ocorreu de conhecer profissionais maravilhosos que buscam mudanças e novidades dentro de suas aptidões. Na escola Municipal Dilma Lúcia dos Santos, os alunos já entendem a importância dessas atividades lúdicas e valorizam acima de tudo o educador que busca construir essas práticas juntos com eles. Exercícios feitos em sala de aula que foram agregados com a criação de jogos fizeram da sala de aula um espaço de comunhão e aprendizado de uma forma mais leve e divertida.

Reconhecemos que são muitas as dificuldades encontradas no caminho da docência, principalmente nas redes públicas brasileiras. Mesmo que falta a conscientização e incentivo público, nos como discentes devemos se entusiasmar com a ideia de levar o ensino de qualidade além da sala de aula. Reivindicar a valorização do professor e a manutenção na educação e nos parâmetros curriculares. Entender as limitações do lugar onde você vive, a situação cultural e social, o que pode ser feito para motivar o profissional e buscar que o movimento aconteça desde sala de aula e utilizar daquilo que se

tem disponível no espaço e em outros lugares para buscar caminhos para aplicar essas atividades.

## Referências

Bispo, Luana. **A educação patrimonial e suas práticas de incentivo a culturas locais**. Revista Simbiótica vol. 3, n. 1, jan.-jun., 2016.

Revista Educação Pública.

Silva, Malena. Modesto, Daiane. **Experiências e saberes geográficos e saberes geográficos além da sala de aula**.

[g1.globo.com/educacao](http://g1.globo.com/educacao)

[todospelaeducacao.org.br](http://todospelaeducacao.org.br)



## **Professores e seus artesanatos: aprendendo a transformar**

### **Geografia em jogos lúdicos**

*Ayrian Hugo dos Santos Thédiga*

No ano de 2018, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID/ geografia) da Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) iniciou um projeto na Escola Municipal Professora Dilma Lúcia dos Santos, localizada na Armação do Pântano do Sul, bairro ao sul da Ilha de Santa Catarina. O projeto aconteceu com os bolsistas do PIBID geografia, um grupo de seis pessoas que acompanhou as turmas de sexto e sétimo ano junto a professora de geografia da escola, nos meses de setembro a dezembro. Debatendo elementos essenciais para a educação junto com a coordenadora do PIBID e a professora, fomos apresentados a dois projetos, dos quais destaca-se o projeto de jogos lúdicos adaptados com conteúdo de geografia.

Servindo como norteador do projeto, o sétimo ano foi a turma direcionada essencialmente com essas atividades. Os três estudantes do PIBID que acompanharam a professora, despertaram os olhos atentos e curiosos dos estudantes que frequentavam sua turma. Logo no primeiro encontro, os olhares, desconfiados, se voltaram para o que relataríamos para a professora e para eles. Como uma família, esses alunos se juntavam com aqueles que tinham afinidades, e se distanciavam daqueles com quem não simpatizavam. Alguns olhavam para nós parecendo pensar em uma forma de desviar atenção, e fazer com que aquilo que a professora estava explicando fosse menos proveitoso que jogar conversar fora. O que havia era uma interação sem conteúdo, e indagações com sentido individual.

Nas idas e vindas à escola, ficou marcado na fala da professora o seu “relato da experiência de ser professora”, constatando para eles a dificuldade de ser professora. Ela também explicava o porquê não tinha atividades de campo com essa turma, devidamente, contagiando a todos com suas emoções, exaltando seus desafios e frustrações. Por fim, falou da sua paixão que é a geografia e do orgulho de fazer parte desta profissão, sentimento que lhe fez

afirmar que, sim, “sou professora e amo o que faço”. (Diário de Campo, 05/10/2018) Com ouvidos atentos, sem sussurros e sem cochichos em sala, o silêncio que prevalece é reflexo de uma realidade que lhes machuca de certa forma. E por fazer parte do que um dia poderia não ser essa turma que direcionou sua voz.

### **Reflexões sobre o artesanato**

A partir desse relato, faz enaltecer o livro Esperando não se sabe o quê: sobre o ofício de ser professor (2018), de Jorge Larrosa. Ao relembrar os relatos vivenciados na escola e compará-los com os apresentados no livro, eles se assemelham aos desafios que faziam parte do cotidiano e servia de reflexão para os leitores que apreciavam todas as páginas de uma forma e realidade diferente. Parar para refletir o ponto de vista de quem escreveu, é dar a ver o ponto de vista de quem lê a experiência do professor. Nesse sentido, a pergunta que emerge é: A reflexão para você leitor, qual ponto de vista surge?

Para os estudantes, não há mais um ponto de vista. Para eles, que estavam perplexos e esperavam apenas escutar, como em qualquer outro dia normal de aula expositiva, foi o erro e a supressa em apostar naquilo que estão acostumados – como muitos professores fazem ao desabafar nos ombros dos alunos – o que tornou a iniciativa algo novo. Fazer a diferença ao perceber que algumas palavras podem ser substituídas por atividades que eles mesmos produzem, passa a ser um desafio para eles.

Parando para compreender a iniciativa da professora com essa turma, fica a curiosidade do incentivo. Os estímulos para todos os que estão em processo de formação tenham a oportunidade de ler, debater, aprender, ensinar e se inspirar, uns com os outros, para nutrir-se. Nós, professores, somos inocentes em pensar que deixamos de aprender quando nos formamos. Não percebemos que nunca deixaremos de ser um estudante, que sempre aprendemos mais e mais. Esse seria o ofício de professor. Uma citação de Hannah Arendt (2000) transpassa todas as ideias sobre essa profissão. Um trecho muito bonito no qual ela fala sobre o amor ao ofício de ser professor:



A educação é o ponto em que decidimos se amamos o mundo o bastante para assumirmos a responsabilidade por ele e, com tal gesto, salvá-lo da ruína que seria inevitável não fosse a renovação e a vinda dos novos e dos jovens. A educação é, também, onde decidimos se amamos as nossas crianças o bastante para não expulsá-las do nosso mundo e abandoná-las a seus próprios recursos, e tão pouco arrancar de suas mãos a oportunidade de empreender alguma coisa nova e imprevista para nós, preparando-as em vez disso com antecedência para a tarefa de renovar um mundo comum. (ARENDR, 2000, p. 247).

Falar sobre o ofício de professor requer inúmeras interpretações. Um exercício constante é construir uma rotina que passa a ser indispensável, criar seu próprio material. Aqui, fica mais um questionamento: que material seria esse que o professor precisa? Para responder a essa pergunta, me coloco no exercício de pensar, citado por Larrosa (2018). Um material essencial para o professor seriam as palavras, mas não seria apenas o uso delas.

Para aquelas pessoas mais criteriosas que não dão valor ao verdadeiro ofício, é bom lembrar que o ser professor é umas das profissões mais antigas. Ser professor é ser artesão, modelar, transformar, da forma. Em um país no qual há tantos retrocessos para o ofício de professor como o Brasil, deixa-se em evidência o empobrecimento e uma mercantilização da educação em um mundo de ego.

A escola deixa de ser um lugar de estudo, infelizmente, é uma realidade que vivemos. Os desafios diários desse ofício para quem está em processo de formação é encontrar aquilo que desperta o desejo de ensinar. É também se perguntar: será que me tornei professor, sem nunca ter sido estudante?

Ser professor é estar atento às coisas pequenas, ser sensível aos sinais do mundo, aos detalhes, as minúcias. É produzir algo através dos materiais e fazer de qualquer coisa uma aula. É trabalhar com as mãos, é transformar os alunos em estudantes. Como diz Maarten Simons (2013, p. 67), “ser professor é amar sua matéria e fazer com que todos tenham acesso a ela”. Esse é o processo artesanal do ofício de ser professor que ainda se mantêm. As ideias surgem, os materiais se constroem e o verbo “aprender” passa a existir, uma vez que, para quem estuda o tempo varia do finito para o infinito. Infinitos pensamentos, ideias, percepções. Transformando seres humanos em seres pensantes e, assim, alunos em estudantes.

## Primeira experiência: Super Trunfo

Trilhando sobre seus pensamentos confusos e ideias ambiciosas, veio a calhar com o conteúdo que seria aplicado no terceiro bimestre, que era sobre as regiões brasileiras. Tendo em vista que o livro didático trabalhava com muitas informações quantitativas, surgiu a ideia de trabalhar esse conteúdo baseado no jogo Super Trunfo<sup>2</sup>.

O que tornaria um conteúdo de geografia em forma de jogo tão atrativo? Para responder, entende-se que o maior objetivo para aprender o conteúdo não parte da explicação do professor, mas sim da pesquisa e análises que o estudante, obrigatoriamente, tem que fazer para assim compreender do que se trata o assunto. Sendo assim, abrimos as possibilidades de “estudar brincando”, onde não houve uma pressão sobre eles, o que tornou o ambiente amistoso e agradável para todos. Desta forma, a ideia em conciliar estava, de certa maneira, fluindo com a interação entre os alunos, que perceberam que eles teriam que produzir um jogo.

Oportunidade essa que deu chance para eles imaginarem um mundo de possibilidades. Assim, no primeiro momento da aula, pedimos que eles criassem um jogo baseado em gostos peculiares de cada um. Logo no início, surgiram algumas ideias promissoras baseadas em jogos de RPG<sup>3</sup>. Jogos de fases com temática de cada região, podendo ser de luta, esporte e corridas, tabuleiros entre outros, ou também mais complexos com jogos de tiro, ficção, terror. Assim, deixamos que eles por um momento pensassem sobre o tema que queriam abordar.

Voltando a explicação sobre o jogo, foi passado todo o procedimento que eles teriam que fazer, iniciando por: 1) cortar em uma folha A4; 2) recortá-la em forma de cartas de baralho tradicional; 3) desenhar a bandeira de todos

---

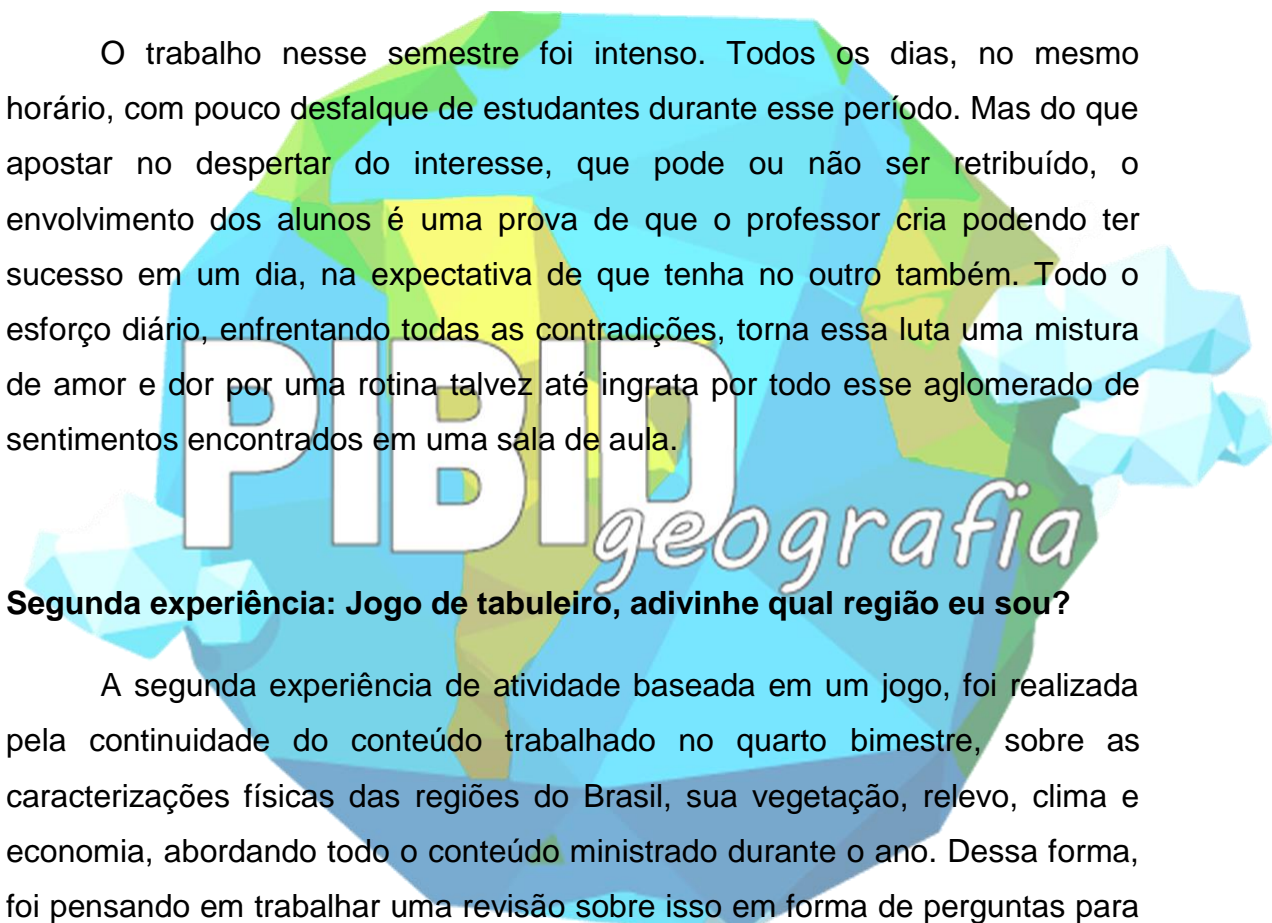
<sup>2</sup>Regras do jogo Super Trunfo tem como objetivo ganhar todas as cartas do baralho. O jogo baseia-se na comparação dos valores de sua carta com a dos outros jogadores. Para sua carta vencer, a característica escolhida precisa ter valor maior ou menor (em alguns casos) do que a carta dos seus adversários. Quando sua carta vence, você ganha a carta dos seus adversários e a próxima carta de sua pilha aparece para uma nova jogada. Disponível: <http://www.gametrack.com.br/jogos/cancan/instrucoes/supertrunfo.asp>

<sup>3</sup> RPG é a sigla em inglês para Role Playing Game, que pode ser traduzido como jogo de interpretação ou de representação de personagens. Disponível: <https://www.daemon.com.br/home/o-que-e-rpg/>

os Estados, incluindo o Distrito Federal, 4) informar nome, área, população, Produto Interno Bruto (PIB) e, 5) colocar os valores que estavam escrito no livro em que estavam trabalhando.

Esse jogo foi todo desenvolvido pelos os alunos. Uma vez que, deu certo o andamento dessa atividade, foi feita uma análise mais aprofundada se essa nova metodologia estava mais eficaz do que a aula expositiva. Ao decidirmos dar continuidade em uma nova atividade, o grupo apostou em conciliar este com outro jogo.

O trabalho nesse semestre foi intenso. Todos os dias, no mesmo horário, com pouco desfalque de estudantes durante esse período. Mas do que apostar no despertar do interesse, que pode ou não ser retribuído, o envolvimento dos alunos é uma prova de que o professor cria podendo ter sucesso em um dia, na expectativa de que tenha no outro também. Todo o esforço diário, enfrentando todas as contradições, torna essa luta uma mistura de amor e dor por uma rotina talvez até ingrata por todo esse aglomerado de sentimentos encontrados em uma sala de aula.



## PIBID geografia

### **Segunda experiência: Jogo de tabuleiro, adivinhe qual região eu sou?**

A segunda experiência de atividade baseada em um jogo, foi realizada pela continuidade do conteúdo trabalhado no quarto bimestre, sobre as caracterizações físicas das regiões do Brasil, sua vegetação, relevo, clima e economia, abordando todo o conteúdo ministrado durante o ano. Dessa forma, foi pensando em trabalhar uma revisão sobre isso em forma de perguntas para que eles pudessem associar características específicas de cada região. Espelhando sobre essa temática, foi pensando criar um tabuleiro no formato do mapa do Brasil, lembrando as cartas do Super Trunfo, desta vez um formato maior que seria destinado às perguntas que os alunos teriam que escrever para associar a alguma região.

A execução dessa atividade de forma artesanal, foi nos surpreendendo ao vermos o desenvolvimento dos alunos. Ao receberem o pano, um papel com as dimensões impressas, um papel grafite, tintas guaxe e pincéis, a motivação

e o entusiasmo demonstrado pela professora cativava os alunos e os incentivava a poderem fazer outro jogo, que fosse realizado por eles. Partindo desse momento, um simples pano um pouco maior do que uma folha A3, foi, então que alguns dos alunos tiveram contato com a primeira experiência contornar as dimensões do Brasil. em cima do papel grafite que estava sobre o pano.

Foi então que o inesperado ocorreu. Sem entender como e o porquê o pano ficou marcado, uma vez que eles tinham contornado com caneta azul sobre o papel e a marca da cor cinza no pano bege, nesse momento os alunos ficaram abismados, atônitos, espantados. Entretanto todos ficaram maravilhados por ver acontecer o que consideraram como uma pequena mágica, algo que até aquele momento não sabiam responder o porquê daquilo acontecer.

Em uma explicação simples ao mostrar o papel grafite, deu brechas para brincadeira, que se tornaram tumultos na sala até o ponto de elevar os sentimentos a flor da pele. Foi preciso conter alguns alunos que estavam mais afoitos, que costumam se fechar ao ser chamado sua atenção, perdendo a vontade de produzir, de estudar, brincar e até mesmo conversar. Ao deparar-se com essa situação, a professora decidiu, ela mesma, organizar os grupos, separando os que comumente costumam fazer trabalhos em grupos, e que se dividem por afinidade. Para alguns, estar em um grupo que não são tão próximos despertou um incomodo, o que ficou evidente para dois alunos em específico.

Obtendo mais informações sobre o histórico desses alunos, foi possível perceber o quanto a escola oferecia alegrias momentâneas, seja dentro e fora da sala de aula. Ocasões que, quando conversado com esses alunos, os fazem gostar mais de estar na escola do que em casa. Em momentos de encontro não planejados fora da escola, eles emitiam olhares tristonhos, alavancando a pergunta: Será que percebemos o quanto é importante para o aluno esse bem de estar na escola? Pode ser uma realidade com a ignorância e a pobreza encontradas em suas casas ou algo que fogem da realidade de nossos olhos de professores, mas encontramos neles os sentimentos solitários,



como se pudéssemos estender a mão, para que não fechasse sobre si mesmos.

Retomando a execução da atividade, os grupos confeccionaram o tabuleiro pintando cada região de uma cor com as tintas guaxes em uma cartolina comprida. Foram feitas as trintas cartas que seriam divididas nas cinco regiões, com seis perguntas sobre cada região. No decorrer das aulas, semana após semana, a rotina foi afetada coincidentemente pelos feriados nacionais e pelos conselhos de classes que foram marcados no dia da semana que tinha aula dupla de geografia. Por esses motivos, infelizmente essa atividade ficou incompleta, pois o semestre se encerraria logo após o término dessa atividade. Entretanto, a professora avaliou o desenvolvimento e o comprometimento pelo que foi feito por cada grupo e aluno, encerrando assim as notas, e todo esse esforço seria recompensado na mostra-cultural que é o momento onde são expostos todos os trabalhos de cada turma no ano.

Vale ressaltar que a escola Dilma tem uma peculiaridade sobre as salas de aula. Cada disciplina tem sua sala temática e, em especial, a de geografia tem mapas, globos, rosas dos ventos, sistemas solares, deixando aquele lugar realmente especial e geográfico. Um mundo de curiosidades a ser visto, ensinado e aprendido aos olhos de quem lê.

Descrever um pouco sobre como é a sala deixa aos olhos do leitor uma sala que conforta os alunos pela atmosfera que ela cria. Mas pouco há sobre a geografia em do bairro que a escola está localizada. E por que isso seria relevante? Pois, como acreditamos, existe a história do lugar e ela está intrínseca na geografia espacial. Algo que há de ser exaltada pela beleza e exuberância desse pequeno lugar conhecido como Armação do Pântano do Sul.

Entre morros, rios, lagoas e uma vegetação de mata atlântica sem igual, surgem nesse pequeno e encantado pedaço de terra habitações, residências que se instalaram neste recortado litoral do sul da Ilha de Santa Catarina. Tal local que teve grande influência econômica, e difusora dos desenvolvimentos do sul da Ilha, a pesca da baleia e as grandes armações foi estrategicamente montada e construída para a produção com suas iguarias a ser feitas e

vendidas com o óleo para iluminação, carne para alimentação e seus ossos para construção civil.

Explorando essa paisagem que se teve a ideia de que poderiam reproduzir outros jogos dos próprios bairros em que moram. Os alunos, todos moradores da região, indicaram que poderiam falar sobre as praias e fazer características como fizeram em cada região. O ápice da ideia que pode ser reproduzida em um futuro próximo, colocando sobre as histórias e aspectos físicos de cada lugar. Assim, segue contagiando ideias e alimentando imaginações, o que para os estudantes é seu bem mais precioso.

### **GeoCurtas: Captando pelas lentes dos olhos e da câmera os movimentos visíveis e invisíveis na Escola.**

Falar sobre a produção do GeoCurtas é lembrar dos planejamentos feito no início do semestre, quando a coordenadora do PIBID geografia da UDESC, tinha como meta retomar o projeto de GeoCurtas. O GeoCurtas é um projeto voltado a fazer pequenos curtas sobre experiência e práticas geográficas dentro e fora da sala de aula. Inovador por ser sintetizador de todos os trabalhos produzidos, podendo haver várias formas de reprodução, tipos de filmagens, essa liberdade de produção de curtas foi proposto através de minicursos sobre cinematografia e documentários, dando todo suporte e embasamento para a produção e criação desses curtas.

O GeoCurtas feito sobre a turma, teve como temática os movimentos escolares invisíveis. O que torna invisível um lugar que é habitado por pessoas diariamente e as próprias pessoas não percebem seus movimentos? Foi pensado nisso que foi feita a filmagem, como se fosse a visão do aluno e professor chegando na escola, atravessando grades dos portões que separa dois mundos. Ao entrar e trilhar caminhos que todos eles percorrem, os passos levam a um lugar só: a sala de aula.

Como dito antes, por ser uma temática que faz entrar em um novo mundo que só quem conhece sabe o que é, estar dentro é desfrutar todas as experiências, experimentar o aconchego dessa sala, apreciar o bem-estar de

aprender algo novo todos os dias. Em reprise do que foi trabalhado no grupo de estudos do PIBID, feitos semanalmente, foram analisados textos reflexivos sobre as diferentes linguagens das imagens. Colocamos em destaque tais impactos, moldando percepções, ideias, opiniões daquilo que é excessivamente divulgado pelos grandes meios de comunicação, além do que são enfatizados e romantizados, mostrando um lado que é belo, desenvolvidos, paisagens ou características de lugares que comumente não são mostradas outras realidades.

Tal realidade de que há problemas a serem divulgados e que há problemas sociais, mesmo em cidades de países desenvolvidos retratados em livros didáticos, onde o aluno tem um primeiro contato com um item, que é repleto de informações que são consumidas em uma mente de uma criança que está desenvolvendo sua visão de mundo. Analisar sobre o que a imagem representa e o que a mensagem transmite, é a base da produção do GeoCurtas que foi colocado em prática, mostrando o inimaginável que é possível, e conciliando diferentes tipos de jogos com a geografia.

Em sua produção foram utilizadas câmera de smartphones dos próprios bolsistas. Entre filmagens e fotos, foram feitas edições com trilha sonora de início com a música de Luiz Gonzaga – “Vida de um viajante”. No desenvolvimento do vídeo houve uma pausa para a explicação da professora, relatando o surgimento dessa ideia dos jogos lúdicos de geografia e como foi planejada para ser realizada.

Como trilha sonora de fundo foi colocada uma música ambiente para retomar e dar ênfase na filmagem, que foi realizada com a câmera parada, registrando o final da aula, capturando os movimentos invisíveis que mostram diversos fluxos de pessoas em um único ângulo, algo surpreendente de ser ver. Finalizando com Waldir Azevedo – “Brasileirinho”, aos olhos de que volta a atravessar as grades que separa os dois mundos, mas em direção a realidade acelerada da sociedade sendo bem representada pelo ritmo da música, mesclando imagens, vídeos, sons e seus ritmos, dá-se origem ao produto final de mais do que um projeto. Uma proposta sólida que ensina, inspira, transforma e desenvolve.

## Considerações finais

A Universidade é um mundo de oportunidades, programas, extensões. Uma delas, o PIBID, é um dos poucos que faz o graduando se soltar das amarras e deixar de ser “fantoche”, nesse momento de atuação docente. Como um bebê que começa a dar seus primeiros passos, pois ao iniciar cria-se rotinas, objetivos e metas que por meses sendo orientado com leituras e atividades, seus processos que desencadearam atividades formidáveis, com todo enriquecimento de experiências vividas e particularmente despertadas nesse processo de criação.

Em um futuro essa bagagem nos dá oportunidade de sempre retirar e colocar mais conteúdo para levar conosco. Nesses momentos de reflexão cria-se uma retrospectiva mental, como a produção de um pequeno GeoCurtas em nossas mentes, que todos nós estamos dispostos a criar após essa leitura. Os professores que acompanham ano a ano, desenvolvendo e educando, tem como privilégio ensinar as diferentes visões de mundo, a primeira etapa para visualizar as desigualdades, pois com toda certeza ela aprendeu nos pequenos núcleos em que habita, seja na residência e escola, que lapidam informações de falsas realidades existentes no globo.

Professores-artesãos e professoras-artesãs, modeladores e modeladoras de ideias, que dominam a arte de ensinar, que criam possibilidades de aprender, são seres poderosos que enfrentam as adversidades da vida. Planejando uma aula, nesses momentos que vivem não há lugar definido para criação. Todo e qualquer lugar pode despertar algo, seja dentro de um ônibus em pleno engarrafamento, em sua residência ao lado de um canteiro obras até em hospitais enquanto espera ser atendido por estar doente. O ofício de ser professor está na forma como olhamos o mundo e interagimos com ele. Como nos diz Jorge Larrosa sobre a maestria:

A obra do artesão, seu ofício, mostra sua maestria, ou seja, ao saber incorporado, encarnado em seu mesmo corpo. E isso da artesanaria, do modo artesão de encarar o ofício, se converteu em algo já anacrônico e obsoleto numa época em que a universidade concebe seu próprio funcionamento ao modo industrial ou pós-industrial. (LARROSA, p. 319, 2018)



São mentes ligadas e interligadas no que proporcionam alegria e desejo de ensinar, e para quem observa sua maestria, seus gestos e a mágica em desperta a vontade de aprender dos estudantes tendo a satisfação como recompensa. Um bem imaterial de grande valor e que ainda alimenta, enriquece corpo e deixa a mente sã, pois este caminho que trilhado é o lado certo desta história.

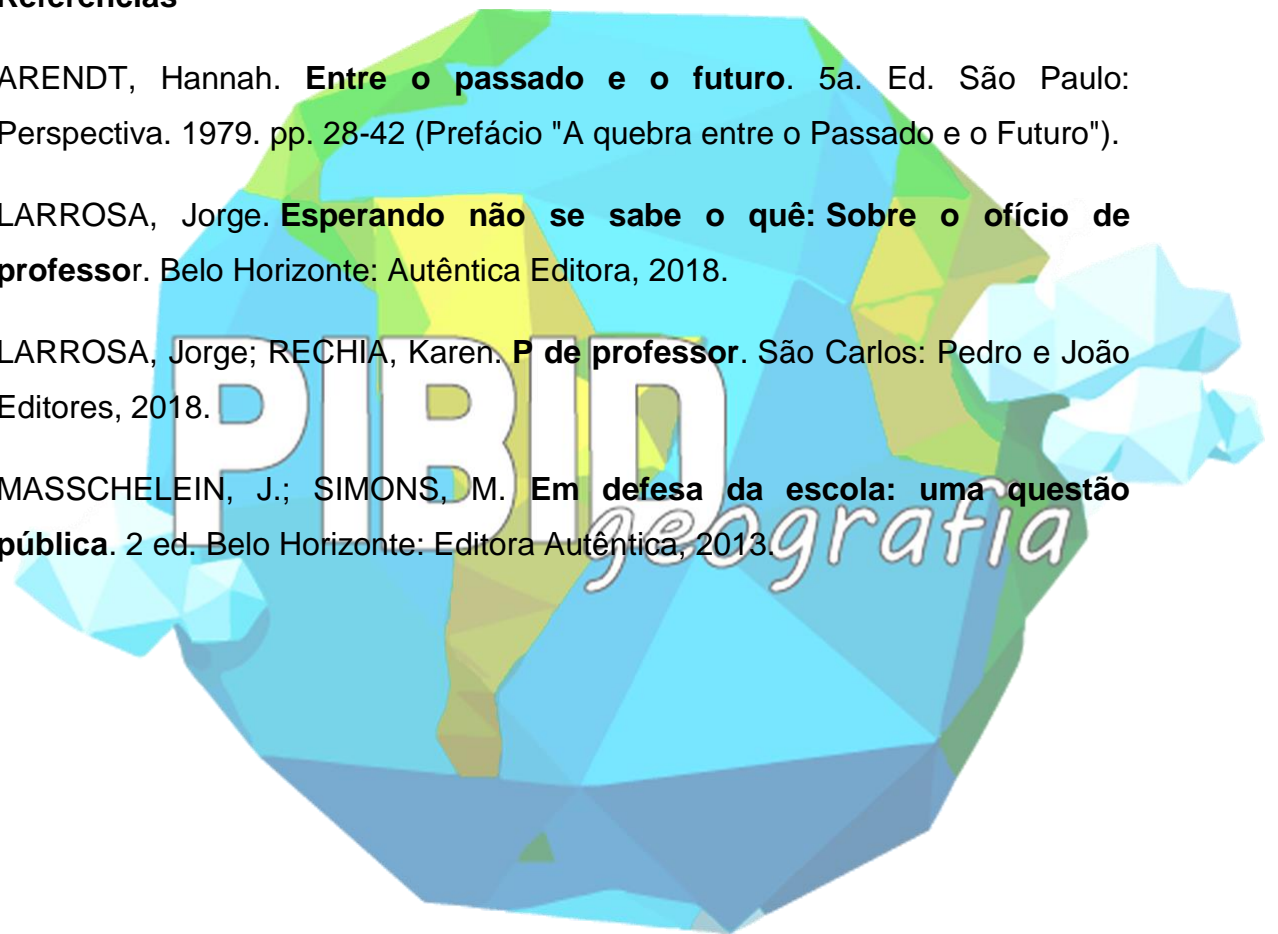
### Referências

ARENDRT, Hannah. **Entre o passado e o futuro**. 5a. Ed. São Paulo: Perspectiva. 1979. pp. 28-42 (Prefácio "A quebra entre o Passado e o Futuro").

LARROSA, Jorge. **Esperando não se sabe o quê: Sobre o ofício de professor**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

LARROSA, Jorge; RECHIA, Karen. **P de professor**. São Carlos: Pedro e João Editores, 2018.

MASSCHELEIN, J.; SIMONS, M. **Em defesa da escola: uma questão pública**. 2 ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2013.



## Três escolas parceiras do PIBID através de fotografias

Bárbara Isadora Grando

Marina Tamaki de Oliveira Sugiyama

O leitor porque leitor conhece escola. Convido-o, portanto, para que, na imaginação, comigo, entre em qualquer uma delas: ande pelos corredores, de chão muito pouco usado, a não ser por pés; de paredes vazias (às vezes aqui e ali com um mural ou um cartaz); de teto do qual pendem ou no qual estão presas, muito solitárias – frequentemente queimadas –, uma e outra lâmpada. Em um espaço de leitura e escrita e de construção do saber, não causam estranheza metros e metros quadrados sem “letra”? No entanto, nesses espaços o que é bem-visto – estranha estética –, porque assim estão limpos, é a cor (o amarelo escuro, o cinza, um branco “sujo” ou o preto) e o “nada” sobre ela. (ALVES, 1998, p. 11-12)

Uma proposta pode, de certo, gerar certos anseios. Trabalhar na gestão de um *site* e lidar com novas ferramentas e tecnologias, com certeza era algo inusitado, visto que nossas expectativas giravam em torno da presença em sala de aula, do tato com os estudantes e do planejamento de oficinas. Mas o desafio foi posto e, sem tempo de organizarmos nossas ideias, aceitamos. Agora, olhando para trás, podemos enxergar uma experiência tão rica quanto qualquer ideia que havíamos premeditado sobre seria nossa experiência com o Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID).

A proposta era clara: criar e gerir um *site* para o programa e alimentá-lo com as produções e atividades realizadas pelos bolsistas. Mas como criar um *site* para o programa com um visual que remete à geografia? Como estruturar um site no qual o visitante possa conhecer os projetos desenvolvidos e seus sujeitos?

De início, um turbilhão de ideias: uma identidade visual, um formato de *site* e modelos para seguir. Foram ideias mirabolantes e tropeços bruscos, nos lembrando do parco conhecimento e das habilidades básicas que possuímos com as tecnologias digitais - sempre presente nas nossas vidas, mas pouco utilizadas frente ao seu potencial.

Um pouco mais cientes de nossas limitações, buscamos elaborar a estrutura de um *site* que pudesse situar o visitante quanto ao contexto das escolas parceiras e os projetos desenvolvidos pelos bolsistas.

Concomitantemente, buscamos nos apropriar das ferramentas adequadas e disponíveis, uma experiência totalmente nova para nós, estudantes do curso de geografia.

Para elaborar o histórico das escolas parceiras do programa, foi necessário que conhecêssemos as mesmas, suas estruturas físicas, coordenações e, mesmo que brevemente, suas turmas e professores. Em uma semana, conhecemos, participamos e conversamos com três diferentes espaços e extraímos deste momento uma primeira impressão sobre as escolas. Nos deparamos com as diferentes paisagens que as cercam e as divergências entre suas estruturas físicas. Através da apresentação das escolas, dos projetos e dos docentes de geografia, parceiros do programa, foi possível esboçar, suavemente, uma ideia das diferentes realidades escolares.

Fomos apresentados a três escolas localizadas em bairros diferentes, com estruturas, projetos, planejamentos, estudantes e professores diferentes entre si - nos indicando que as atividades em cada uma seriam, também, muito distintas.

Fora este primeiro momento, e em eventos pontuais, nosso contato com as escolas e com seu cotidiano aconteceu por meio das fotografias e do conteúdo audiovisual produzido pelos bolsistas do programa, bem como através dos relatos destes durante as reuniões do programa, que contribuíram para alimentar o *site*.

A partir das fotografias que chegavam à nós pudemos enxergar contextos escolares totalmente distintos e até mesmo constatar uma visão equivocada e premeditada que havíamos formado, logo de início, sobre as mesmas.

E é sobre esta experiência que este texto se debruça, ou seja, como as fotografias e o conteúdo audiovisual, somado aos relatos dos participantes do programa, nos permitiu vislumbrar, se não as diferentes realidades, mas as peculiaridades de três escolas distintas. Ainda, buscamos explorar o potencial das imagens, que foi, no decorrer do programa, um tema muito abordado

durante as reuniões e estudos dirigidos, bem como nas intervenções e projetos desenvolvidos pelos bolsistas.

Este é o relato de uma dupla que estava envolvida com todo o grupo, as três escolas, seus professores, suas diversas turmas e práticas quando não presencialmente, através dos relatos e fotografias feitas pelos bolsistas.

### **Diferentes linguagens no contexto escolar**

O uso da fotografia e dos recursos audiovisuais como ferramentas educacionais foram, por diversas vezes, tópicos muito discutidos e estudados durante os encontros do PIBID. Conforme Oliveira Jr e Girardi,

A emergência, já não tão recente, da temática das diferentes linguagens no ensino da geografia parece acompanhar uma constatação generalizada da necessidade de a escola se apropriar da profusão de fontes informativas presentes no cotidiano extra-escolar, como meio de motivação ou sensibilização dos alunos aos conteúdos curriculares. (Oliveira Jr e Girardi, 2011, p. 1)

Quando propõem uma discussão acerca das “diferentes linguagens”, os autores supracitados evidenciam a necessidade da superação do predomínio da linguagem escrita/oral no contexto escolar. Há uma certa urgência pela diversificação dos materiais escolares. E tal fato não significa a substituição ou mesmo exclusão do uso da linguagem escrita e oral, mas “ressaltar as possibilidades da imagem e de seu uso como meio de contemplar os múltiplos elementos da complexidade da vida cotidiana nas/das escolas de modo mais efetivo que aquilo que podemos fazer por intermédio, apenas, dos textos escritos” (Alves e Oliveira, p. 32).

Entretanto, a utilização da imagem não deve ser feita de maneira meramente informativa e indiscriminada pois, além de não explorar seu potencial contestador/crítico, permite a perpetuação de uma perspectiva de aquisição de conteúdo, onde a imagem, tida como diferente linguagem, busca apenas motivar os alunos e facilitar o processo de “transmissão” de conteúdo por parte dos docentes. Além disso, em diversas situações, as imagens são tidas como tradutoras da verdade, com uma função informativa de fatos concretos e de conceitos pré-estabelecidos.



Ainda, segundo Oliveira Jr. *et al* (2013), as imagens escolares, tendem a manter uma estética informativa-documental, sempre presente nos livros didáticos, colocando os alunos em posição neutra, de espectador. Esta estética de distanciamento transmite um sentimento de um lugar intangível, quase subjetivo, onde a realidade está posta e esta, por sua vez, é imutável. Nos tornamos espectadores distantes dos nossos lugares.

Quando pedimos que documentem a realidade, será que estamos fazendo a pergunta certa? Ou será que estas palavras – documento e realidade – já estão coladas num certo tipo de estética inventada pela perspectiva de foco único e radicalizada pela fotografia e pelo audiovisual habitual, de forte viés comunicativo-informativo? E é aí que a tradição escolar se enraíza – e se bloqueia – por buscar reproduzir aquilo que é tido como o mais verdadeiro e confiável? Ou como o mais real? Ou como o mais fácil e banal? Ou como o menos questionável em nossa cultura fortemente pautada pelo “creio no que vejo”? (Oliveira Jr. *et al*, 2013, p. 30)

A quebra desta estética pode nos levar à uma outra exploração das imagens, das realidades retratadas e de nossa própria realidade. Quando nos propomos a observar uma situação sob um ponto de vista diferente do habitual, estamos abertos à novas percepções e novas análises.

Portanto, é importante para nossa reflexão a respeito da análise das fotografias produzidas pelos bolsistas do programa, entender que “quem produz a imagem, significa-a” (Oliveira Jr. *et al*, 2013, p. 35). Ou seja, as fotografias e os recursos audiovisuais produzidos pelos bolsistas do PIBID, além de buscarem a utilização de diferentes linguagens no ensino, colocam as diferentes linguagens como um elemento do processo de criação. Pois “a escolha de uma linguagem para dizer alguma coisa, para criar alguma coisa é já uma escolha que definirá o conteúdo que será dito. Forma e conteúdo não se desgrudam, não se separam, mas antes se coadunam na gestação de pensamentos e obras” (Oliveira Jr. e Girardi, 2011, p.4).

Adiante, iremos expor a utilização das diferentes linguagens por meio dos bolsistas, mas antes é necessário enfatizar que a produção e criação de fotografias e conteúdo audiovisual, bem como a seleção destes para compor o site do PIBID e para fazer parte desta análise - de se entender as diferenças das dinâmicas dos contextos escolares - são dotadas de intenções e que se refletem nas mesmas: a escolha do ângulo, do formato, do cenário e etc.

## Visões de escola e atividades do PIBID

Os projetos desenvolvidos nas escolas parceiras dependeram, principalmente, das demandas das mesmas, ou seja, as atividades desenvolvidas pelos integrantes do PIBID tiveram que ser pensadas junto aos professores das escolas parceiras. Portanto, as atividades realizadas foram diferentes em todas as escolas, adequando-se a realidade apresentada.

A escola de educação básica Porto do Rio Tavares foi uma surpresa para nós. De início, nos chamou atenção a estrutura debilitada, com as salas divididas por tapumes de madeira e o edifício solicitando reparos, e as grandes imagens católicas expostas na sala da direção. Durante a reunião de apresentação com a coordenação talvez tenhamos, uma vez ou outra, tido alguns sobressaltos diante dos gritos da diretora para as crianças que na porta batiam, interrompendo a reunião. Portanto, talvez seja válido dizer que, no geral, não tínhamos muitas expectativas sobre os projetos que seriam realizados na escola pois, seguindo aquela teimosa mania de julgar a capa, não nos atentamos as possibilidades que ali existiam.

Mas, como toda boa reviravolta na estória, na escola Porto do Rio Tavares, pudemos perceber, no decorrer do semestre, uma grande interação da escola, entre os estudantes, os professores e os demais funcionários com as problemáticas locais - tanto dentro da própria escola, quanto no bairro onde se localiza. As fotos que chegaram à nós, contam sobre preciosos momentos de discussões, decisões, mobilizações, risadas e conversas entre os alunos e todo o grupo escolar.

## Imagem 1. Mobilização no Porto do Rio Tavares



A realização de uma mobilização como essa, que pede por melhorias na estrutura física da escola, nos mostra como a escola se coloca frente à comunidade: política e ativa. (Fonte: Acervo PIBID 2018)

A realização de uma mostra cultural e científica sobre as questões acerca da bacia hidrográfica do rio Tavares foi resultado deste envolvimento. As fotos retratam estudantes preocupados e envolvidos com a sua realidade, cada um de sua maneira, e motivados a melhorarem, em conjunto, o contexto da sua escola. O trabalho realizado pelo PIBID nesta escola resultou em um vídeo-documentário, acerca dos desafios encontrados pela escola, que por si só já renderia uma nova discussão.



## Imagem 2. Realização de assembleia na escola



Novamente, a participação e envolvimento dos estudantes nesta atividade demonstra o interesse dos mesmos pela comunidade onde vivem e pela manutenção da qualidade de suas vidas. (Fonte: Acervo PIBID 2018)

Já o Colégio de Aplicação seguiu no sentido inverso. A percepção inicial de uma grande escola, aos moldes da Universidade Federal, trouxe animação ao grupo, pela possibilidade de trabalhar com os diversos projetos, turmas, professores e ideias que ali são produzidas. A animação apenas aumentou durante a apresentação da escola com suas paredes repletas de desenhos e pinturas, com laboratórios diversos, para todas as disciplinas e até mesmo para os projetos desenvolvidos. Toda a escola parecia fervilhar de possibilidades e movimentos constantes, materializando a imagem que tínhamos em nosso imaginário. Tudo que nos era apresentado parecia destoar do que geralmente conhecemos em outras escolas da rede pública. Além da infraestrutura singular e dos recursos abundantes, a escola conta ainda com diversos projetos, elaboradamente estruturados e que nos saltaram os olhos devido à complexidade: projetos de pesquisa, de ensino e de extensão, eixos que muitos de nós só viamos conhecer na universidade e que nesta escola se faz presente desde o ensino fundamental.



### Imagem 3. Mural na escola de projeto desenvolvido



Os murais pintados presentes na escola, como esse, nos ajudam a criar uma imagem sobre os projetos e as interações entre os estudantes da escola. (Fonte: Acervo PIBID 2018)

Entretanto, para a surpresa do grupo, esta foi uma das escolas mais difíceis de realizar o trabalho do PIBID, devido, principalmente, ao fato de que os projetos já estavam em andamento desde o início do ano letivo e que, dentro da grade atribulada, pouco tempo sobrava para novas intervenções. Esta foi, também, a escola com menor produção de imagens, o que fez com que a ideia da escola se construísse mais a partir dos relatos de descontentamento dos integrantes no início do projeto - durante o andamento das atividades, os estudantes puderam alterar os planos traçados e desenvolveram oficinas direcionadas para as turmas com as quais trabalhavam.

#### Imagem 4. Roda de conversa



Durante o desenrolar dos projetos desenvolvidos pelo colégio aconteciam reuniões frequentes para discussão do andamento das pesquisas. (Fonte: Acervo PIBID 2018)

Das fotografias do Colégio Aplicação que chegaram à nós, somados os relatos dos estudantes, foi possível observarmos certo sentimento de distanciamento entre o grupo escolar, provavelmente, devido ao maior número do corpo docente e discente.

Já a escola Dilma Lúcia dos Santos, clássica no imaginário como “escola de bairro”, surpreendeu ao surgir com uma proposta inovadora para a rede municipal de Florianópolis: trabalhar a geografia com turmas do ensino fundamental a partir da produção de jogos e saídas de campo.



### Imagem 5. Momento de desenvolvimento dos jogos didáticos



A produção de jogos didáticos na turma envolveu diretamente os estudantes com as temáticas trabalhadas, desta forma, estariam estudando de uma forma mais leve e brincalhona, mas ainda levando-os a entender o conteúdo. (Fonte: Acervo PIBID 2018)

A produção fotográfica nas atividades desenvolvidas foi muito grande, o que contribuiu para que se formasse uma boa ideia das turmas, dos sentimentos durante o desenvolvimento das atividades, e das possibilidades para o além daquele momento. As imagens produzidas somadas ao relato dos estudantes nos permitiu vislumbrar o grande esforço do grupo escolar, mas, principalmente, da professora responsável pela turma que realizou todas as atividades com os poucos recursos disponíveis para o colégio e nos transmitiu um pouco da sua alegria pela prática docente. Ao observar as fotografias compartilhadas com o grupo, foi possível criar uma imagem em nossas mentes e reproduzir os momentos que aconteceram. Portanto, nesta escola, devido a grande quantidade de conteúdo produzido, um maior sentimento de proximidade e afinidade com o cotidiano da escola foi criado em nós.

## Imagem 6. Saída de campo para a Praia da Solidão



As saídas de campo realizadas por esta turma buscavam entender algumas localidades de Florianópolis cantadas pela banda local Dazaranha. A animação dos estudantes em conhecer e visitar estes lugares, acompanhados da escola, foi visível nos momentos e fotografias. (Fonte: Acervo PIBID 2018)

O trabalho do PIBID nesta escola também resultou em produções audiovisuais, que trazem consigo uma representação da realidade da escola e das propostas trabalhadas com as turmas.

### Considerações finais

As fotografias tornaram-se então essenciais para que pudéssemos acompanhar as atividades desenvolvidas pelos grupos nas escolas. Em cada uma delas, foi possível perceber aspectos diferentes - tanto do que era retratado na imagem, quanto da intenção de quem produziu a fotografia, principalmente nos vídeos elaborados pelos bolsistas. Por exemplo, as imagens de atividades acontecendo, imagens de atividades sendo produzidas pelos estudantes ou imagens da movimentação dos estudantes dentro e fora da escola - cada uma das imagens, feitas com propósitos diferente em cada



momento e espaço, ajudou-nos a formar nossas ideias a respeito de cada escola.

Por isso, a pesquisa no/do cotidiano exige que busquemos outros “dados”, não-textuais, sobre os quais precisamos trabalhar, se queremos captar os elementos sensíveis da realidade cotidiana, não-expressáveis por meio de textos “científicos”. Essa idéia vai apontar a importância do trabalho com obras artísticas imagéticas – pinturas e fotografias – como um meio de evitar as armadilhas dos textos escritos destinados à compreensão do cotidiano, de modo que se preserve a condição de percebê-lo em sua amplitude e complexidade, considerando a manutenção dessas características que as imagens expressam e os textos procuram esconder.” (ALVES; OLIVEIRA, 2004, p. 33)

O contato com as imagens e o conteúdo audiovisual foi essencial para a elaboração do *site*, uma vez que a urgência de se utilizar diferentes linguagens não parte apenas do ensino, mas também da sociedade como um todo que tem, cada dia mais, buscado maneiras mais interativas de informação, além da linguagem escrita/oral. As fotografias e vídeos aparecem então como uma linguagem cheia de significados, podendo fazer-se reflexões, análises e considerações além das possíveis através de outras linguagens.

Foi através do contato com estes recursos que nos deparamos com partes mais sensíveis do cotidiano e do contexto das escolas. As imagens que retratavam momentos de descontração, tensão, movimento e atenção; o conteúdo audiovisual que mostrava uma interação e mobilidade tão intensa que, neste sentido, nos parece difícil pensar outras possibilidades de compartilhar os sentimentos gerados por estes momentos para o público externo, se não com o uso das imagens.

A reflexão acerca de realidades através das imagens (sejam elas pinturas, desenhos, fotografias, vídeos...), se mostra então, cheia de potencial - a sua utilização dentro e fora de sala de aula pode nos levar a uma maior percepção de nosso entorno. Assim, devido às fotografias que à nós chegaram, por meio dos bolsistas do programa, foi possível conceber diferentes contextos escolares que vieram acompanhados das minúcias cotidianas, gerando em nós sentimentos específicos em relação às escolas parceiras, que tentamos transmitir para o site. Então, vale aqui dizer que as fotografias tiradas pelos bolsistas, mesmo quando tiradas para serem meramente ilustrativas da situação, carregam os sentimentos destes naquele momento e, da mesma

forma, a escolha das fotografias para comporem o site, transmitem a nossa intenção e os nossos sentimentos pelas escolas.

Por fim, este trabalho realizado usa majoritariamente a linguagem escrita, mas o que realmente movimentou nosso trabalho e pensamentos durante o semestre, foram as imagens - tanto as produzidas, quanto as criadas em nossas mentes.

## Referências

ALVES, N. **O espaço escolar e suas marcas: o espaço como dimensão material do currículo**. Rio de Janeiro: DP&A, 1998.

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. **Imagens de escolas: Espaço e tempos de diferenças no cotidiano**. Educação & Sociedade, Campinas, v. 25, n. 86, p.17-36, jan/abr, 2004.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M. de; FERRAZ, Cláudio Benito de O.; GIRARDI, Gisele. **Percursos na diferença: um ano e quarenta e cinco pessoas**. In: FERRAZ, Cláudio Benito Oliveira; NUNES, Flaviana Gasparotti. *Imagens, Geografias e Educação: intenções, dispersões e articulações*. Dourados: UFGD, 2013. p. 13-40.

OLIVEIRA JUNIOR, Wenceslao M. de; GIRARDI, Gisele. **Diferentes linguagens no ensino de geografia**, 2011. Disponível em <<https://poesionline.files.wordpress.com/2015/02/oliveirajgirardi-20111.pdf>>

Acesso 10 fev. 2019

## **Aprendizagem por projetos vinculados a saídas de campo: contribuições para o ensino**

*Bruna Petry*

*Julia Linhares*

*Gabriel Rauber*

Diante da sociedade brasileira, as escolas deveriam ser responsáveis pela instrumentalização dos indivíduos para promover sua emancipação crítica, fazendo-os capazes de compreender a realidade a sua volta, tornando-os aptos a refletir acerca das problemáticas e intervir em questões sociais de forma responsável. Porém, com a terceirização e o sucateamento do Ensino Público devido ao descaso dos antigos e atuais governos para com a Educação, as instituições de ensino público se transformaram em meras ferramentas de preparação e formação de mão-de-obra, na qual se vê cada vez mais a necessidade de preparo e qualificação do jovem para o mercado de trabalho, daí se dá o avanço do ensino tecnicista em detrimento do desenvolvimento ao pensamento crítico.

Muitas questões são levantadas acerca das Escolas Públicas brasileiras no que tange às mudanças que lhe são necessárias. Visto que evidencia-se cada vez mais o engessamento e a obsolescência nos métodos e abordagens contemporâneos, fomentando um ensino-aprendizagem maçante, desinteressante aos olhos dos alunos, muitas vezes envolto na praticidade, apoiado somente nos livros didáticos, que estimula a reprodução de conteúdos, e não uma reflexão efetiva.

Mediante aos fatos, torna-se eminente a necessidade de um novo olhar sobre as práticas educativas e pedagógicas, para o desenvolvimento de projetos e metodologias que nos façam enxergar uma “luz no fim do túnel”, que são capazes de recuperar o interesse pelo aprendizado e a revitalização do espaço que compreende às instituições do ensino público.

Este trabalho é composto por uma reflexão da aprendizagem de alunos que obtêm conhecimento através de projetos que estimulam a Iniciação Científica, nos anos do Ensino Fundamental, mediante as vivências dos alunos do PIBID 2018.2, bem como as possíveis contribuições que as práticas das saídas de campo podem contribuir para a construção do conhecimento e estimulação da curiosidade do estudante.

Acreditamos que o PIBID proporciona as mediações necessárias para a exploração de diferentes práticas pedagógicas do ensino e abre campo para a exploração e desenvolvimento de metodologias inovadoras que possibilitam a superação de obstáculos no cotidiano do educador brasileiro. Com isso, vimos nos projetos de Iniciação Científica uma via que possibilite maior vínculo dos alunos para com o aprendizado; uma vez que no mundo contemporâneo o imenso fluxo de informações torna os métodos tradicionais de ensino um tanto quanto sufocantes para os alunos - o confinamento dentro da sala de aula e a reprodução mecanizada dos conteúdos escolares afasta o aluno da escola, o que se entende por conhecimento passa ser visto como algo alcançado para além dos muros das instituições de ensino - tornando assim necessária uma abordagem pedagógica capaz de associar as tecnologias e diferentes fontes de informações com o ensino público atual bem como uma compreensão e adaptação ao novo perfil do aluno brasileiro, trazendo de volta suas atenções para o ensino público institucional.

### **Pressupostos teóricos**

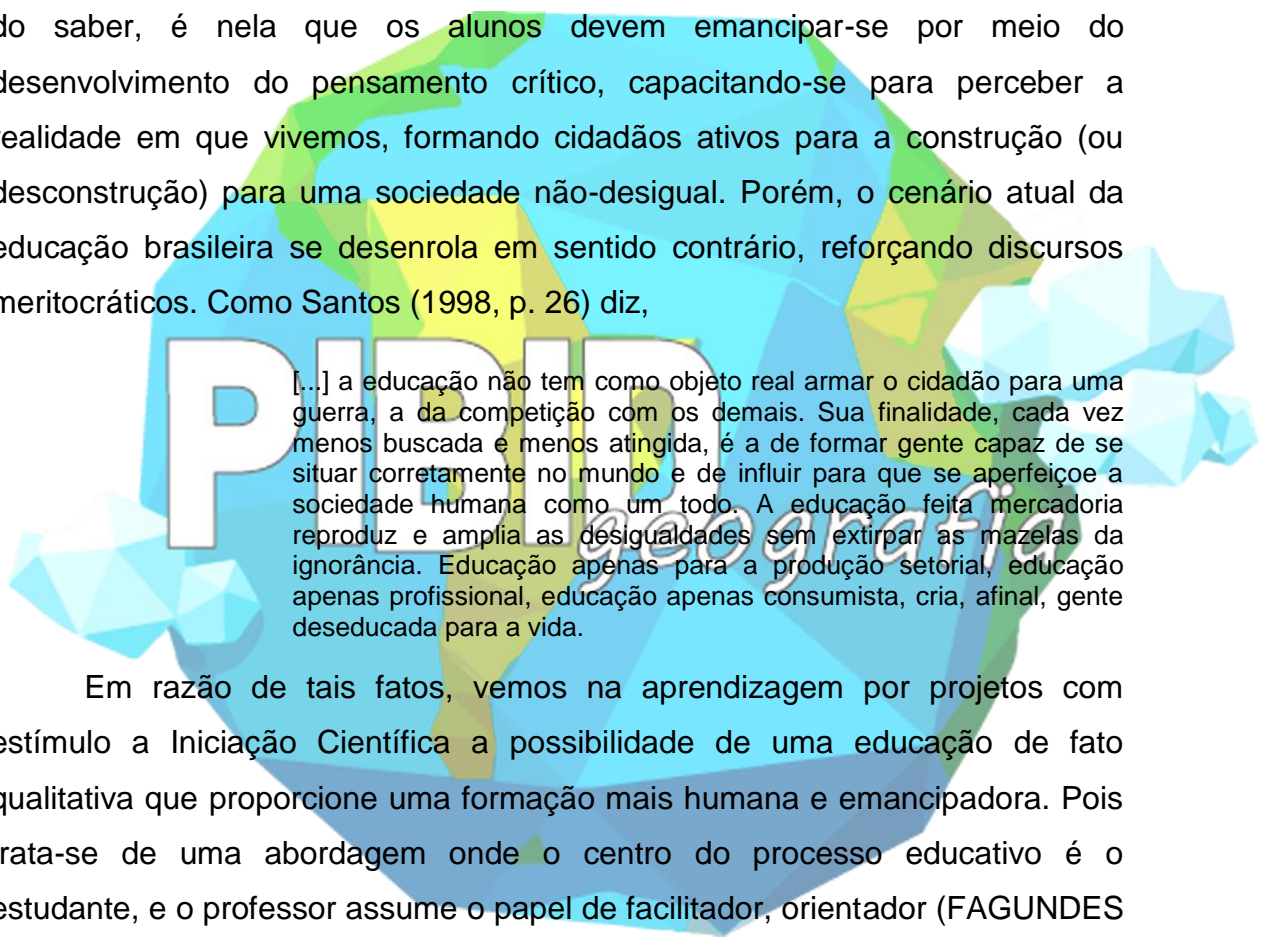
Para elaboração deste relato, fomos norteados pelos textos de teóricos brasileiros na área da Educação que abordam a possibilidade e experimentos relativos à prática da Iniciação Científica no ensino Público fundamental e/ou Médio. Utilizamos dos escritos de Caroline Lisian Gasparoni, Mestre em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos. Elaine Cristina Galvão, da Universidade Estadual de Londrina. Gilson Gustavo Dias Rodrigues, FAPA - Porto Alegre, e Rosália Procasko Lacerda, UFRGS. José Carlos da Silveira (UFSC), Suzani Cassiani (UFSC), Irlan Von Lisingen (UFSC).

Os textos dos autores citados acima contribuíram para a formação da nossa concepção sobre a Iniciação Científica bem como a percepção dos



benefícios e alternativas que ela pode proporcionar à prática da docência sobre uma nova perspectiva de funcionamento, visto que se faz cada vez mais necessário a inovação das práticas pedagógicas no ensino atual. Neles, encontramos os relatos e experiências necessários para a elaboração da prática dentro dos cenários atuais aos quais vivenciamos e percebemos os desafios que ela enfrenta sob a conjuntura contemporânea do país.

Ao trazer essa proposta de prática pedagógica que é Iniciação Científica, reforçamos a ideia de que a escola é uma das principais fontes de construção do saber, é nela que os alunos devem emancipar-se por meio do desenvolvimento do pensamento crítico, capacitando-se para perceber a realidade em que vivemos, formando cidadãos ativos para a construção (ou desconstrução) para uma sociedade não-desigual. Porém, o cenário atual da educação brasileira se desenrola em sentido contrário, reforçando discursos meritocráticos. Como Santos (1998, p. 26) diz,



[...] a educação não tem como objeto real armar o cidadão para uma guerra, a da competição com os demais. Sua finalidade, cada vez menos buscada e menos atingida, é a de formar gente capaz de se situar corretamente no mundo e de influir para que se aperfeiçoe a sociedade humana como um todo. A educação feita mercadoria reproduz e amplia as desigualdades sem extirpar as mazelas da ignorância. Educação apenas para a produção setorial, educação apenas profissional, educação apenas consumista, cria, afinal, gente deseducada para a vida.

Em razão de tais fatos, vemos na aprendizagem por projetos com estímulo a Iniciação Científica a possibilidade de uma educação de fato qualitativa que proporcione uma formação mais humana e emancipadora. Pois trata-se de uma abordagem onde o centro do processo educativo é o estudante, e o professor assume o papel de facilitador, orientador (FAGUNDES apud GASPARONI, 2017). Em uma narrativa de como se aprende, a pesquisadora encontra seu aporte teórico na epistemologia genética piagetiana, a qual alicerça seus principais pressupostos na construção e interação ativa do conhecimento. Aprender, a partir das contribuições de Piaget, torna-se uma interpretação pessoal do mundo, uma atividade individualizada em que o estudante é um sujeito ativo, desenvolvendo significados com base nas experiências vivenciadas e nas interações que estabelece com o objeto de conhecimento (GASPARONI). Vemos assim a

importância das saídas de campo, que possibilitam ao aluno a absorção e concentração de aprendizados e informações através de suas vivências e de sua interação com o espaço físico visitado; fazendo assim da saída de campo elemento fundamental da pesquisa científica e encontra-se praticamente intrínseco a ela, uma vez que torna-se muito mais fluido o estudo de determinados objetos de estudo no momento em que se tem uma aproximação sobre os mesmos.

Dentro de tais perspectivas, é relevante frisar a importância da pesquisa escolar para o processo de construção do conhecimento do aluno. Infelizmente, no âmbito escolar atual, o termo “pesquisar” por vezes se aplica de forma generalizada e limitada. Com o advento da internet é recorrente que a pesquisa se limite a dois comandos: “Ctrl+C” e “Ctrl+V”, reduzindo o conhecimento a um aglomerado de informações mal processadas e por muitas vezes até mesmo contraditórias, uma vez que os conteúdos são reproduzidos ao invés de construídos e não passam por nenhum processo de revisão do aluno, que acaba por extrair pouco ou quase nada das pesquisas; fazendo da prática uma ferramenta de reforço da reprodução alienada de ensino.

Tomada num sentido amplo, pesquisa é toda atividade voltada para a solução de problemas; como atividade de busca, indagação, investigação, inquirição da realidade, é a atividade que vai nos permitir, no âmbito da ciência, elaborar um conhecimento, ou um conjunto de conhecimentos, que nos auxiliem na compreensão desta realidade e nos orientem em nossas ações (1996, p. 29) [Pádua apud Mattos; Castanha]

Neste sentido, a pesquisa científica é um método de aprendizagem que permite maior envolvimento do aluno com a IC, pois instiga no indivíduo seu lado curioso, formulando perguntas e elaborando tentativas de soluções para as mesmas. Esta proposta implica na problematização de algo pertinente a sua realidade e conseqüentemente as suas indagações e inquietações, envolvendo aspectos como questionamento, busca, observação, vivências.

Defendemos uma pesquisa que não se trata de mera atividade curricular de somatório aos processos de avaliação mecanizados e sistemáticos do ensino; se trata, pois, de um estimulador direto da curiosidade do aluno e do seu desejo de aprender, uma vez que concedendo-lhe a autonomia sobre o desenvolvimento da pesquisa, orientando-o durante o processo e

acompanhando seu progresso, é dado ao aluno a oportunidade de exercer o papel de sujeito ativo do processo de aprendizagem bem como possibilita o desenvolvimento de habilidades auto didáticas.

Para a Geografia, a saída de campo é um dos principais instrumentos didáticos e de pesquisa para o ensino-aprendizagem. Como recurso didático a saída de campo serve para materializar os conteúdos discutidos em sala, é o momento em que o estudante tem a possibilidade de visualizar a teoria em prática dentro da sua realidade. Portanto, o planejamento é essencial para que a saída não seja confundida com uma mera recreação e seja parte do processo de ensino, aprendizagem e produção de conhecimento.

Já como instrumento de pesquisa o trabalho no campo é produtor do conhecimento, uma vez que podemos nos deparar com uma realidade diferente do que foi estudada previamente. No campo é necessário um olhar sensível, inclusive para aquilo que não havíamos considerado antes, por isso, se faz necessário um direcionamento do olhar do estudante mediado pelo orientador.

Como já dizia Mao Tse Tung “Sem pesquisa de campo ninguém tem direito a falar”. A pesquisa de campo é o método fundamental do trabalho dos geógrafos. E adaptar isso ao Ensino Fundamental, permite a sistematização do conteúdo. Enquanto ciência muito deve ao conjunto de pesquisas e relatórios de campo elaborados anteriormente por viajantes, naturalistas e outros, verdadeiro manancial de informações que foram essenciais para a construção das bases para o desenvolvimento da Geografia (ALENTEJANO, ROCHA-LEÃO, 2006). Visto isso, conseguimos observar as marcas que o empirismo deixou na história da Geografia, uma vez que o trabalho de campo passou a ser o método e não apenas uma ferramenta para a construção do mesmo.

As dificuldades para relacionar a teoria e a prática perpassa a dicotomia entre a Geografia Física e Humana, uma vez que a separação que foi construída ao longo dos anos não permite um olhar amplo e interligado sobre os fenômenos físicos e sociais que acontecem no espaço geográfico. Cabe ao professor preparar previamente o trabalho de campo, buscando instigar os estudantes a problematizar o que vão ver, fazer perguntas e refletir sobre o que

estão observando. Por isso valorizamos as iniciativas de projetos interdisciplinares nas escolas, pois permite aos pesquisadores anexar os saberes das diversas ciências necessárias para analisar e compreender as diversas relações existentes dentro do espaço geográfico.

Poderíamos dizer que a experiência é “isso que me passa”. Não isso que passa, senão “isso que me passa” (LARROSA). Para nós o trabalho de campo vai além de um mero recurso didático e/ou instrumento de pesquisa, ele ultrapassa os conteúdos programados, pois nos tornam pertencentes e agentes do que foi estudado.

## **Relatos**

### **1. Bruna Petry**

Iniciamos com uma grande expectativa na escola em que fomos destinados, o Colégio de Aplicação, atualmente inserido no Centro de Ciências da Educação da Universidade Federal de Santa Catarina, o colégio é uma unidade educacional que atende ao Ensino Fundamental e Médio, localiza-se no Campus Universitário, no Bairro da Trindade, município de Florianópolis. O colégio conta com uma ótima estrutura, com muitos recursos tecnológicos, laboratórios, e um quadro de profissionais capacitados para proporcionar um ensino qualitativo. Estávamos diante de uma das maiores e mais reconhecidas escolas da cidade, o que para nós foi motivo de insegurança diante do tamanho da responsabilidade e do desafio, mas também de satisfação pela oportunidade que tínhamos em aprender com a experiência. Fomos inseridos a um projeto nomeado “Pés na Estrada do Conhecimento”. Este é um dos projetos ofertados pelo colégio, delineado para o 9º ano do Ensino Fundamental, está em vigência desde 1999, e se estrutura a dinâmica curricular da escola. Fazendo jus ao nome do projeto, os alunos, que nesta perspectiva se reconhecem pesquisadores, põem literalmente os “pés na estrada”, e tem suas pesquisas voltadas para os locais visitados. Constituído pelo experimento no campo do Ensino, Pesquisa e Extensão e tem como objetivo estimular a prática da pesquisa orientada. Assim, contribui para a formação do cidadão crítico, reflexivo e produtor de conhecimento.



A experiência resumiu-se a um período de observação, fez com que eu, que sigo na minha formação para licenciada, pudesse compreender a importância de projetos como este para a construção de uma possível emancipação crítica, bem como conhecer o cotidiano da escola e sua realidade através do contato com os alunos e o professor coordenador e fundador do projeto.

O projeto é dividido em duas etapas, na qual nos inserimos na segunda etapa do mesmo. As pesquisas foram voltadas para a saída de campo para Minas Gerais, onde visitaram cidades marcadas pela exploração da terra e do homem pelo homem, durante o ápice ciclo do ouro onde puderam se aprofundar em suas pesquisas conhecendo a realidade das cidades visitadas, através de visitas a patrimônios históricos e entrevistas a moradores e guias turísticos. Os estudantes se organizaram em equipes de três ou quatro componentes. Assim, foi apresentada aos pesquisadores as temáticas em que poderiam desenvolver, acredito que a liberdade de escolha estimula a construção de suas propostas de pesquisa.

Aos moldes acadêmicos, o projeto promove a pesquisa e escrita dos alunos, possibilitando rever a prática da escrita e da leitura em uma lógica que propicie a autoria, que estimule a criatividade, a autonomia em buscar. As problemáticas levantadas pelos estudantes tiveram sua origem da curiosidade, dúvidas e indagações dos estudantes. Por esta abordagem da aprendizagem, mediante as pesquisas articuladas a saída de campo, os estudantes tiveram a possibilidade de aprender conteúdos diversificados de forma pluridisciplinar.

É notável como a interdisciplinaridade permite que os alunos tenham uma visão sistemática da realidade, visto que os pesquisadores, quase que organicamente são estimulados a problematizar aspectos sociais.

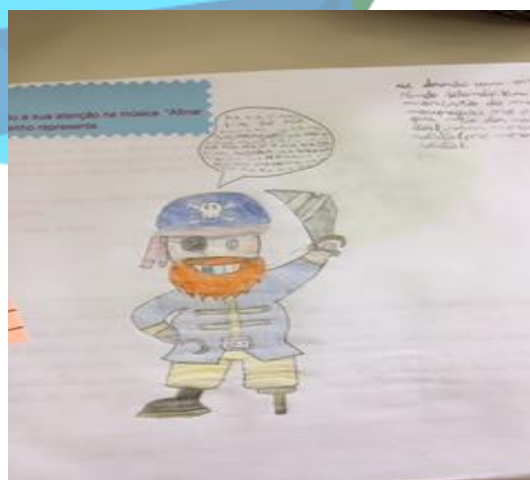
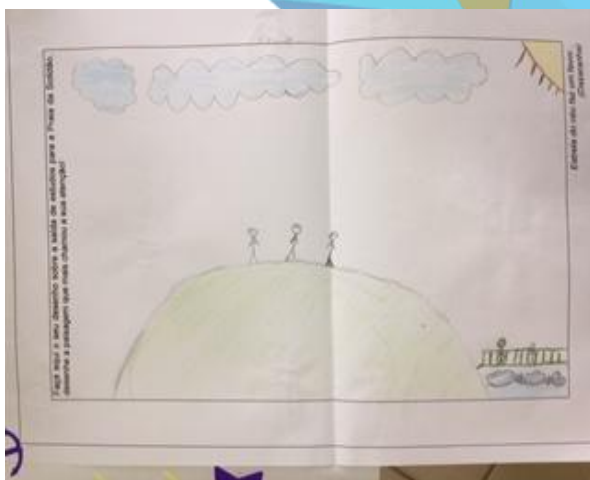
## 2. Julia Linhares e Gabriel Rauber

Nossa vivência dentro do PIBID se deu na escola pública municipal Eb Dilma Lúcia dos Santos, localizada no bairro da Armação, ao sul de Florianópolis. Junto com os estudantes de uma turma do sexto ano do Ensino Fundamental, tivemos a oportunidade de participar de um projeto criado pela

professora de Geografia da escola, estruturado a partir da música "Afinar as rezas", da banda Dazaranha, seu desenvolvimento se deu com saídas de campos nos lugares citados na música: praia de Naufragados, praia da Solidão, Lagoa da Conceição, Lagoa do Peri e Ilha do Campeche.

A nossa experiência no programa foi inteiramente pautada neste projeto, que conseguiu embarcar em uma música os conteúdos programados para aquele semestre: aspectos físicos, naturais e culturais, paisagem, localização, entre outros. Logo de início, fomos muito bem recebidos pela turma que nos contagiou com o entusiasmo pelo projeto que estava prestes a começar. No primeiro momento, os estudantes levaram uma carta explicativa para os pais sobre como se daria o andamento do projeto. Para que os mesmos ficassem informados e pudessem acompanhar o desenrolar foi criado um grupo em uma rede social e um diário para que todas as atividades realizadas fossem registradas. Antes de cada saída, uma autorização era enviada para os pais e era feita uma aula expositiva sobre o lugar a ser visitado.

A professora Elaine confeccionou diários de campos para cada um dos alunos relatarem suas expectativas e experiências antes e após as saídas; neles continham desenhos, relatos, colagens e jogos (caça palavras entre outros) relacionados aos espaços visitados. Foram nestes diários que foram registrados os resultados das vivências e aprendizados dos alunos durante os passeios; carregando um grande acervo de material sobre o projeto.



Registro dos Diários de Campo, fotos de Júlia, 2018

É interessante dar ênfase à forma como as saídas de campo realizadas despertaram o interesse e a curiosidade dos alunos, uma vez que ao realizar contato direto com estes lugares, era nítida a comoção que os diversos elementos dentro dos espaços físicos despertavam na turma; este elemento específico manifesta-se apenas nas saídas de campo, pois somente nesta prática que se tem a oportunidade de estabelecimento de um contato direto com o que se estuda na geografia, e por isso ressaltamos estes episódios dentro do relato; uma vez que é necessário que se desperte a curiosidade e o interesse em aprender para que se torne possível a realização de qualquer prática ligada à pesquisa e/ou Iniciação Científica.

Para finalizar a experiência, nós bolsistas do PIBID desenvolvemos uma produção audiovisual acerca do projeto, abordando as saídas de campo e seus resultados. O material contém breve contextualização sobre a escola, entrevistas com a professora e diversos registros das viagens, mostrando os trajetos realizados e como foram realizados. Este material foi exposto em uma amostra pedagógica realizada na escola, onde pais, alunos e professores puderam assistir e conhecer o projeto realizado, bem como olhar o material produzido pela turma nos diários de campo.

Pudemos vivenciar as expectativas, receios e o planejamento como um todo de um trabalho extenso que requer muita dedicação e articulação para que saia do papel. Para nós Pibidianos foi possível sentir e compartilhar com os estudantes os aprendizados que somente uma saída de campo nos proporciona, onde não apenas observamos os conceitos e inter-relações que muitas vezes se tornam abstratos em sala de aula, mas também absorvemos toda a riqueza cultural e física dos espaços os quais visitamos.

### **Considerações finais**

As diversas experiências adquiridas durante nossa estadia no PIBID proporcionaram uma série de percepções acerca da educação pública brasileira e seus desafios, mas também nos mostraram de que é feito o professor: a paixão por ensinar e aprender.

As horas investidas dentro das salas de aula e o contato com o ambiente escolar, por mais maçante, desgastante e às vezes árduo que seja são o que motivam a professor a seguir na carreira de docente, afinal no Brasil, ninguém é professor de rede pública pela remuneração, salvo raras exceções.

Foi a vivência próxima à profissão de docente que nos levou a entender de forma significativa as dinâmicas e empecilhos para o desenvolvimento do processo de aprendizado e a entender o quanto a prática pode se distanciar da utopia, porém foram com estas experiências que estabelecemos um objetivo em comum para abordar nesse relato; ao optarmos pela defesa da iniciação científica e as saídas de campo como proposta pedagógicas capazes de reinventar as relações dentro e fora das salas de aula.

Ainda estamos longe de assegurar a todos o direito de uma educação pública de qualidade, por isso é importante valorizar tais projetos, que busquem medidas para uma educação mais formativa, que torna o aluno sujeito ativo na construção do seu conhecimento.

Acreditamos que a Iniciação Científica é uma ferramenta de ensino capaz de fomentar e dar asas à busca pelo conhecimento, uma vez que esta, quando coordenada e desenvolvida de forma apropriada, com preparo dos educadores e dos alunos, é capaz de germinar a curiosidade e desenvolver o gosto pela pesquisa e pela metodologia científica, bem como a tomar consciência de sua funcionalidade para compreender o meio em que vive o estudante e a escola, podendo assim atuar sobre este meio.

## Referências

GASPARONI, Caroline Lisian. **Aprendizagem por projetos e iniciação científica: A uma educação popular e humanizadora.** Disponível em: <<http://retratosdaescola.emnuvens.com.br/rde/article/view/538/pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2019

MATTOS, Elenir M. A. CASTANHA, André. P. **A importância da pesquisa escolar para a construção do conhecimento do aluno do Ensino Fundamental.** 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2525-6.pdf>>. Acesso em: 15 jan. 2019.



VIEIRA, Leocil a Aparecida et al. **Educar e aprender pela pesquisa: uma op o metodológica   constru o dos saberes**. In: Conferência internacional – Saberes para uma Cidadania Planetária, 2016, Fortaleza. Disponível em: <[http://uece.br/eventos/spcp/anais/trabalhos\\_completos/247-38725-28032016-201913.pdf](http://uece.br/eventos/spcp/anais/trabalhos_completos/247-38725-28032016-201913.pdf)>. Acesso em: 15 jan. 2019.

JORGE, Eliane; SILVEIRA, José Carlos da; MENDONÇA, Sandra. Reflexões sobre a inicia o científica na educa o básica: a investiga o e as práticas interdisciplinares. 2014. Disponível em: <<http://observatoriogeograficoamericalatina.org.mx/egal15/Ensenanzadelageografia/Investigacionydesarrolloeducativo/15.pdf>>. Acesso em: 20 jan. 2019.

**BOLETIM PAULISTA DE GEOGRAFIA**, número 84, São Paulo, jul. 2006. Disponível em: <[http://www.geografia.ffe.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio\\_Tarik/2012/FLG0435/BPG\\_84.pdf](http://www.geografia.ffe.usp.br/graduacao/apoio/Apoio/Apoio_Tarik/2012/FLG0435/BPG_84.pdf)>. Acesso em: 01 fev. 2019.

LARROSA, Jorge. **Experiência e alteridade em educa o**. 2009. Disponível em: <<https://online.unisc.br/seer/index.php/reflex/article/view/2444/1898>>. Acesso em: 10 fev. 2019.



## **Movimentos sociais nas escolas públicas brasileiras**

*Bruna Viberti Motta Riedel*

*Valentine de Oliveira*

O seguinte texto discorre sobre as situações das escolas públicas brasileiras, mais especificamente, de que forma movimentos sociais ajudam a garantir um mínimo de acesso à educação por estudantes de comunidades periféricas e de classe social baixa, além de tratar sobre a permanência nessas instituições. Até que ponto é observado na prática sucessos de tentativas para melhorar a educação, abordando um contexto social e político, que envolvem educadores, pais, funcionários e todos que podem fazer parte da comunidade escolar.

O quanto esses estudantes são ouvidos e qual o interesse de participação e envolvimento em assuntos que tratam de seus próprios direitos e que afetará em seus futuros, de formação de identidade e seguimentos vocacionais em suas formações. Além da comunidade escolar, o governo também deve fazer sua parte em relação a garantir a educação, citamos exemplos de programas criado pelo governo na tentativa de oferecer oportunidades de boa qualidade de ensino a todos.

Relatamos um pouco da nossa experiência como bolsistas do PIBID, e como foi participar dos processos de mobilizações na escola em que atuamos, além de estar convivendo e vivenciando mais do dia a dia dos professores e diretores, nos relacionando mais com os alunos, e conseqüentemente observamos o quão insatisfeitos eles eram com a infraestrutura do local de estudo e com a qualidade de ensino, sempre dispostos a fazer algum tipo de manifestação a respeito.

### **Referenciais teóricos**

Esse relato de experiência foi parcialmente baseado no texto “O dualismo perverso nas escolas públicas brasileiras: Escola do conhecimento

para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres”, do autor José Carlos Libâneo da Universidade Federal de Goiás, por tratar de questões que envolvem a escola, que possui o papel de difundir o conhecimento para os estudantes ricos e pobres, e por acreditar que o dualismo muitas vezes presente nas escolas faz dessa ser do saber para os ricos e de acolhimento social para os pobres, reproduzindo e mantendo as desigualdades socioeconômicas.

Foi também utilizado como referência, o artigo “Movimentos sociais e escola pública: uma metodologia para analisar projetos político-pedagógicos antagonísticos”, do autor Rui Gomes de Matos de Mesquita, pois reflete sobre o potencial antagonístico de ações político-pedagógicas.

Foi fundamentado no texto “Movimentos sociais na contemporaneidade”, da autora Maria da Glória Gohn, onde ela trata da relação que os movimentos sociais têm com a educação. A relação que a educação tem com esses movimentos sociais se deve a partir do que é colocado na prática por esses grupos, quando se relacionam com instituições educacionais e pela ideologia de cada movimento, do que acreditam para ser passado às pessoas. Por toda nossa história, os movimentos sempre existiram e sempre irão existir, pois são a representação de um certo grupo, na maioria das vezes social, e torna as pessoas com funções de campo de atividades e experimentação social, o que traz como consequência a criatividade e inovações socioculturais.

### **Relato de experiência**

O movimento estudantil vem se fortalecendo e ganhando espaço ao longo da história, em vários âmbitos da sociedade, seja nas universidades ou nas escolas de ensino básico, acontecem no mundo todo e no Brasil não é diferente. Levando em conta que nosso país já passou por vários processos de diferentes mobilizações, resultado de insatisfação com a condição da educação, o que envolve situações políticas, econômicas e sociais. A questão é, que o que acontece ou deixa de acontecer no ensino, afeta toda a sociedade direta e indiretamente, além de se tratar do futuro de nossas crianças e jovens,

então por isso a importância de pensar e agir num coletivo e unir ideias que possam contribuir para uma mudança efetiva.

A partir da década de 80, com a transição democrática ocorrendo no Brasil, foram surgindo vários movimentos sociais e políticos tendo como grande referência Paulo Freire, que defendia a educação popular e tinha como objetivo da escola ensinar o aluno a “ler o mundo” para poder transformá-lo. Os movimentos sociais no campo educacional brasileiro, em relação com a narrativa marxista, discutiam os prós e os contras de se ter uma educação popular por dentro do sistema oficial de ensino. Para abordar essa questão, ainda que em âmbitos gerais, se faz necessário retomar o processo de emergência do sistema de ensino público no Brasil.

As lutas pela educação devem ocorrer dentro e fora do ambiente escolar, nos ambientes formais (instituições de ensino) e informal (convivência dos indivíduos que interagem em uma comunidade e carregam em sua formação indelével reflexo dessa socialização),

Lutas pela educação envolvem lutas por direitos e fazem parte da construção da cidadania. O tema dos direitos é fundamental, porque dá universalidade às questões sociais, aos problemas econômicos e às políticas públicas, atribuindo-lhes caráter emancipatório. (GOHN, 2011, p. 346).

Muitas escolas públicas brasileiras se encontram em situações precárias, e sofrem por problemas, sejam eles observados na estrutura física ou na falta de profissionais capacitados. A questão é: muitas dessas instituições não têm ao menos condições de oferecer a todos os estudantes o que era para ser a sua função principal: passar o conhecimento. Devemos refletir de que forma as escolas como apoio de movimentos sociais podem garantir o saber para os pobres, e não apenas uma função de acolhimento social.

A escola tem sim atribuição de seguir a lei de diretrizes e base nacional Nº 9394, de garantir o contexto que envolve educação “no processo formativo que desenvolvem na vida familiar, na convivência humana, entre outros aspectos sociais que envolvem a permanência dos estudantes”, porém, sem



deixar de lado o fato que os mesmos têm pleno direito a educação em forma de conhecimento para suas formações, como afirma José Carlos Libâneo:

Em face desses problemas, circula no meio educacional uma variedade de propostas sobre as funções da escola, propostas estas frequentemente antagônicas, indo desde as que pedem o retorno da escola tradicional, até as que preferem que ela cumpra missões sociais e assistenciais. Ambas as posições explicitariam tendências polarizadas, indicando o dualismo da escola brasileira em que, num extremo, estaria a escola assentada no conhecimento, na aprendizagem e nas tecnologias, voltada aos filhos dos ricos, e, em outro, a escola do acolhimento social, da integração social, voltada aos pobres e dedicada, primordialmente, a missões sociais de assistência e apoio às crianças. (LIBÂNEO, 2012, p.16).

Precisamos saber o quanto a comunidade escolar está envolvida com essa temática, e principalmente os estudantes, o quanto estão cientes quanto aos seus acessos à educação. Parece que uma das formas mais diretas de se envolverem é através da formação de grêmios estudantis, em uma tentativa de serem ouvidos e possuírem uma representatividade.

O governo também pode contribuir com movimentos sociais através de programas educacionais que têm a intenção de ampliar as matrículas e o acesso à educação. Alguns exemplos são:

- No estado de São Paulo foi implementado um programa social chamado de “Programa Escola da Família”, cujo objetivo é proporcionar diversas atividades tendo como foco 4 eixos: esporte, cultura, qualificação para o trabalho e saúde para as comunidades de dentro e de fora dos entornos escolares, e neste ano de 2019 foi atualizada com o 5º eixo, o da aprendizagem.
- “Brasil alfabetizado” tem como objetivo ampliar a oferta de vagas na educação de jovens e adultos em todo o País. Programas de merenda e transporte escolar recebem repasse federal para auxiliar no acesso e permanência dos estudantes nas escolas, combatendo a evasão escolar.
- Na educação básica, o Fundeb (Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e de Valorização dos Profissionais da Educação) tem o objetivo de aumentar o repasse de recursos federais à educação, criando possibilidades das escolas aplicarem o dinheiro conforme a necessidade.

- Prova Brasil e Sistema Nacional de Avaliação da Educação Básica (Saeb) são testes e questionários socioeconômicos aplicado para os estudantes, pais e professores, que avaliam a qualidade da educação. Essas avaliações servem de instrumento para o governo e para os gestores da educação nas escolas diagnosticarem os problemas no ensino e melhorarem a educação.
- No Ensino Médio, o Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) avalia o desempenho dos estudantes no final da educação básica, além de permitir a entrada na educação superior em instituições que aceitam a avaliação do ENEM como processo seletivo.

Devemos atentar na educação popular como forma de estratégia política, pois questões que abordam temas sociais podem ter algumas interpretações e terminologias por diferentes grupos de diferentes segmentos, incluindo suas classes sociais, que veem movimentos e ações sociais como uma forma do governo ou instituições adquirir visibilidade e estar utilizando de táticas para “mascarar” outras intenções, o que de fato muitas vezes pode ocorrer, por isso é tão delicado tratar de assuntos como esse, e não se deve confundir quando velhas concepções de questões sociais se apresentam com uma nova roupagem, quando na verdade, não passa de ideias sem objetivos diretos ao que se trata da própria epistemologia da palavra “social”, que quando relacionada com a educação se leva em conta as desigualdades, a baixa qualidade do ensino nas escolas públicas, acesso e permanência de estudantes. Perante isso, se deve pensar em uma visão crítica e histórica, para que movimentos não se dispersem, não percam sua essência, nem seu propósito quanto a todas as mobilizações feitas para que uma boa educação ocorra efetivamente para todos.

### **Nossa experiência como pibidianas**

No ano 2018, no segundo semestre, participamos do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid), na Escola do Porto do Rio Tavares, fazendo parte da rotina e procurando formas de somar através de projetos e atividades que nos aproximaram e estabeleceram uma relação muito

positiva com os estudantes e professores, vivenciamos experiências únicas, onde tivemos a oportunidade de acompanhar mobilizações organizadas por eles com o apoio da coordenação, funcionários, pais e comunidade da região. Apesar de todos os desafios que as escolas públicas enfrentam, é muito válido reconhecer as tentativas e conquistas dos alunos perante as dificuldades que eles encontram no dia a dia da escola, tanto em relação a infraestrutura do local, quanto em relação a qualidade de ensino.

No início do semestre acompanhamos as aulas e os conteúdos que estavam sendo passados para a turma do sétimo ano, que estavam estudando as regiões do Brasil, aspectos naturais, sociais, culturais, econômicos e políticos. Então surgiu a ideia de prepararmos uma apresentação relacionando o uso da imagem, pois estávamos estudando textos com esse tema nas reuniões do PIBID, com algumas regiões do Brasil, para estimular nos estudantes o senso crítico e conhecimento sobre o conteúdo que estava sendo abordado naquele momento. Além disso foi o nosso primeiro contato mais direto na prática com os estudantes, o que foi muito importante para nossa formação e uma noção mais evidente do que é estar presente na realidade de uma escola e fazer parte do processo de ensino e aprendizagem.

Então nos envolvemos em um projeto chamado Geocurtas, que trabalha com audiovisual nas escolas. Produzimos um vídeo em apoio ao movimento que estava ocorrendo, onde reivindicavam a reforma da quadra que havia sido interditada pela defesa civil por estar em situações precárias, de risco para os estudantes, que ficaram sem a sala de aula de educação física. Foram feitas mobilizações como abaixo assinado, assembleias, manifestações, produção de cartazes que foram colocados por toda a escola, sendo reivindicados melhorias na estrutura física do local, pois se tem o entendimento que isso faz parte do ensino, para que haja uma boa educação, e o ambiente em que se aprende devem estar bem estruturados para isso. Ato como esses demonstram como movimentos sociais podem acontecer na prática, e participar desse processo foi muito gratificante e de grande aprendizado.

Conversamos com os estudantes sobre a possibilidade de um grêmio estudantil, pois nesta, como em muitas outras instituições de educação pública,

não se tem por parte deles o conhecimento de como funcionaria, como poderia dar certo e executar movimentos sociais, visto que a escola possui diversas necessidades, e que na prática nem tudo são flores. Para isso, é importante que nossos estudantes sejam conscientizados de que a educação é prioridade nas escolas, além de ser um direito adquirido, e que se está sendo negligenciado de alguma forma, é necessário haver movimentos e lutas para que ela ocorra.

No último dia de aula e do PIBID, final do semestre passado, apresentamos o vídeo que nós produzimos, onde vimos a animação dos estudantes ao verem a história da escola deles serem retratadas em um audiovisual, além da empolgação de estarem sendo apoiados em uma causa de enorme importância para eles e para nós como futuros educadores.

Foi muito gratificante poder observar e estar lá para ver como pessoas, mesmo que com ideias e opiniões diferentes, com o mesmo objetivo conseguem mover toda uma comunidade escolar em prol da educação.

### **Conclusão**

Podemos concluir então que a educação nos países emergentes é tratada com preocupação pelos órgãos e autoridades internacionais, mas na realidade nacional a educação é esquecida pelos governos apesar dos vários acordos, tratados, convenções e declarações celebrados para sua proteção. Então, a atuação da população é mais do que importante diante desse cenário, e principalmente do cidadão comum cobrar a sua efetivação de acordo com uma consciência social e política. Os movimentos sociais são voltados para a garantia dos direitos sociais, já que seu desempenho é indispensável para o exercício de outros direitos e liberdades essenciais.

É também necessário que se estabeleça um equilíbrio e uma reflexão mais a fundo quando assuntos como esse são debatidos, analisar as perspectivas e ter um senso avaliativo das situações. E é relevante ressaltar o foco desse relato que é a importância do acesso e avaliação das condições de permanência de estudantes, para que tenham os seus direitos garantidos à



educação, e quanto os movimentos sociais respaldam e contribuem para modificar e melhorar cenários em que o saber é negligenciado para alguns por causa de impasses e adversidades sociais.

## Referências

LIBÂNEO, José Carlos. **O dualismo perverso da escola pública brasileira: escola do conhecimento para os ricos, escola do acolhimento social para os pobres.** 2012.

GOMES DE MATTOS DE MESQUITA, Rui. **Movimentos sociais e escola pública: uma metodologia para analisar projetos político-pedagógicos antagonísticos.** Educação & Realidade, v. 35, n. 2, 2010.

FRANCISCO MARTINS, Marcos. **Escola pública, comunidade e movimentos sociais: mapeamento de suas inter-relações na região de Americana.** 2010.

GOHN, Maria da Glória et al. **Social Movements In Contemporary** [movimentos Sociais Na Contemporaneidade]. Revista brasileira de educação, 2011.

Programas educacionais do Brasil: <https://canaldoensino.com.br/blog/conheca-alguns-dos-programas-educacionais-do-brasil> - acesso em 13/02/2019



PIBID  
geographia

# **A contribuição do PIBID nas ações socioeducativas e sociopolíticas para promoção da melhoria na infraestrutura da E.E.B. Porto do Rio Tavares**

*Douglas Pires Villagran*

O Programa de Bolsa de Iniciação à Docência (PIBID) foi criado em 2007 pelo Ministério da Educação com objetivo de antecipar a coparticipação e ambientação de futuros mestres no ambiente escolar (DENARDI, 2019). Em 2011, a Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC) aderiu ao PIBID pelo edital CAPES 01/2011. Deste então, a UDESC proporciona aos acadêmicos devidamente matriculados nos cursos de Licenciatura Plena, a oportunidade de inserir-se em seu futuro ambiente de trabalho, tal como predisposto pelo art. 26 do Decreto nº 7.692, de 02 de março de 2012.

As atribuições incumbidas aos alunos vinculados ao PIBID permitem um intercâmbio de saberes entre escola e a universidade, o que auxilia na promoção de novas metodologias de ensino e aprendizagem. Por intermédio das atividades propostas pelo PIBID, o acadêmico é oportunizado a vivenciar feiras científicas e culturais; observação de prática docente; organização do espaço institucional; colegiado; e a relação entre escola e a comunidade escolar. Além disso, ao decorrer da experiência de iniciação à docência o acadêmico tende a apresentar resultados satisfatórios quando ao desenvolvimento de habilidades e competências referente a: escrita técnica, oralidade, organização cognitiva, trabalho em equipe, proatividade na promoção de inovações quanto a inserção acadêmica na escola entre outros (WIEBUSCH; RAMOS, 2019; WOITOWICZ, E.; HEIMERDINGER, C.; SCHLOSSER, 2018; SANTOS & MARTINS, 2017; MOREIRA, 2014; ANTONIO, 2014).

O entusiasmo e aspirações utópicas de novos mestres são valiosas sementes para melhoria do sistema educacional. Para os acadêmicos de

Geografia, futuros docentes, Santos e Martins (2017) *apud* Martins (2015) menciona que:

As ações propostas, em Geografia, visam, acima de tudo, pensar alternativas para o ensino desta ciência na educação básica, propiciando a pesquisa da realidade escolar e profissional por meio de um processo de estudo e problematização das questões que envolvem a docência (MARTINS, 2015, p. 45).

Para Kaercher (2004), a geografia transcende as arguições filosóficas e ontológicas, pois é nela que o homem debruça sua curiosidade obstinado em compreender suas próprias alterações, transformações e organizações do espaço natural e antropológico.

As observações técnicas e sistemáticas realizadas na Escola de Educação Básica Rio Tavares (E.E.B. Porto do Rio Tavares), cuja estendeu-se ao decorrer do segundo semestre do ano de 2018, propiciou a compreensão, pormenores, referente ao conceito de geografia exposto por Kaercher (2004). Sendo assim, atribuiu-se um olhar crítico quanto a contribuição da qualidade da infraestrutura da escola para efetivo desenvolvimento das práticas de ensino e aprendizagem.

Durante as empreitadas investigativas, obteve-se informações de que a quadra de esportes da E.E.B. Porto do Rio Tavares, situada no Sul da Ilha de Santa Catarina, foi interditada pela Defesa Civil em 12 de setembro de 2018 devido às más condições para uso e periculosidade que apresenta aos alunos da comunidade escolar. Com a interdição, cerca de 480 alunos estão incapacitados de desenvolver atividades práticas que deveriam ser cunho obrigatório na disciplina de Educação Física, tal como outorgado no art. 26 da Lei 9.394/96.

A assessoria do PIBID promoveu, na FAED-UDESC, reuniões de aperfeiçoamento dos acadêmicos envolvidos no projeto. Nestas socializações planejou-se estratégias de abordagem para que os acadêmicos, representassem a universidade quanto ao auxílio e amparo em prol da causa reivindicada pela comunidade escolar da E.E.B. Porto do Rio Tavares.

Após levantar coesões metodológicas e factuais junto a assessoria do PIBID, aplicou-se um questionário nos vários setores que compõem a

comunidade escolar (alunos, professores, funcionários e etc.). A entrevista forneceu dados sobre a visão de cada setor referente a problematização da quadra de esportes. Os principais resultados apanhados através da pesquisa de campo foram convertidos em material audiovisual, cujo ao final do estudo, foi entregue a gestão escolar com intuito servir como veículo de transmissão de informações sobre as reivindicações feitas pela comunidade escolar.

Neste sentido, este trabalho tem como objetivo geral relatar a importância dos materiais audiovisuais em prol de reivindicações públicas; apresentar a relação entre a qualidade de infraestrutura da escola e o desempenho discente no processo de ensino e aprendizagem. E por fim, elucidar a importância do PIBID na relação Escola e Universidade.

### **A aproximação entre Universidade e Escola Pública**

Instaurada a política de amenização de desigualdades em território brasileiro, a escola passa a ser um referencial para democratização do ensino e da cultura. A escola é responsável pela formação do cidadão crítico e apto a exercer sua cidadania para contribuir com o desenvolvimento da sociedade. Enquanto as Instituições de Ensino Superior (IES) assumem o compromisso social de permear todos os níveis de ensino e embasar suas premissas filosóficas para o engenho de saberes democratizados a serem incorporados pela cidadania (MOREIRA, 2011).

Coutinho, Folmer e Puntel (2014) destacam que o desenvolvimento científico e tecnológico enseja mudanças na sociedade, logo a escola como formadora de cidadãos e a IES como fornecedora de formadores de cidadãos não podem abster-se a este processo de transformação. Na prática educativa sempre há algo novo a saber e a descobrir. Por isto a necessidade de o professor estar em constante formação.

Moreira (2011) argumenta sobre a importância de estreitar as relações entre Escola Pública e IES:

O intercâmbio entre universidade e escola pública pode promover a construção dos espaços de democratização do conhecimento que



atenderão as necessidades de ambas instituições. A escola tem a oportunidade de refletir sobre seus limites e possibilidades perante o compromisso em formar um aluno-cidadão. E a IES por sua vez, pode buscar respostas para os problemas enfrentados pela escola pública, e ao mesmo tempo, redirecionar a formação de tais professores e investir no professor pesquisador do cotidiano escolar.

Embora alguns autores (MOREIRA, 2011; COUTINHO, FOLMER e PUNTEL, 2014) incitem que a aproximação entre escola pública e universidade seja uma utopia ludibriosa à ser tratada com urgência máxima, o processo de unificação destas duas instituições que assumiram um compromisso com a cidadania, vem gradativamente sendo fomentado pela criação de políticas públicas de imersão de futuros docentes em instituições públicas. Um excelente exemplo disto são as atividades promovidas pelo PIBID.

O PIBID, programa de bolsa de iniciação à docência, neste ano de 2019, completa 12 anos de funcionamento. E vem atuando assertivamente na busca pela proximidade entre IES e escola pública. Relatos de distopias, equívocos e ferramentas prodigiosas estão, cada vez mais incorporadas nos textos e discursos de professores-pesquisadores. O relato das experiências destes profissionais (WIEBUSCH; RAMOS, 2019; WOITOWICZ, E.; HEIMERDINGER, C.; SCHLOSSER, 2018; SANTOS & MARTINS, 2017; MOREIRA, 2014; ANTONIO, 2014) auxiliam na montagem da imagem que ilustra a realidade da educação pública, sobre perspectivas agraciadoras e desesperadoras.

As políticas institucionais do PIBID, trabalham com suas limitações da melhor maneira possível para que o educando transmita o aporte universitário ansiado pela escola pública. Mesmo quando o programa não atinge a plenitude dos objetivos almejados, ainda assim, os relatos de experiências negativas poderão auxiliar os futuros docentes e docentes a não permearem pelo caminho falho ou encontrarem alguma solução para o equívoco cometido.

Desde modo, as atividades promovidas pelo PIBID, sejam positivas ou negativas, cumprem seu papel ao não negligenciar as vivências praticadas pelo acadêmico vinculado ao programa. Assim se constrói uma teia de informações que darão direcionamento para o professor-pesquisador tatear suas práxis pedagógicas. Livrando-o, por vezes de desfrutar amargos infortúnios. Além

disso, esta teia de informações possibilita a otimização de futuras pesquisas no âmbito de ensino e aprendizagem (WIEBUSCH; RAMOS, 2019).

### **A conexão entre formas e sentimentos: a construção de um espaço físico agradável**

Diversas linhas de pesquisa situadas no ramo da psicologia, neurociência e até mesmo arquitetura, buscam identificar os impactos emocionais causados nas pessoas pela percepção do espaço.

Pesquisadoras Israelenses (SHEMESH; BAR; GROBMAN, 2015), da *Faculty of Architecture and Town Planning e Bar Ilan University* desenvolveram um estudo, com cobaias orientadas, em espaços de imersão em realidades virtuais em busca de respostas para estas questões. Suas investigações atribuem constructos que indicam a influência da geometria dos espaços na a expressão dos sentimentos humanos. A neurociência e psicologia cognitiva apoia a hipótese desta conexão entre formas e sentimentos.

Para a Jornalista Nate Berg, exposto no artigo de Sara Polsky publicado no site Curbed, a forma com que são projetados os espaços físicos pode ter um impacto mensurável no cérebro humano. Sara Polsky destaca, utilizando compilados científicos de Nate Berg e Eve Edelstein:

A arquitetura, o design de interiores e até mesmo o planejamento urbano podem afetar os comportamentos humanos e os processos mentais, causando mudanças psicológicas, biofísicas e cognitivas nas pessoas, muitas vezes sem que elas percebam. Principalmente essa influência acontece por acidente. Mas às vezes isso acontece de propósito (POLSKY; EDELSTEIN; BERG, 2016).

Para o colunista da *We're Only Human, Mind Matters* e diretor de assuntos públicos da *Association for Psychological Science*, Herbert Wray:

Os psicólogos têm algumas ideias sobre essa conexão entre espaço físico, pensamento e emoção - ou o que eles chamam de “distância psicológica”. Todos nós tivemos a sensação de estar “muito próximos” de uma situação, precisando “fugir” e “colocar algumas distâncias entre nós e os outros. Nosso senso de conexão emocional (ou falta dela) está estreitamente entrelaçado com nossa percepção de geografia e padrões no espaço (HERBERT, 2008).

Esta menção sobre a relação entre espaço físico e comportamentos neuropsicológicos humanos pode ser inserida na contextualização da

infraestrutura escolar em contraste a imersão discente no seu processo de ensino e aprendizagem, como destaca Elali (2003): *atuando de modo não-verbal o meio físico tem impacto direto e simbólico sobre seus ocupantes, facilitando e/ou inibindo comportamentos.*

Esta ideia também é apoiada por outros pesquisadores como Miranda, Pereira e Rissetti (2016), que argumentam com veemência a urgência de um olhar mais crítico quanto à infraestrutura escolar;

Deve-se, independentemente do local onde essas atividades são desenvolvidas, primar por condições de trabalho que resultem em um aprendizado significativo, com condições básicas de infraestrutura e segurança, de modo que materiais não sejam adquiridos sem que haja necessidade. É necessário que todos se mobilizem para restabelecer e aperfeiçoar estes locais, com a finalidade de proporcionar um ensino com qualidade (MIRANDA, PEREIRA E RISSETTI, 2016).

As percepções humanas sobre o espaço produzem impressões psicológicas, fisiológicas e neurológicas significativas, quais podem ser positivas ou negativas. A comunidade escolar é um organismo vivo que deve estar alinhado, prazerosamente, com seus artifícios não-vivos (infraestrutura básica) para um bom desempenho docente e discente.

Com isto conclui-se que as más impressões sobre o espaço geográfico onde o ser humano está inserido, tendem a produzir impressões mentais e cognitivas desagradáveis que podem ter um impacto significativo na formação do aluno-cidadão. O relatório do Banco Interamericano de Desenvolvimento – BID, aponta que a harmonia visual do ambiente em que o aluno está inserido é um fator decisivo na otimização da qualidade do ensino e aprendizagem. Isto salienta a importância das discussões no que tange a melhoria da infraestrutura das escolas latino-americanas, que em suma, apresentam características inaceitáveis para a qualidade de ensino almejada pela utopia das gestões públicas (DUARTE; GARGIULO; MORENO, 2011).

### **Uso de materiais audiovisuais para transmissão de informações e sensibilização pública**

Na atualidade, meios informativos de qualquer espécie que reproduzem conteúdos digitais, em redes de compartilhamento social empoderam

impressões sensibilizadoras nas pessoas conectas a rede Web 2.0. As tecnologias de compartilhamento de mídia, em especial audiovisuais produzem, portanto, impactos sobre as expressões neuropsicológicas e fisiológicas tanto quanto a geografia do espaço de inserção (SILVA, 2015; CABRAL, 2005).

O uso de materiais multimídias é bem quisto no meio pedagógico como uma alternativa e inovação aos sistemas cartesianos de ensino e são fortemente apoiados pelos pensadores contemporâneos de psicanálise da educação (AMORIM; DIAS, 2018; MOURA; LISBOA, 2011).

O Youtube é o maior canal de reprodução e compartilhamento de arquivos audiovisuais no meio cibernético desde o início do século XXI. Este canal cibernético é responsável pelas impressões emocionais de internautas, que por sua vez expressam suas percepções na sociedade. Por isto é considerado um ótimo veículo de sensibilização social (SANTOS; LIMA, 2016).

As ferramentas audiovisuais auxiliam na propagação de notícias jornalísticas e informais de causas e efeitos sociais. E os canais cibernéticos, como Youtube, Facebook e Instagram ampliam a zona de engajamento social. O que por sua vez, torna-se uma ferramenta promissora para o estreitamento entre a relação governo e necessidades públicas emergentes (SILVA, 2015).

## **Síntese**

Inicialmente recebeu-se orientação da coordenação do PIBD para que os sete acadêmicos do curso de Geografia – Licenciatura Plena da Universidade Estadual de Santa Catarina (UDESC), encaminhados para o efetivo exercício na E.E.B. Porto do Rio Tavares, acompanhassem o desenvolvimento das atividades docentes ministradas pelo professor de Geografia da Escola. Porém ampliaram-se os olhares para os múltiplos espaços escolares e a demanda reivindicada pela comunidade escolar.

As atividades desenvolvidas pelos acadêmicos vinculados ao PIBID – Geografia – UDESC, procederam no período de 21 de agosto de 2018 a 13 de



dezembro de 2018, totalizando aproximadamente quatro meses de ação acadêmica na escola E.E.B. Porto do Rio Tavares.

Os sete acadêmicos envolvidos foram organizados, intercaladamente a contemplar os períodos matutinos (08:00hrs ao 12:00hrs) e vespertinos (13:00hrs à 17:00), atendendo ao menos uma vez por semana a demanda do trabalho acadêmico na escola. Guiados pela experiência acadêmica da coordenação do PIBID, selecionou-se, no matutino, uma turma de 6º ano e uma de 8º ano, no vespertino uma turma de 6º ano e uma de 9º ano do Ensino Fundamental – anos finais.

O primeiro mês de atividades do PIBD na E.E.B. Porto do Rio Tavares consistiu em fazer observações das praticas docentes de Geografia, gestão e infraestrutura escolar. A inserção *in loco* permitiu o levantamento de dados empíricos que possibilitou o desenvolvimento e aplicação do projeto de uso de mídias audiovisuais para reivindicação sociopolítica no ambiente escolar.

Cabe ressaltar que durante o período do levantamento de dados empíricos era vetada a prospecção acadêmica perante as praticas docentes e/ou desajustes na gestão educacional, por motivos éticos e morais. Além disso a neutralidade teve o importante papel de evitar hostilidade na comunidade escolar. O que oportunizou a aproximação do grupo acadêmico para profundas investigações quanto ao desleixo sociopolítico acerca do enredo da quadra de esportes da E.E.B. Porto do Rio Tavares.

### **Caracterização das turmas**

Especificamente, fiquei incumbido de acompanhar as turmas matutinas. As turmas de 6º e 8º ano, ocupavam, respectivamente, 25 e 30 alunos, com faixa etária de 11 a 14 anos e 13 a 16 anos de idade.

Em relato aos dados empíricos, relativo a observação no 6º ano, devo apontar a indisposição e desinteresse discente quanto as aulas de Geografia, o conteúdo abordado era erosão fluvial e o método didático adotado pelo

professor é o depreciado método cartesiano – quadro cheio de textos, leitura e resolução de exercícios.

Os alunos do 6º ano expressavam ações indisciplinadas, desleixo e um pequeno grupo que orquestrava a desordem coletiva em Classe. Em contrapartida, no 8º ano, que era uma turma mais calma em relação ao 6º ano, descavam-se emerges discentes entusiasmados em desmembrar e explanar afirmações discursivas nos debates acerca da história sócio-política e movimentos sociais do Brasil – debates promovidos pelo mesmo professor do 6º ano.

É relevante registrar minha observação no tocante para modelação do aluno-cidadão muito bem articulada pelo professor durante um debate ocorrido no 8º ano. Neste dia os alunos se dispuseram em círculo, onde foi instigado e aguçado, pelo professor a necessidade de ser ter uma visão sistêmica sobre a organização política e social do nosso país.

Com isso, através das oratórias explanadas pelos discentes, sistematicamente coesas e articuladas à reprodução da perspectiva individual sobre o tema em questão, pude esperar a efetividade do verdadeiro propósito da Educação Básica brasileira, que é democratizar a educação para inserção de indivíduos na sociedade que exerçam, com consciência e razão, sua cidadania.

Sobre os aspectos etológicos das turmas matutinas, quais acompanhei, acredito que foge de minha incumbência, em vista da hierarquia acadêmica em que me enquadro, transcorrer com profundidade sobre os processos indisciplinados discentes e a articulação pedagógica dissonante entre 6º e 8º ano. Todavia, com este breve relato é possível exercer uma práxis sobre a abordagem metodológica didática e a relação comportamental discente.

### **Infraestrutura da E.E.B. Porto do Rio Tavares**

De modo geral, a comunidade escolar atendida pela E.E.B. Porto do Rio Tavares urge por melhorias na infraestrutura, que atenda às necessidades

mínimas para que os educadores desenvolvam, com qualidade e dignidade o processo de ensino e aprendizagem democratizado, como está previsto pela Lei 9.394/96 (LDB).

Nas salas de aulas, haviam mesas e cadeiras velhas e vandalizadas. Não havia ventilador, o que tornava a aula mais exaustiva devido ao calor intenso. Com isso, os alunos viam uma oportunidade para sair constantemente para beber água e ir ao banheiro. O fluxo de entradas e saídas, eventualmente atrapalhava no andamento do ensino e aprendizagem do coletivo disposto a atender as expectativas do professor.

Para além do ambiente de sala de aula, nossos olhares críticos de pesquisadores que anseiam por uma educação de qualidade, como dispostas nos ofícios de Lei e documentos que instrumentalizam o exercício docente para desenvoltura discente no processo de formação do aluno-cidadão, observou-se e listou-se a impressão geográfica dos múltiplos espaços físicos da escola.

Com isto denota-se a limitação quanto a ampliação do acervo da biblioteca, uma vez que este ambiente está disposto em uma antiga instalação sanitária e ocupa um espaço pequeno e improvisado. Além disso, os professores estavam impossibilitados de desenvolver atividades relacionadas ao uso de computadores, pois a escola indisponha de uma sala informatizada e recursos audiovisuais. E a quadra de esportes, devido sua precariedade e periculosidade, foi interdita em setembro de 2018 pela defesa civil.

É de natureza humana levar, intrinsecamente, impressões neuropsicológicas das disposições e condições dos espaços geográficos do meio. Oportunizar um ambiente na escola que imprima senciência positiva na comunidade escolar é o caminho para dignidade e equidade socioeducativa. Por isso a necessidade do relato quanto a real situação das escolas públicas brasileiras e a promoção de ações sociopolíticas que repercuta êxito nas reivindicações e manifestações sociais (DUARTE; GARGIULO; MORENO, 2011).

## **Processos sociopolíticos das manifestações sociais movimentadas pela comunidade escolar**

Com tantos percalços apresentados na disposição geográfica dos espaços escolares, a precariedade na quadra de esportes ganhou uma atenção especial dos acadêmicos vinculados ao PIBID, pois além de inviabilizar as práticas curriculares relacionadas a disciplina de Educação Física, era um espaço de interação entre a escola e comunidade escolar em eventos promovidos pelo colegiado da E.E.B. Porto do Rio Tavares.

Em setembro de 2018, a quadra de esportes, que já não passava por manutenções periódicas há algum tempo, foi interditada pela Defesa Civil após um temporal que agravou o estado de precariedade deste espaço que é de suma importância para comunidade escolar interna e externa.

A gestão da escola gerenciou esta situação conforme suas limitações explícitas. Sendo assim, as atividades relacionadas a corporeidade e saúde física ficaram condicionadas a área do refeitório. O que ocasionou transtornos tumultuados no horário reservado para merenda.

Posteriormente, a sensibilização dos dirigentes do Arce Bangu Futebol Clube, localizado ao lado da escola E.E.B. Porto do Rio Tavares para com a situação emergencial referente a inviabilidade das práticas desportivas na escola, fez com que a gestão escolar e os dirigentes do clube de futebol fimassem um acordo tipificado, no qual, foi cedido à escola, em horários específicos, um campo de futebol do clube para realização de atividades desportivas e recreativas com os alunos.

Ao focalizarmos nossa atenção na problemática referente a quadra de esportes da E.E.B. Porto do Rio Tavares não foi difícil vincular a importância do papel do acadêmico de Geografia quanto as politicagens que afligiam o mecanismo funcional do processo socioeducativo.

Como futuros profissionais da área da Geografia sentimos que era nosso dever aproximar-se da comunidade escolar e acompanhar seus processos de manifestação e reivindicação sociopolítica no que tange a revitalização da quadra de esportes. Com isto, percebeu-se que tanto os alunos da escola,



quanto dirigentes e comunidade externa estavam sensibilizados e perplexos perante o desleixo e descaso das políticas públicas no que se refere precariedade na infraestrutura da escola em geral.

Foi promovido, no início do segundo semestre de 2018, uma manifestação organizada pela escola, para reivindicar aos gestores públicos estaduais uma reforma na quadra de esportes e em toda escola. A manifestação chamou a atenção da mídia local do município, o que repercutiu em sucessivas reuniões com a Secretaria de Educação, onde foram levantados e apontados os principais pontos de fragilidade infraestrutural.

Factualmente, a licitação para contratação de empreiteiras que executariam as reformas reivindicadas pela comunidade escolar foi estagnada devido a intermitência da gestão governamental que ocorreria de 2018 para 2019.

### **Mecanismos de contribuição do PIBID nas ações socioeducativas e sociopolíticas**

A força coletiva desempenhada pela comunidade escolar nos seus processos de movimentações sociopolíticas para reivindicação e manifestação pela integridade física para uma educação de qualidade foi a força centrífuga que propulsou a elaboração de um projeto audiovisual que contemplasse os relatos da comunidade escolar e filmagens da precariedade em que os alunos da rede pública, atendidos pela E.E.B. Porto do Rio Tavares estavam expostos.

Ao todo, foram três meses de sucessivas gravações dos espaços escolares, entrevistas, compilação e edição audiovisual. Utilizamos recursos de cunho pessoal e materiais como câmera filmadora, microfone e computadores cedidos pela UDESC. Para edição audiovisual contamos com as ferramentas editoriais do programa Vegas versão 11 e 13.

O trabalho coletivo dos sete acadêmicos envolvidos no projeto ocorreu em pleno fervor de engajamento. As tarefas foram selecionadas e distribuídas para otimizar o tempo de realização do trabalho. Com isto a equipe pode

desenvolver satisfatoriamente os procedimentos estabelecidos no roteiro do projeto.

O produto-final do trabalho desenvolvido pelos acadêmicos vinculados ao PIBID foi entregue para gestão da E.E.B. Porto do Rio Tavares, com a esperança de auxiliar nas futuras performances reivindicativas em prol da melhoria da infraestrutura da escola.

### **Considerações finais**

O trabalho desenvolvido pelos alunos vinculados ao PIBID – Geografia – UDESC, no qual consistiu em desenvolver e produzir um material audiovisual para auxiliar nas reivindicações e manifestações sociopolíticas da E.E.B. Porto do Rio Tavares teve um papel ambíguo e recíproco no intercâmbio de saberes entre Escola e Instituição de Ensino Superior – IES.

Por um lado, a escola garantiu um apoio mínimo da IES para atribuição de recursos que visam somar na divulgação sensacionalista sobre a importância da estruturação física, de qualidade, do espaço escolar. Por outro, a IES oportunizou aos acadêmicos, futuros docentes, que se inserissem no espaço escolar e vivenciassem a distopia da realidade das escolas públicas brasileiras.

Este intercâmbio entre IES e Escola é de suma importância para o nivelamento das práticas curriculares de ambas instituições, adequando-se sempre que necessário a realidade encontrada pela comunidade escolar em geral. Com isto, espera-se formar profissionais na área da educação conscientes sobre as reais dimensões ontológicas de seu exercício docente.

Para finalizar, espera-se que o material audiovisual entregue para gestão escolar da E.E.B. Porto do Rio Tavares seja publicado em redes sociais para aumentar o número de pessoas sensibilizadas com a causa e assim garantir novos apoiadores que forneçam com clareza e agilidade as respostas inerentes às manifestações da comunidade escolar.

## Referências

AMORIM, Paulo Sérgio Pereira de; DIAS, Raphael Igor. O PAPEL DAS REDES SOCIAIS NA CONCEPÇÃO DOS BRASILEIROS SOBRE SUSTENTABILIDADE, MEIO AMBIENTE E BIODIVERSIDADE. **Programa de Iniciação Científica - Pic/uniceub - Relatórios de Pesquisa**, [s.l.], n. 2, p.1-32, 3 ago. 2018. Centro de Ensino Unificado de Brasília. <http://dx.doi.org/10.5102/pic.n2.2016.5606>.

ANTONIO, Denilson Cristiano. O APRENDIZADO ATRAVÉS DO CONTEXTO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA VINCULADA AO PIBID ARTES VISUAIS. **Revista Nupeart**, [s.l.], v. 12, n. 12, p.70-81, 30 nov. 2018. Universidade do Estado de Santa Catarina. <http://dx.doi.org/10.5965/2358092512122014070>.

ANTONIO, Denilson Cristiano. O APRENDIZADO ATRAVÉS DO CONTEXTO: RELATO DE UMA EXPERIÊNCIA VINCULADA AO PIBID ARTES VISUAIS. **Revista Nupeart**, [s.l.], v. 12, n. 12, p.70-81, 30 nov. 2018. Universidade do Estado de Santa Catarina. <http://dx.doi.org/10.5965/2358092512122014070>.

CABRAL, Raquel. **ECOCINE E RELAÇÕES PÚBLICAS: estratégias integradas de sensibilização meio-ambiental para construção de uma cultura de paz**. 2015. Disponível em: <https://www3.faac.unesp.br/ridh/index.php/ridh/article/view/263>. Acesso em: 11 jan. 2019.

COUTINHO, Renato Xavier; FOLMER, Vanderlei; PUNTEL, Robson Luiz. APROXIMANDO UNIVERSIDADE E ESCOLA POR MEIO DO USO DA PRODUÇÃO ACADÊMICA NA SALA DE AULA. **Ciência & Educação (Bauru)**, [s.l.], v. 20, n. 3, p.765-783, set. 2014. Fap UNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1516-73132014000300016>.

DENARDI, Didiê. **O que é PIBID?** Disponível em: <http://www.utfpr.edu.br/estruturauniversitaria/proreitorias/prograd/programas-academicos/pibid>>. Acesso em: 01 fev. 2019.

DUARTE, Jesús; GARGIULO, Carlos; MORENO, Martín. **INFRAESTRUCTURA ESCOLAR Y APRENDIZAJES EN LA EDUCACIÓN BÁSICA LATINOAMERICANA: Un análisis a partir del SERCE**. 2011. Banco Interamericano de Desarrollo División de Educación (SCL/EDU) NOTAS TÉCNICAS # IDB-TN-277. Disponível em: <<http://idbdocs.iadb.org/wsdocs/getdocument.aspx?docnum=36201660>>.

Acesso em: 03 fev. 2019.

ELALI, Gleice Azambuja. **O AMBIENTE DA ESCOLA – O AMBIENTE NA ESCOLA: uma discussão sobre a relação escola–natureza em educação infantil**. 2003. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/epsic/v8n2/19047.pdf>>. Acesso em: 13 jan. 2019.

SILVA, Camila Mariane Costa da. **USO DE MÍDIA SOCIAL GOVERNAMENTAL PARA PROMOVER ENGAJAMENTO ENTRE CIDADÃOS E GOVERNO FEDERAL**. 2015. 211 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Sistemas de Informação, Artes, Ciências e Humanidades, Usp, São Paulo, 2015. Cap. 02. Disponível em: [https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100131/tde-01052015-103725/publico/Dissert\\_CMCS\\_final.pdf](https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/100/100131/tde-01052015-103725/publico/Dissert_CMCS_final.pdf). Acesso em: 03 fev. 2019.

HERBERT, Wray. **ARRANGING FOR SERENITY: How Physical Space and Emotion Intersect: The concept of "psychological distance" may help explain the art of feng shui**. 2008. **Scientific American Mind**. Disponível em: <https://www.scientificamerican.com/article/arranging-for-serenity/>. Acesso em: 12 jan. 2019.

KAERCHER, Nestor André. **QUANDO A GEOGRAFIA CRÍTICA É UM PASTEL DE VENTO E NÓS, SEUS PROFESSORES, MIDAS**. **Mercator**: Revista de Geografia da UFC, Porto Alegre, v. 6, n. 1, p.1-8, mar. 2004. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Disponível em: <http://www.mercator.ufc.br/mercator/article/view/126/96>. Acesso em: 03 jan. 2019.

MIRANDA, Pauline Vielmo; PEREIRA, Ascísio dos Reis; RISSETTI, Gustavo. **A INFLUÊNCIA DO AMBIENTE ESCOLAR NO PROCESSO DE**



**APRENDIZAGEM DE ESCOLAS TÉCNICAS.** 2016. GE: Pesquisa e Educação Básica. Disponível em:

<http://online.unisc.br/acadnet/anais/index.php/sepedu/article/view/14918>.

Acesso em: 10 jan. 2019.

MOREIRA, Silvia Helena Dobre. A INSTITUIÇÃO DE ENSINO SUPERIOR E A ESCOLA PÚBLICA: INTERCÂMBIO NECESSÁRIO E URGENTE. **Revista de Educação**, Ribeirão Preto, v. 14, n. 18, p.43-53, 30 maio 2014. Disponível em:

<http://www.pgsskroton.com.br/seer/index.php/educ/article/view/1718>. Acesso

em: 30 jan. 2019.

MOURA, Kele Martinez de; LISBOA, Wellington Teixeira. **RELAÇÕES PÚBLICAS NA GESTÃO ESTRATÉGICA DA RESPONSABILIDADE SOCIAL.** 2011. Universidade Católica de Santos. Disponível em:

[http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0030-](http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0030-1.pdf)

[1.pdf](http://www.intercom.org.br/papers/regionais/sudeste2011/resumos/R24-0030-1.pdf). Acesso em: 01 fev. 2019.

POLSKY, Sara; EDELSTEIN, Eve; BERG, Nate. **CAN YOUR CITY CHANGE YOUR MIND?:** The design of our spaces can heal us, hurt us, and alter the way we think. 2016. CURBED. Disponível em:

[https://www.curbed.com/2016/11/16/13637148/design-brain-architecture-](https://www.curbed.com/2016/11/16/13637148/design-brain-architecture-psychology)

[psychology](https://www.curbed.com/2016/11/16/13637148/design-brain-architecture-psychology). Acesso em: 13 jan. 2019.

SANTOS, Larissa Anjos; MARTINS, Rosa Elisabete M. W.. O PIBID GEOGRAFIA NA UDESC: Contribuições para formação de professores. **Colbeduca**, Florianópolis, p.1-3, out. 2017. UDESC. Disponível em:

<http://www.revistas.udesc.br/index.php/colbeduca/article/viewFile/10568/7352>.

Acesso em: 12 fev. 2019.

SANTOS, Maria Isabel; LIMA, Yola. NECESSIDADES EDUCATIVAS ESPECIAIS: UMA ANÁLISE DE VÍDEOS DO YOUTUBE. **Internet Latent Corpus Journal**, Aveiro, v. 6, n. 1, p.1-18, jun. 2016. Universidade de Aveiro.

SHEMESH, Avishag; BAR, Moshe; GROBMAN, Yasha Jacob. **SPACE AND HUMAN PERCEPTION:** Exploring Our Reaction to Different Geometries of

Spaces. 2015. The Association for Computer-Aided Architectural Design Research in Asia (CAADRIA). Disponível em: <<https://faculty.biu.ac.il/~barlab/papers/2015%20Shemesh.pdf>>. Acesso em: 10 jan. 2019.

WIEBUSCH, Andressa; RAMOS, Nara Vieira. AS REPERCUSSÕES DO PIBID NA FORMAÇÃO INICIAL DE PROFESSORES. **Ix Seminário de Pesquisa em Educação da Região Sul**, Caxias do Sul, v. 1, n. 1, p.1-15, jan. 2019. Universidade Caxias do Sul. Disponível em: <<http://www.ucs.br/etc/conferencias/index.php/anpedsul/9anpedsul/paper/viewFile/1584/463>>. Acesso em: 29 jan. 2019.

WOITOWICZ, Eliete; HEIMERDINGER, Camila; SCHLOSSER, Marli Terezinha Szumilo. **O QUE FAZEM OS EGRESSOS DO PIBID-GEOGRAFIA DA UNIOESTE?** Revista Brasileira de Educação em Geografia, Campinas, v. 8, n. 15, p.216-241, jun. 2018. Semestral.



## **Relato de experiência do PIBID no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina - 2018.2**

*Gabriela Maria de Sousa*

*Rafaela Freitas*

No segundo semestre de 2018, começaram as movimentações dos programas: Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (Pibid) e Residência Pedagógica, com a orientação da professora Ana Paula do departamento de Geografia do Centro de Ciências Humanas e da Educação - FAED, na qual dividiu o grupo em duplas de trabalho. Esse relato é referente a vivência das estudantes Gabriela Maria de Sousa e Rafaela Freitas, na modalidade de estagiárias de Geografia no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis-SC.

Em decorrência da qualidade do programa de promover inserção e contato com a sala de aula, o PIBID apresentou diferentes barreiras para nós como estudantes a frente de outros estudantes e, na questão burocrática do projeto, do qual, as diretrizes foram modificadas no ano de 2018. Ao desenrolar do projeto o quadro de duplas foi alterado devido à mudança de direção que o programa tomou ao longo do semestre, entretanto, o presente relato buscou relacionar mais especificamente a experiência vivida por nós, Rafaela e Gabriela, junto com o embasamento teórico discutido ao longo da graduação e, sempre relacionado com o cenário atual (2018/2019) da educação.

O desenvolvimento está dividido em duas partes, em um primeiro momento, discorreremos sobre a problematização do ser professor e muitas vezes necessitar se desvincular da sua perspectiva ou estética por meios que privam o professor de se expor, como, a tentativa de implementar a lei da Escola sem Partido. Congruentemente a isso, incitamos a barreira que essas limitações dentro da escola podem proporcionar no relacionamento professor-aluno. Já em um segundo momento, relataremos nossa experiência com o 3ºano A do Colégio de Aplicação, enfatizando nossa intervenção sobre

Movimentos Sociais no Campo, da qual, promoveu tensão prévia em nós e, reações adversas dentro de sala de aula.

### Pressupostos teóricos

Para tratarmos do assunto da necessidade da autonomia do professor para lidar com as temáticas dentro da sala de aula e teorizar acerca do que será relatado, é necessário elencar os motivos que nos levam a crer que essa problematização é vigente.

Primeiramente, assimilar a ideia de que para ser professor e praticar a profissão é necessário autoconhecimento e se definir para depois estar apto a contribuir e auxiliar a construir o conhecimento de um outro indivíduo.

Não posso ser professor se não percebo cada vez melhor que, por não poder ser neutra, minha prática exige de mim uma definição. Uma tomada de posição. Decisão. Ruptura. Exige de mim que escolha entre isto e aquilo. Não posso ser professor a favor de quem quer que seja e a favor de não importa o quê. Não posso ser professor a favor simplesmente do homem ou da humanidade, frase de uma vaguidade demasiado contrastante com a concretude da prática educativa.

Sou professor a favor da decência contra o despudor, a favor da liberdade contra o autoritarismo, da autoridade contra a licenciosidade, da democracia contra a ditadura de direita ou de esquerda. Sou professor a favor da luta constante contra qualquer forma de discriminação, contra a dominação econômica dos indivíduos ou das classes sociais. Sou professor contra a ordem capitalista vigente que inventou esta aberração: *a miséria na fartura*. Sou professor a favor da esperança que me anima apesar de tudo. Sou professor contra o desengano que me consome e imobiliza. Sou professor a favor da boniteza de minha própria prática, boniteza que dela some se não cuida do saber que devo ensinar, se não brigo por este saber, se não luto pelas condições materiais necessárias sem as quais meu corpo, descuidado, corre o risco de se amofinar e de já não ser o testemunho que deve ser de lutador pertinaz, que cansa mas não desiste. Boniteza que se esvai de minha prática se, cheio de mim mesmo, arrogante e desdenhoso dos alunos, não canso de me admirar. (Freire, 40, 2002)

Neste trecho retirado do livro “Pedagogia da Autonomia” de Paulo Freire, o autor incita inúmeras vezes de diferentes maneiras que não há como ser professor sem se expressar ou relacionar a ética com o conhecimento reflexionado pelo ser. Até porque, como seres somos capazes de optar e racionalizar as informações, então não condiz não poder se expressar ou fazer parte das análises de situações dentro da sala de aula, no seu meio de trabalho e de disseminação do conhecimento.



Seguindo isso, a relação entre o professor e o aluno também parte da explanação do conteúdo junto da opinião e afinidade do professor com o mesmo, pois só assim o educando está capacitado a construir um resultado crítico sobre o que foi ensinado. Por exemplo, para Lev Vygotski sala de aula é, sem dúvida, um dos espaços mais oportunos para a construção de ações partilhadas entre os sujeitos. A mediação é, portanto, um elo que se realiza numa interação constante no processo ensino aprendizagem. Pode-se dizer também que o ato de educar é nutrido pelas relações estabelecidas entre professor-aluno (LOPES, 2007).

Fazendo uma correlação com esse ponto de vista, não se pode deixar de destacar e valorizar os fenômenos histórico-sociais presentes na atividade profissional do professor. Nessa perspectiva, jamais poderá ser compreendido o trabalho individual do professor desvinculado do seu papel social, dessa forma estar-se-ia descaracterizando o sentido e o significado do trabalho docente. Considerando a emergência de se trabalhar a identidade do professor, percebe-se uma vasta bibliografia sobre a profissão docente, a qual tem apresentado muitas ideias e questionamentos, principalmente sobre a formação dos professores, e, mais especificamente, sobre a formação reflexiva dos professores. No entanto, percebe-se que ainda não existe um consenso quanto ao significado exato do que seja o professor reflexivo, embora haja muitos estudos e pesquisas nessa linha teórica. (Lopes, 6, 2007)

Como citado acima a vivência do professor como um ser humano, ou seja, um indivíduo inserido na sociedade e consciente da classe que está inserido, o viés do professor sempre será possibilitar um intermédio entre a realidade sociocultural e econômica do país e, da teoria exposta em sala de aula.

Em via contrária ao sentido do professor precisar de uma abertura para meramente se expressar, o projeto criado em 2004, intitulado de *Escola Sem Partido*, busca retirar a autonomia dos educadores, segundo os defensores do Projeto Escola sem Partido: os professores impõem aos alunos sua própria visão de mundo, doutrinando ideologicamente os estudantes. Com isso, desenvolveram um cartaz contendo regras que os professores devem seguir em sala de aula:

# Deveres do professor

1

O professor não se aproveitará da audiência cativa dos alunos para promover os seus próprios interesses, opiniões, concepções ou preferências ideológicas, religiosas, morais, políticas e partidárias.

2

O Professor não favorecerá nem prejudicará os alunos em razão de suas convicções políticas, ideológicas, morais ou religiosas, ou da falta delas.

3

O Professor não fará propaganda político-partidária em sala de aula nem incitará seus alunos a participar de manifestações, atos públicos e passeatas.

4

Ao tratar de questões políticas, sócio-culturais e econômicas, o professor apresentará aos alunos, de forma justa – isto é, com a mesma profundidade e seriedade –, as principais versões, teorias, opiniões e perspectivas concorrentes a respeito.

5

O Professor respeitará o direito dos pais a que seus filhos recebam a educação moral que esteja de acordo com suas próprias convicções.

6

O Professor não permitirá que os direitos assegurados nos itens anteriores sejam violados pela ação de terceiros, dentro da sala de aula.

[www.programaescolasempartido.org](http://www.programaescolasempartido.org)

Fonte: [escolasempartido.com](http://escolasempartido.com)

Com a disseminação dessa ideia pelo Brasil, professores começaram a se posicionar contra e engajar isso à luta pelos direitos dos professores. O trecho retirado do site *professores contra o escola sem partido* concentra um pouco dos pontos que os educandos mobilizados criticam a cerca do projeto: Críticos ao Projeto Escola sem Partido “não existe educação neutra. Estamos inseridos em sociedade e por isso expressamos nossas concepções sempre que nos comunicamos, sendo essencial o convívio com pessoas de diferentes convicções. Os professores possuem, como todos nós, suas próprias concepções morais e ideológicas. Assim, os docentes devem passar aos alunos diferentes percepções sobre um mesmo assunto – promovendo a

pluralidade. O erro do Escola sem Partido é partir do princípio de que a neutralidade na educação é algo possível.”

### **Relato de experiência**

No segundo semestre de 2018, demos início às atividades do Pibid da Geografia da Universidade do Estado de Santa Catarina, no Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina. No dia 31 de agosto, em nossa primeira visita ao colégio acompanhados pela professora Ana Paula Nunes Chaves, conhecemos as salas que comportam os estudos dentro da Geografia junto aos professores dos quais compõem o corpo docente da escola. Neste momento tivemos também o primeiro contato com as demais dependências da escola.

Nesse primeiro contato com a escola, fizemos uma reunião onde foi decidido que iríamos trabalhar em duplas, e cada dupla ficou encarregada de auxiliar nos projetos dos quais já estavam em prática no cotidiano da escola.

Eram eles, o projeto Córdoba, onde alunos do Colégio de Aplicação e da Escuela Manuel Belgrano de UNC, na cidade de Córdoba na Argentina, viajam para intercâmbio entre essas escolas. Semelhante ao projeto Córdoba, e com o funcionamento no mesmo ambiente, existe na escola, o projeto Tchê Mané, que oportuniza a viagem de intercâmbio entre alunos do Aplicação e uma escola licenciada no Rio Grande do Sul. Outro projeto é o Pés na Estrada do Conhecimento, o qual é um projeto fixo na grade do colégio, têm a intenção de fazer pesquisas orientadas, para que os alunos iniciem uma prática de pesquisas e escritas científicas. E por fim o projeto Santa Rosa de Lima, que é um projeto feito no contra turno das aulas com os alunos do 7º ano, que consiste na ida até a cidade de Santa Rosa de Lima, para compreender o modo de produção orgânica e familiar da cidade, além de fazer a saída de campo para o destino da capital agroecológica de Santa Catarina, os alunos fazem uma pesquisa prévia sobre a cidade, já pondo em prática a Iniciação científica da pesquisa e escrita.



Das duplas que se formaram, cada uma foi para um projeto já existente no colégio, inicialmente nós, Gabriela e Rafaela, fazíamos duplas com outros pibidianos, porém, por conta do choque de horário entre as aulas da faculdade e os horários dos projetos no colégio, houve mudanças nas estruturas das duplas. Começamos a observar a turma do 3º ano A, a partir do dia 29 de outubro de 2018, da qual acompanhamos por cinco semanas ao total, sendo que havia aula toda segunda e terça feira junto com ao o Professor Marcio Marchi. Quando começamos a assistir às aulas o tema que estava sendo trabalhado em sala de aula eram, Recursos Naturais e População.

Estávamos iniciando com a turma nos assuntos de Recursos Naturais e População, porém, em decorrência do final do ano letivo e de se tratar de um terceiro, muitas das aulas foram destinadas a correção e discussão de provas do vestibular e ENEM, e revisão de alguns assuntos. O próximo assunto do qual nos inserimos, que seria abordado após a finalização do tema Recursos Naturais e População, foi Geografia Agrária, na qual o professor Márcio abriu às discussões sobre o tema na segunda feira e na terceira feira dia 13 de novembro de 2018. Dentro desse tema abordamos mais precisamente os seguintes assuntos: Estrutura fundiária: concentração de terras; movimentos sociais e, reforma agrária.

Para realizarmos a nossa intervenção tivemos 45 minutos dos quais separamos 30 minutos de aula expositiva e 15 minutos aberto para debate com o grande grupo. Nossa intervenção teve como objetivo, *“compreender os fatos históricos e as políticas públicas que foram tomadas ainda no século XIX, mas que reverberam até hoje na questão das terras do país. Com o propósito de construir uma análise crítica sobre o tema e fazer relações sobre os tempos passados e a atualidade no que diz respeito às leis de terras do Brasil”*. (Trecho retirado do nosso plano de aula)

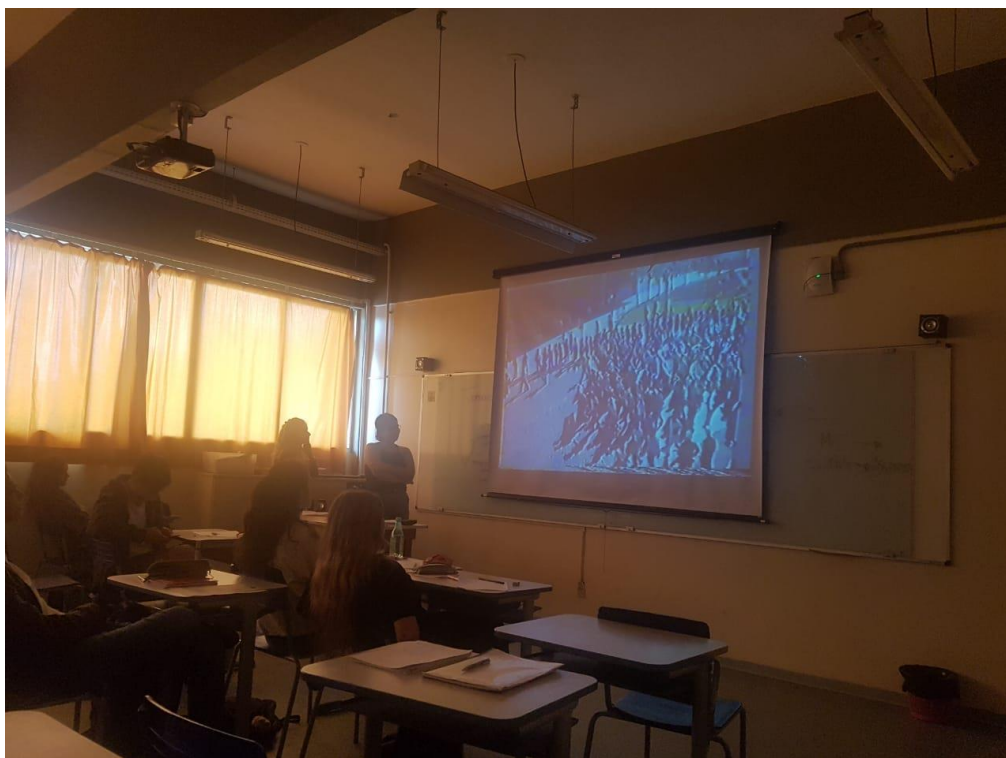
Passamos também por pontos como a localização dos maiores latifúndios do Brasil, para que fosse possível visualizar os principais lugares onde ocorreram e ocorrem as revoltas, movimentações e ocupações referentes a posse de terra, abordamos esses pontos com a finalidade de falar sobre a reforma agrária, tema que foi explanado também por um vídeo que exibimos



em sala de aula de sete minutos, chamado *A luta pela terra*, que trata da caminhada em protesto que ocorreu em 1986, em Porto Alegre, onde cerca de 250 pessoas que ocupavam a Fazenda Annoni, na região Norte do Rio Grande do Sul, saíram em caminhada até Porto Alegre no dia 27 de maio, carregando uma grande cruz de madeira (MEDEIROS, 2018). Além da ferramenta do audiovisual que utilizamos em nossa intervenção, recorreremos a dois livros de José de Souza Martins, *“Os camponeses e a política no Brasil”* (1981) e *“O cativo da terra”* (1979).

Quando começamos a acompanhar a turma lá no final do mês de outubro, o professor Márcio conversou conosco sobre o fato de uma parte dos alunos da sala serem de vertente conservadora e com todos os conflitos políticos presentes naquele momento por conta das recentes eleições de 2018 que estávamos passando no momento, ele nos solicitou que tivéssemos cautela com a forma de abordagem de certos assuntos. Já nas primeiras aulas podíamos percebermos as reações de alguns alunos quando, no tema de população, o professor tocou no assunto igualdade de gêneros, em relação aos salários ganhos pelas mulheres e pelos homens, tema dentro do conteúdo de Geografia da População.

Da mesma maneira que houveram reações contraditórias aos temas abordados pelo professor Márcio, houveram também durante a nossa intervenção. Nos assuntos sobre estrutura fundiária brasileira, entramos em tópicos como: posse de terra, distribuição das terras, terras comunais, MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra) e principalmente sobre a reforma agrária. Temáticas estas que em decorrência da contemporânea inserção dos temas relacionados à terra, nas redes sociais e midiáticas permitem que os estudantes se posicione tramitando em uma posição binária entre: agronegócio x agricultura familiar, agroecologia e posseiros.



Arquivo pessoal - passando o vídeo Luta pela terra. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=L7YHSnDJvY>>

O processo de preparação da intervenção foi bastante intenso, pois o assunto que expomos, demandou de certo compilado de dados que muitas vezes são interpretados de maneira errônea. Por exemplo, quando tratamos da questão fundiária brasileira onde a maior parte das terras está circundada na situação econômica do país, ou seja, o agronegócio. Assim pontuar a movimentação social no campo sendo ela deriva da luta pelo direito à terra dos trabalhadores rurais tradicionais, se torna complicado pois, além dos fatos não serem um posicionamento, o assunto tratado necessita de uma abertura para debate, pois, não há neutralidade em nenhum dos pontos de vista.

Mesmo com essas desavenças ideológicas, continuamos com intenção de passar aos estudantes o que são movimentos sociais e porque eles existem. No decorrer da nossa intervenção, a turma foi bastante respeitosa ao nos deixar falar sem grandes interrupções, porém, por muitos momentos ouvíamos cochichos e risadas sobre o assunto que estávamos tratando.

Apesar disto, em numerosos momentos tivemos que nos conter para não darmos a entender determinada ideologia. Por exemplo, quando citamos as ligas camponesas - apoiadas pelo partido comunista brasileiro - não citamos

o apoio político vindo do PCB, por mais que seja um momento fundamental para história dos movimentos pela terra. E, em diversos pontos da nossa explicação pensamos se o que iríamos falar era realmente necessário ou se iria criar polêmica.

Dentre outras inseguranças, nós ficamos bastante tensas ao falar do assunto, tanto pelos avisos anteriores sobre sermos cautelosas ao lidar com o tema, quanto temer alguma reação adversa aos alunos. Sendo assim, nos poupamos em alguns quesitos, deixando muitas vezes de nos posicionar para ficarmos mais à vontade no momento ou, de falar algo que nos permitisse mostrar quem nós somos como indivíduos.

### **Considerações finais**

Tendo passado pelas experiências que o PIBID de Geografia da UDESC nos proporcionou no segundo semestre de 2018, apesar de todos os obstáculos que estiveram presentes na nossa prática docente ao longo deste tempo em que tivemos contato com o âmbito do colégio, pudemos perceber que mesmo com toda a repressão que envolve a questão do grupo Escola sem Partido, ainda temos um objetivo como docentes em torno da educação, a qual se manifesta na formação de cidadãos críticos que hajam de forma respeitosa, e que considere as opiniões de todos os seres humanos, sem exceção.

De certa forma, a experiência que tivemos com o 3º ano A, foi rica e construtiva, pois nos preparou para situações que irão se tornar cada vez mais comum daqui pra frente. Deste modo, é provável que iremos nos deparar com situações semelhantes de contradições, e muitas vezes de alunos fazendo piadinhas com tons de ironia e deboche dentro de sala de aula quando formos professores, onde os mesmo irão discordar abertamente, de certa forma repressiva, de nosso posicionamento em relação a temas que hoje, com o atual cenário nacional são considerados polêmicos e com restrições de fala.

Apesar das vedações e censuras que circundam aqueles, e principalmente os professores, que demonstram suas opiniões, é preciso que nossos papéis dentro da escola com função formativa de caráter crítico sejam

cumpridos com os alunos, e que fazendo nossa parte como educadores, encontremos nos alunos que estão sendo formados para atuar em sociedade esperanças de um futuro mais justo e igualitário a todos.

### Referências

LOPES, Rita de Cassia. **A relação professor aluno e o processo de ensino aprendizagem.** Disponível em:

<<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1534-8.pdf>>

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa** / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996.

RIBEIRO, Elizabeth da Cruz. **A prática pedagógica do professor mediador na perspectiva de vygotsky.** Instituto a vez do mestre psicopedagogia, Rio de Janeiro. Disponível em

<<http://www.avm.edu.br/monopdf/6/ELIZABETH%20DA%20CRUZ%20RIBEIRO.pdf>>

Marchas em busca de direitos marcam vidas de sem terra. Disponível em <<http://www.mst.org.br/2018/08/10/marchas-em-busca-de-direitos-marcam-vidas-de-sem-terra.html>>



PIBID  
Geografia



## Relatório de vivência na EEB Porto do Rio Tavares

*Harahel Fernando Campanholo*

Com o Programa de Iniciação à Docência PIBID, orientado pela Professora Ana Paula Chaves, Mestre em Geografia pela Universidade Federal de Santa Catarina e Doutora em Educação pela Universidade de São Paulo, atuamos no Colégio Porto do Rio Tavares, onde cada bolsista teve sua experiência particular com as turmas do 5º ao 9º ano do ensino fundamental, atuamos na escola durante o segundo semestre de 2018, acompanhando as turmas e auxiliando o professor de geografia em suas tarefas diárias com os estudantes.

Ao acompanhar o cotidiano da escola, em contato com professores, gestores e alunos, percebemos algumas necessidades básicas da escola, nas quais ajudamos com a produção de um documento Audiovisual a partir da observação e vivência esta experiência que será abordada por mim neste relatório.

### **Vivência e observação**

Começamos a acompanhar a Escola Porto do Rio Tavares no segundo semestre de 2018, com vivências na escola, acompanhando alunos e professores nas demais atividades da escola do Porto, nosso método foi através da observação e intervenção, observações do cotidiano, observamos o comportamento, dos professores, dos alunos e funcionários, a forma como os alunos se comportavam em relação a escola e as matérias que eram apresentadas, percebendo então, o formato qual a escola se organiza e funciona, aprendi neste tempo de vivência e experiência sobre a observação, ou melhor, a habilidade de observar, concluo que ela é de extrema importância para professores e educadores, pois, é a partir desta que o mesmo encontra ferramentas e perspectivas para construção do conhecimento de uma forma efetiva, a fim de melhorar a capacidade de transmissão de conteúdo. Sem ela, estamos cegos, tendo em vista a complexidade da escola, percebendo que a

mesma é palco de diversas formas de relações sociais, contextos, carregados de revés e impossibilidades, será a capacidade de observar e converter esta observação em práticas de ensino, fundamental para o professor, para fundamentar esta ideia, disse, Freire (1992, p.14):

Observar uma situação pedagógica é olhá-la, fitá-la, mirá-la, admirá-la, para ser iluminado por ela. Observar uma situação pedagógica não é vigiá-la, mas sim fazer vigília por ela, isto é, estar e permanecer acordado por ela na cumplicidade pedagógica.

Ou seja, o ato de observar, quando feito com intencionalidade a fim do aprimoramento de si próprio e do meio, tomando sua forma crítica e analítica, é capaz de definir o rumo e ferramentas que serão utilizadas na exposição do conteúdo. Sobretudo no Ensino de Geografia, onde a observação é papel fundamental em elementos geográficos.

Foi então a partir dessa ideia que seguimos com nossas atividades, percebi que o sistema público de educação, é carente, e que o trabalho educativo se torna uma tarefa não tão simples de ser executada, não passando tão perto de ser funcional e simples como imaginei ao entrar no projeto, um grande fator do ensino público que observei é que em grande parte das coisas, tudo depende do "outro", como uma máquina, e por muitas vezes o "outro" anda em outros passos, tornando ainda mais complexa a tarefa do ensinar e do conviver, e é por intermédio das observações e percepções, que encontrei caminhos para atuar na escola no período que lá estive presente.

### **Dia a dia na escola**

Frequentávamos semanalmente a escola, uma ou duas vezes por semana, passávamos tempo em sala, acompanhando uma ou duas turmas durante o semestre, estivemos auxiliando o professor de geografia, ajudando-o nas demais tarefas, sentava-me ao fundo da sala, ajudando a manter controle da turma e tirando dúvidas quando necessário. O estar no cotidiano nos aproximou pouco a pouco dos alunos, criando um vínculo de confiança da parte deles para com a nossa.

Realizamos dentro deste período saídas de campo, promovidas pela equipe juntamente com o professor de geografia, tivemos a oportunidade de visitar o sítio arqueológico localizado a poucos metros da escola do Porto, onde encontraram fósseis de sambaqui, uma experiência impar e rica para os alunos e professores, os estudantes tiveram um breve estudo sobre arqueologia e paleontologia, e o estudo do solo.

Outra de nossas saídas foi para visitar a Pedrita, mineradora localizada no Rio Tavares, próximo a Escola do Porto, lá os alunos aprenderam sobre Geologia, rochas e os processos de transformação e produção de matéria prima

### **Feira de ciências**

Participamos da feira de ciências, que foi incentivada e promovida pela escola, o projeto contou com a participação de todas as turmas da escola, nesta os estudantes apresentaram trabalhos sobre a bacia hidrográfica do Rio Tavares, e trabalhos sobre a historicidade do bairro. Visitamos a apresentação de cada estudante, participando dos processos escolares, que incluía as apresentações dos alunos, convivência com professores e visita dos pais dos estudantes na escola, além disto, montamos nosso próprio *Stand*, onde apresentamos o PIBID para os pais e alunos, para explicar com detalhes qual era nosso papel na escola, Durante as apresentações aplicamos questionários para saber qual eram os interesses dos alunos, seus sonhos, o que gostam de fazer e o que gostariam de aprender que ainda não encontraram oportunidade na escola, usamos papeis, canetas e elaboramos perguntas, onde os estudantes escreviam as respostas, para que pudéssemos trazer atividades que interessassem a maioria dos estudantes, compreender o aluno e seus interesses, é papel fundamental

Como prática estritamente humana jamais pude entender a educação como experiência fria, sem alma, em que os sentimentos e as emoções, os desejos, os sonhos devessem ser reprimidos por uma espécie de ditadura racionalista. Nem tampouco jamais compreendi a prática educativa como uma experiência a que faltasse rigor em que se gera a necessária disciplina intelectual. (FREIRE, 1996, p. 146).

Não houve dificuldades na realização desta atividade, e conseguimos ótimos resultados, com este questionário, chegamos a informações que nos ajudaram a compreender os interesses dos alunos, arquivamos e traremos propostas para o ano letivo de 2019.

## **Reuniões**

A escola do Porto do Rio Tavares, é marcada por um histórico de lutas e reivindicações, participamos de reuniões onde foram convocados todos os alunos e o grêmio estudantil para organizar uma mobilização a respeito da problemática da quadra de esportes da escola, os estudantes e professores organizaram um protesto pacífico em frente à escola e fomos convidados a participar juntamente com eles.

## **Problemática da Quadra de esportes e intervenção com audiovisual**

Devido a chuvas e ventos, a quadra de esportes, que já era alvo de desgastes e carente de melhorias, foi ainda mais hostilizada, ficando então, interditada, a partir disto, os estudantes passaram a ter suas aulas de educação física no refeitório, e em espaços inapropriados para a prática esportiva, nós do PIBID, percebemos que poderíamos contribuir de alguma forma com está problemática, e a forma que encontramos de apoiar e escola nesta luta foi através da produção de um material audiovisual para que apresentássemos para os pais e alunos, e deixássemos como documento para a escola usar em suas reivindicações para o governo do estado de Santa Carina, responsável pela verba e manutenção da escola. A produção do material foi então nossa prioridade, realizamos entrevistas, com alunos, ex-alunos, pais, funcionários e professores. Encontramos dificuldades na realização, mas conseguimos realizar boa parte do que gostaríamos, concluímos e no encerramento do semestre apresentamos para a escola nosso “documentário” audiovisual.



## Considerações finais

Foi através destes métodos de observação e intervenção que construímos nossos fundamentos para atuar na escola, desta forma que driblamos os desafios que encontramos, com a escola, com os alunos e com o professor que nos acompanhou, este tempo foi extremamente útil e válido, para nossa formação pessoal como professores e educadores, percebemos que nem tudo é como deveria ser, e que o profissional tem que ser flexível e dinâmico, para ocupar de forma adequada seu espaço no meio público de educação, a educação pública tem muito de melhorar, e a vivência na escola trouxe a evidencia, contudo, podemos realizar nossas atividades, não cem por cento como gostaríamos, mas em parte, dentro do que nos foi proposto conseguimos atingir nossas expectativas, produzimos o material audiovisual com intuito de acrescentar na luta da escola pela quadra de esportes e nos dedicamos ao estar com os alunos, para descobrir caminhos para o ano seguinte, onde continuaremos nosso trabalho na escola do Porto do Rio Tavares.

## Referências

- FREIRE, M. **Observação, Registro, Reflexão: Instrumento Metodológico.** Série Seminários. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1992.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** São Paulo: Paz e Terra, 1996.

# **Em trânsito da Universidade até o Pântano do Sul: Práticas Pedagógicas do PIBID na turma do 6º ano da Escola Municipal**

**Dilma Lucia do Santos**

*Luiz Jayme de Souza Neto*

A geografia possui em sua história recente uma tradição positivista, traz em sua gênese uma metodologia voltada para decorar conceitos e de fazer as paisagens físicas brasileiras serem o ponto chave da discussão, como apresenta BOTELHO e SOUZA (2017) “político-ideológico quanto os aspectos positivistas perpassaram todas as fases pelas quais passou o seu ensino” p. 149.

Com a mudança e evolução quase que natural da geografia em suas metodologias científicas, as possibilidades de pesquisa têm mudado, há uma renovação da maneira de encarar a geografia como ciência, é necessário que o processo educativo da geografia seja harmonioso com as práticas mais próximas da área física, mas também consciente da importância do ato de transportar o conhecimento científico para a sala de aula. BOTELHO (2017) afirma que “Tais concepções concebem o ensino escolar como um processo de produção do conhecimento, no qual, a relação teoria e prática é o ponto de convergência e de equilíbrio”.

Como assinala BOTELHO *apud* Cavalcanti (1998, p. 18),

“a função ideológica da geografia, reaparece, mais tarde, quando o objetivo dessa disciplina é caracterizado como transmissão de dados e informações gerais sobre os territórios”.

Então o professor como condutor de todo esse processo formativo com toda esta carga histórica necessita estar com o olhar atento, ser um profissional de qualidade que carrega em seu arcabouço de ideias os conceitos geográficos, que não é tarefa fácil. A estrutura curricular que diminui as horas de sala de aula na geografia, conteúdos mais pragmáticos, que não buscam o equilíbrio da ciência geografia são pontos que culminam para pensarmos novas práticas.

É durante o processo de formação na universidade que é possível preparar o professor, concentrar esforços na construção de um educador que consiga envolver os estudantes em projetos que consolidem a geografia como a ciência, mas é necessário que o estudante esteja envolvido em projetos na universidade, pesquisa, ensino, extensão, que possibilitem a sua formação mais completa e condizente com o ser professor em 2019.

Nesse processo acabamos por encontrar um distanciamento entre a ideia da geografia acadêmica, tradicional e a prática pedagógica – o atuar em sala de aula possui características diferentes das aulas de geografia, é necessário prática.

Como afirmam BOTELHO e SOUZA,

“A adoção da pesquisa pelos sistemas de educação estaduais como prática docente, reconhecidamente como trabalho escolar, poderá ser um elemento transformador na educação continuada dos docentes que atuam na educação básica, principalmente se realizadas com objetivo de conhecer, além da própria realidade escolar, as percepções dos alunos sobre suas disciplinas, estabelecer correlações entre elas e seu campo prático de atuação, ou ainda, na perspectiva da produção de conhecimentos teóricos” p. 149.150

O presente trabalho busca então demonstrar como a parceria entre as escolas e o programa nacional PIBID, Programa de Iniciação a Docência, podem contribuir para a formação do professor, e fazer o estreitamento entre o ideal de ser professor e a prática e vivência na escola. A pesquisa apresenta práticas criadas e aplicadas do projeto na escola Dilma Lucia do Santos no Bairro Pântano do Sul, Florianópolis.

O PIBID busca através de suas atividades, nestes olhares geográficos, modos e metodologias que busquem compreender as diferenças que todos possuímos, permitir a participação dos estudantes envolvendo-os com atividades que estão próximas de seus cotidianos. Com a execução das atividades buscou-se apresentar os seus resultados além da importância que o programa tem para a formação do professor, bem como contribuir para o arquivo de materiais que foram usados, que envolvem as metodologias e práticas usadas no trabalho que estão ligadas principalmente com o uso da música em sala e saídas de campo.

Portanto a pesquisa busca a análise dos elementos que são projetados nas músicas, permitindo que esses dados e temas abordados possam fazer parte de uma oficina destinada ao ensino fundamental, trazendo o tema juntamente com a conceituação geográfica científica de fácil entendimento, isto é, sem uma linguagem erudita acadêmica.

Deste modo o programa de iniciação a docência busca por criar novas formas de conexão entre os atuais professores de geografia e os graduandos, práticas que permitem a multiplicação das formas pedagógicas, que trazem sempre nova vida a licenciatura. Além de mostrar na forma prática as lacunas encontradas no currículo da graduação e das fragilidades encontradas dentro das escolas brasileiras. Estes diálogos são a base para a constituição do novo professor de Geografia.

O trabalho será dividido em duas etapas, sendo como foi a utilização música em sala de aula, além de relatar o trabalho de campo executado durante o período de 2018/2 pelo PIBID.

## **A música, geografia e o trabalho de campo**

### *Sobre a Música*

Cada vez mais se mostra necessária uma maior dinamicidade dos conteúdos. Empregar uma metodologia de ensino que mostre os elementos culturais encontrados na cidade dos estudantes, do seu entorno, tornou-se uma prática legítima do professor, o estudante precisa conhecer de onde veio e aprender através do olhar geográfico quais os elementos do espaço a geografia como ciência consegue captar.

Dentre as diferentes linguagens utilizadas no cotidiano escolar como possibilidades metodológicas, e a linguagem musical é a escolhida por estar presente na vida de todos. A apreciação quase que universal da música permite que a discussão esteja entre pontos comuns entre os estudantes e o professor.



A música permite esse lugar de fala comum a todos, possibilita espaços de discussões e contextualização do espaço geográfico, uma ferramenta que consegue falar do passado, conversar sobre o presente e imaginar o futuro.

Localizada no bairro Armação do Pântano do Sul, a escola básica municipal Dilma Lucia dos Santos atende em torno de 400 estudantes do ensino fundamental.

Além disso, o projeto político pedagógico apresenta eixos temáticos como a educação ambiental e a educação das relações étnico raciais, nos quais baseia seus projetos. Os pibidianos auxiliam na sala de aula com as atividades, além de participar diretamente do projeto “Conhecendo a ilha ao som do Daza”.

O trabalho desenvolvido pela professora Lilian com a turma constitui-se em utilizar da ferramenta música intitulada “Afinar as rezas” que foi escrita por Muriel da Costa, lançada sexto disco de estúdio da banda Dazaranha, “Afinar as Rezas”.

O projeto, que esteve em execução no ano de 2018 intitula-se “De Naufragados à Ilha do Campeche: Conhecendo a Ilha ao som do Daza”, projeto criado pela professora Lilian que conta com a participação do Pibid Geografia. O mesmo busca oportunizar os estudantes a saídas de estudos para os lugares cantados na música, como: Praia de Naufragados, Praia da Solidão, Ilha do Campeche, apresentando os elementos culturais relacionados, além da importância que as paisagens visitadas têm para a ilha de Santa Catarina.

A letra da música conta sobre paisagens da cidade de Florianópolis, espaços que são pontos que caracterizam a ilha de Santa Catarina e que fazem parte da tradição e história dos habitantes.

*“Que veio dos Naufragados Pra morar na solidão” “Deu na ilha do Campeche deixou inscrições rupestres, pra história me levar”<sup>4</sup>*

Ao levar a música para aula o professor, através da análise da melodia e letra, além do contexto da saída de campo, pode fazer com que desperte o

---

<sup>4</sup>Trecho da música “Afinar as Rezas”.

interesse dos estudantes na geografia e nos espaços que fazem parte da cidade dos estudantes, permitindo que a discussão geográfica transite entre as distintas disciplinas do currículo e fomente a socialização e participação dos estudantes na aula com as suas experiências.

A música auxilia na aprendizagem de várias matérias. (...)Os estudantes podem apreciar várias questões sociais e políticas, escutando canções, música clássica ou comédias musicais. O professor pode utilizar a música em vários segmentos do conhecimento, sempre de forma prazerosa, bem como: na expressão e comunicação, linguagem lógico-matemática, conhecimento científico. (...) A utilização da música (...), pode incentivar a participação, a cooperação, socialização. (FERREIRA 2012 *apud*, CORREIA, 2003, p.84-85)

Esse disparar de ideias que a música produz para os estudantes permite ao professor criar elementos para comparação, não de uma forma simplesmente dicotômica, mas sim de questionar os distintos pontos de vista encontrados na música.

Além disso, a música por ser um elemento artístico permite que as ideias diferentes tenham seu espaço para fala, a aprendizagem dos estudantes torna-se múltipla, com características que antes não eram apresentadas.

O elemento musical inserido em sala é uma linguagem que tem papel fundamental para a comunicação e socialização da turma, além de servir como estímulo para as discussões com outras disciplinas.

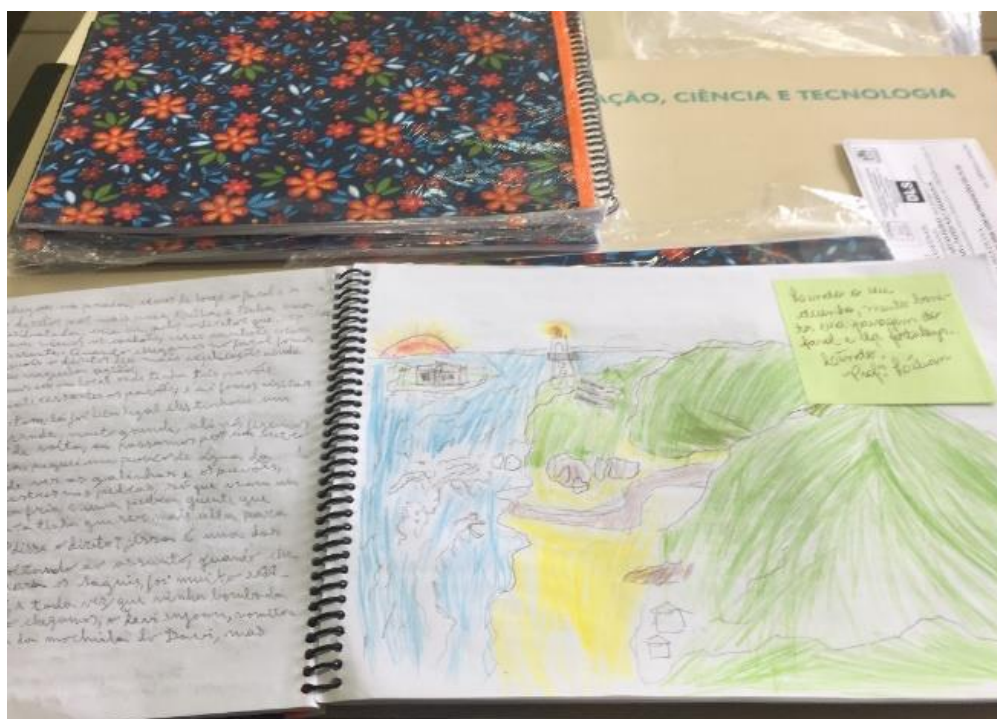
Toda essa relação faz parte das experiências que possibilitam o PIBID ser um projeto fundamental para a iniciação a docência, experimentar formas de fazer geografia, estar em contato com o estudante e com a metodologia utilizada.

#### *As saídas de campo*

Nas saídas os estudantes reconhecem diversos elementos geográficos, como as marcas culturais nas trilhas e na praia; identificam a partir da experiência de campo as temáticas que são apresentadas em sala de aula. Este é um dos principais fatores que faz a Geografia ser uma disciplina única, conseguindo captar nos ambientes diferentes aspectos do espaço geográfico, naturais e sociais.

A principal ferramenta didática utilizada pela professora foi o caderno de campo, construído com os feitos dos estudantes. Onde as atividades apresentam desenhos esquemáticos das saídas, descrições versadas sobre o caminho da saída, elementos geográficos vistos, cartas contando sobre a saída, desenhos da praia de naufragados, identificação dos pontos onde ocorreram as saídas de campo.

### Imagem 1- Caderno de campo



Fonte: Caderno de Campo com representação da praia de Naufragados Foto elaborada pelo autor dia 29/09

O PIBID possibilitou estar envolvido em atividades muito qualificadas, que conseguem através de um diálogo prático e teórico, envolver toda a turma em saídas de campo, na criação de um caderno de campo. Estar auxiliando em sala de aula uma turma do 6º ano onde os estudantes estavam sempre interessados, sempre com perguntas, nunca deixando o professor no ostracismo de contar a mesma aula de geografia.



## Imagem 2- Saída de Campo Naufragado



Praia de Naufragados, estudantes conhecendo a faixa de areia e o relevo da paisagem. Foto retirada pelo autor:

Durante as saídas de campo pudemos observar como os estudantes estavam interessados na aula prática, muitos nunca tinham saído do próprio bairro. A foto acima na praia de Naufragados, que é a última praia da Ilha de Santa Catarina, nos mostra como o projeto teve uma adesão grande por parte dos estudantes, cerca de 80% da turma estava presente.

Os estudantes também se mostraram atentos para o mar, cada embarcação que passava era comentada, tinham curiosidades acerca das marés, dos movimentos das ondas, também procuravam entender como os poucos moradores da região sobrevivam sem energia elétrica. São questionamentos de descoberta, entender que em uma distância de 20 km de seu bairro existe uma população ainda com práticas pesqueiras que hoje já não são vistas com tanta frequência.

Auxiliar nas atividades foi de grande valia para os participantes, dentro da proposta desenvolvida pela professora foi possível desenvolver uma atividade extra.



Durante a aula a professora cedeu o seu espaço para que pudéssemos confeccionar um trabalho utilizando de cartões postais – a ideia desta atividade está intimamente ligada às saídas de campo e a música, a ideia principal é que os estudantes representassem, através de um cartão postal, para um amigo, imaginário ou não, a cidade de Florianópolis. No cartão deveriam estar contidos elementos ouvidos na música *Afinar as Rezas*, além das práticas nas saídas de campo. O trabalho dos estudantes também fez parte da exposição pedagógica anual feita pela escola Dilma.

### **Imagem 3 – Estudante fazendo cartão postal**



Estudante confeccionando cartão com a representação do farol localizado na praia de Naufragado. Foto retirada por Ian Monteiro de Assis

#### Imagem 4 – Painel com as atividades realizadas no semestre pelo 6º ano



Foto com os cadernos de campo, além dos registros fotográficos feito pelos estudantes e professora. Foto retirada pro Bárbara Isadora Grando.

Estar presente durante um tempo extra graduação traz experiência, além de estar em sala e participar das atividades que acabam por somar aos conceitos e estudos feitos na universidade. O tempo gasto na escola contribui para a criação e elaboração de metodologias que agregam na articulação de conteúdo.

Isto acaba por evidenciar como o programa pode ser inovador para os sistemas de ensino, permitindo que mais pessoas estejam diretamente em sala de aula, conhecendo o cotidiano, vivendo o que um dia será sua profissão, é na somatória de conteúdos e na prática que podemos criar uma geografia mais próxima do mundo dos estudantes. Vivenciar e praticar é fundamental para o processo de construção do conhecimento e para formação enquanto docente.

Ao participar das aulas e da criação e elaboração de plano o projeto permite ao pibidianos estar mais próximo da pesquisa, uma vez que é necessário sempre estar criando e inovando em suas práticas dentro de sala, de uma maneira geral é estar envolvido e familiarizado com a pesquisa e com o ambiente escolar.

## **O PIBID está para geografia e vice e versa**

Participar do PIBID tem se mostrado uma experiência valiosa, que permite ao estudante reconhecer as suas próprias qualidades, enfrentar as inseguranças de estar em sala de aula, permitir aos que estão ingressando na universidade a oportunidade de participar da escola e de suas atividades.

O projeto também permite que os bolsistas enxerguem as suas práticas locais em um espectro geral, isto é, no Brasil existem diversos grupos PIBID, que desenvolvem atividades voltadas a licenciatura e área específica, a escala nacional do programa abre muitas possibilidades para pesquisas com outros grupos, encontrar novas práticas metodológicas que possam auxiliar na formação do professor.

O ano de 2019 inicia-se com a perceptiva de continuar com as atividades do ano anterior, a experiência vivida nos permite fazer as melhorias e ajustes necessários, além de possibilitar a criação de atividades distintas. O PIBID continuará inovando e permitindo as estudantes de graduação estar em sala de aula, fazer parte das atividades e somar para uma educação mais próxima do estudante.

O trabalho continua a ser desenvolvido, sempre pensando em inovar, buscando metodologias diferentes das usadas em sala de aula, agregando e auxiliando nas atividades que ocorrem na escola, sempre levando em consideração que o bolsista está em processo de graduação e de formação – está em constante construção da sua forma e maneira de ser professor.

Experiências aqui foram relatadas para que sirvam de protótipos ou exemplos que estão sempre em construção. Devem ser adequados e inseridos da maneira que melhor se encaixar com a realidade do professor, dos estudantes, da escola e do local.

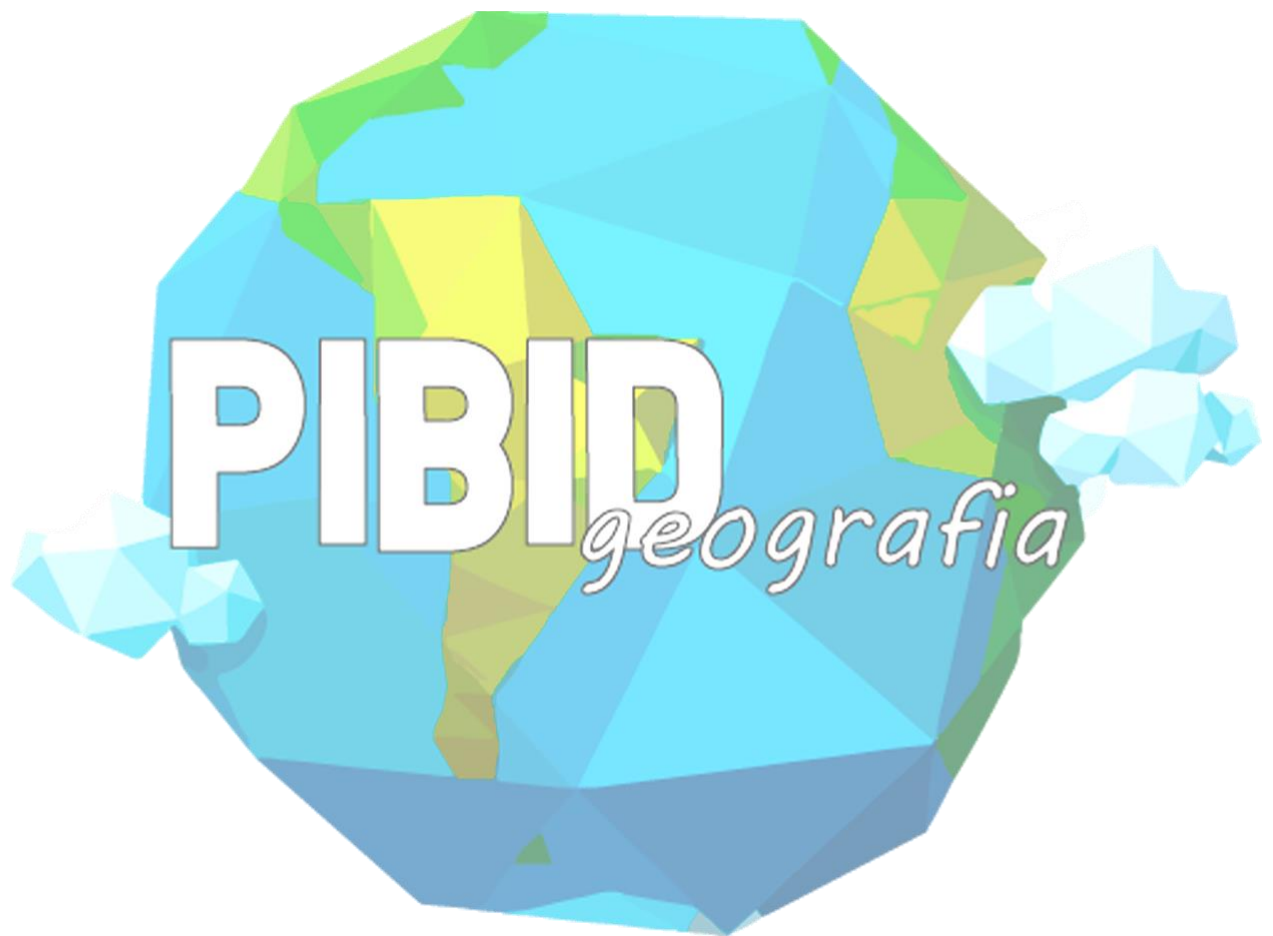
## **Referências**

FERREIRA, Manuel Nunes. **A Música como Recurso Didático na aula de Geografia**. 2012. 51 f. Monografia (Especialização) - Curso de Geografia,

Instituto de Ciências Humanas. Departamento de Geografia, Universidade de Brasília - Unb, Brasília, 2012.

BOTELHO, José Maria Leite. **Pesquisa e Educação de Professores de Geografia: Um Olhar pela Teoria da Representação Social** - Geografia, Ensino & Pesquisa, Vol. 21 (2017), n.1, p. 148-156 ISSN: 2236-4994 *in*

CAVALCANTI, Lana de Souza. Geografia, Escola e Construção de Conhecimento. Campinas-SP: Papirus, 1998.





# **Relato de experiência: projeto “Nós Propomos” e oficina de violência, desigualdade de gênero e sexualidade no espaço urbano – Colégio de Aplicação (UFSC)**

*Marcelo de Araújo*

*Mário André Corrêa de Faria*

A Lei de Diretrizes e Bases (LDB) 9394 de 1996, no capítulo IV, destaca a finalidade e objetivos das universidades na rede básica de ensino, conforme “atuar em favor da universalização e do aprimoramento da educação básica, mediante a formação e a capacitação de profissionais, a realização de pesquisas pedagógicas e o desenvolvimento de atividades de extensão que aproximem os dois níveis escolares.” (BRASIL, 1996) Neste sentido, o Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) serve como aporte para a execução destas atividades.

O PIBID é destinado aos estudantes de universidades presenciais brasileiras e tem como objetivos a valorização do magistério, a introdução e aperfeiçoamento de discentes às práticas pedagógicas em escolas da rede pública, tanto em nível municipal, como estadual e federal e auxiliar na articulação entre a teoria e prática. No primeiro semestre de 2018, a Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), divulgou o novo edital do programa, destinado aos estudantes da primeira metade dos cursos de licenciatura do país. A Universidade do Estado de Santa Catarina (UDESC) foi contemplada com 138 bolsas, divididos entre os cursos de Geografia, História, Pedagogia, Artes e Matemática.

Neste novo edital, o PIBID Geografia da UDESC é coordenado pela professora Ana Paula Nunes Chaves e conta com 24 bolsistas. No decorrer do ano de 2018, os bolsistas foram redirecionados para três diferentes escolas do município de Florianópolis, sendo elas, a Escola Municipal Professora Dilma Lúcia dos Santos, o Colégio de Aplicação da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) e A Escola Estadual de Educação Básica Hilda Teodoro

Vieira. Além disto, duas bolsistas ficaram incumbidas por fotografar os ambientes da escola, dinâmicas e intervenções, bem como pela organização de um *blog* destinado ao PIBID Geografia, contendo relatos e imagens.

A partir das experiências vivenciadas no primeiro semestre do novo edital do Programa de Iniciação à Docência, este trabalho vem a relatar os resultados e reflexões obtidos através do PIBID no Colégio de Aplicação pelos bolsistas Marcelo de Araújo e Mário André Corrêa de Faria.

### **Experiência, prática e ensino-aprendizagem**

Certamente ao ingressarmos no PIBID nos vem à cabeça a ideia de mergulhar em novas experiências, principalmente dentro de um curso de licenciatura onde muito da teoria não pode ser visto na prática, a não ser que você se envolva em projetos que estão fora da grade curricular. Porém, o valor do programa não está relacionado ao significado da palavra experiência ao pé da letra, como já dito por Jorge Larrosa Bondía (2002):

A experiência é o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece. Dir-se-ia que tudo o que se passa está organizado para que nada nos aconteça.<sup>1</sup> Walter Benjamin, em um texto célebre, já observava a pobreza de experiências que caracteriza o nosso mundo. Nunca se passaram tantas coisas, mas a experiência é cada vez mais rara. (2002, p.21)

Sendo assim, o interessante do programa de iniciação à docência não é somente a experiência individual vivida por cada um dos bolsistas, mas sim o aprendizado construído em conjunto com os estudantes da educação básica, proporcionado pela prática pedagógica, fator que considera-se aqui, indispensável para a formação de um professor - além do contato (por mínimo que seja) com uma parte do cotidiano daqueles indivíduos.

A prática pedagógica faz-se um fator indispensável na formação de novos professores. Freire (1966, p.18) afirma que: “é pensando criticamente a prática de ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”. Por este motivo, as práticas obtidas durante o processo de formação devem ser

analisadas criticamente, a fim de realizar a manutenção da própria prática como processo de aprendizagem individual e conjunto, evitando repetir equívocos.

Roberto Vatan dos Santos (2005) nos traz a diferença entre as abordagens do processo de ensino e aprendizagem categorizando-as em: abordagem tradicional, abordagem comportamentalista, abordagem humanista, abordagem cognitivista e abordagem sociocultural.

De modo a romper com a abordagem tradicional instaurada na estrutura da Escola, que segundo Santos (2005, p.21) é “[...] a prática educativa caracterizada pela transmissão dos conhecimentos acumulados pela humanidade ao longo dos tempos” e onde o professor em sala de aula age “independentemente dos interesses dos alunos em relação aos conteúdos das disciplinas”; buscamos trazer uma abordagem humanística onde o enfoque possui ainda segundo Santos (2005 p.23) “características interacionista de sujeito-objeto” e “ensino concentrado no aluno”.

De tal forma, para a preparação da oficina final deste semestre de PIBID, utilizamos como aporte teórico o texto “Gênero e Sexualidade na análise do espaço urbano”, da autora Joseli Maria Silva. O texto faz uma relação entre pobreza e gênero para a produção do espaço urbano, trazendo à tona a periferização das mulheres no meio urbano, causada pela diferença estrutural entre a remuneração dos homens e das mulheres.

### **Da teoria à prática**

O início das atividades do PIBID seu deu no mês de agosto de 2018, com a presença dos 24 bolsistas. Neste primeiro encontro foi onde houveram as recomendações iniciais por parte da professora coordenadora para o desenvolvimento das atividades que viriam a ser realizadas no ano corrente. Foi no primeiro encontro que moldamos como aconteceriam as atividades neste primeiro semestre de PIBID, onde em um primeiro momento discutimos sobre o funcionamento do programa e posteriormente sobre as escolas parceiras cadastradas na Plataforma Freire.

Para o desenvolvimento e efetivação das atividades, nos foi possibilitado a escolha das escolas para facilitar o deslocamento dos bolsistas, pois estas se localizam em três bairros distintos do município, evitando assim, grandes deslocamentos.

### **Colégio de Aplicação**

O Colégio de Aplicação (CA) é uma instituição pública e gratuita de ensino, vinculada à Universidade Federal de Santa Catarina e ao Centro de Ciências da Educação, localizado no bairro Trindade em Florianópolis (SC). A unidade atende aos estudantes de todos os níveis da Educação Básica (da educação infantil ao ensino médio). A política educacional do colégio é pautada na indissociabilidade da tríade acadêmica: Ensino, Pesquisa e Extensão, assim como nos cursos de graduação, além de servir como campo de estágio para acadêmicos dos cursos de licenciatura da UFSC e UDESC.

Por ser uma escola mantida com verbas do governo federal, o CA destoa das demais escolas do município de Florianópolis, seja pela sua estrutura física (ambientes confortáveis, acesso à tecnologia e internet) bem como pela sua administração, serviços e disponibilidade de recursos. Na escola é possível perceber a constante movimentação de estudantes dos cursos de graduação em licenciatura realizando estágios, pesquisas e oficinas com as mais diversas turmas, tal fato se dá pela tríade acadêmica, já consolidada na escola, estar intrinsecamente ligada ao trabalho dos professores.

Percebe-se também, diferente da maior parte das escolas do município, a presença de laboratórios para todas as disciplinas, que apesar de terem sido distribuídos de forma diferente, abrigam um grande acervo de material didático e também material para elaboração de atividades curriculares e extracurriculares.

Com certeza o colégio de Aplicação da UFSC possui uma estrutura privilegiada quando colocado ao lado das escolas de educação básica municipais e estaduais. Entretanto, durante o processo de observação na escola, foi possível notar problemas de funcionamento assim como em



qualquer outra instituição de ensino, como por exemplo, salas onde os equipamentos de apoio encontram-se danificados e falta de manutenção da estrutura em alguns espaços.

O corpo docente da escola é constituído por 108 professores<sup>5</sup>, tanto substitutos como efetivos, admitidos através de concursos públicos e processos seletivos realizados por órgãos responsáveis da UFSC.

### **Imagem 1:** Colégio de Aplicação



Foto: Henrique Almeida / Diretoria-Geral de Comunicação (UFSC).

O colégio conta com diversos projetos interdisciplinares e multidisciplinares. Os bolsistas do PIBID Geografia no Colégio de Aplicação ficaram responsáveis por quatro deles: Pés na Estrada do Conhecimento, Projeto Córdoba, Tchê Mané e Nós Propomos. O projeto Pés na Estrada é caracterizado pela inserção dos estudantes do ensino fundamental (8º ano) na pesquisa sistematizada e científica; o projeto Córdoba possibilita o intercâmbio entre professores e estudantes da Escuela Manuel Belgrano, em Córdoba, e o Colégio de Aplicação; o Tchê Mané consiste em um projeto de intercâmbio entre estudantes do Colégio de Aplicação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS) e o Colégio de Aplicação da UFSC que estimula o pensamento crítico através de um conjunto de reflexões teóricas entre os estudantes e alunos de cada sede. As temáticas envolvem problemáticas relacionadas à realidade regional dos estudantes e também da América Latina

---

<sup>5</sup> Informação do ano de 2018.

como um todo - por fim, o projeto Nós Propomos, é desenvolvido com as turmas de 3º ano do Ensino Médio, com pesquisas teóricas e *in loco* realizadas pelos estudantes, onde estes assumem a tarefa de identificar um problema no bairro escolhido para estudo e posteriormente propor uma intervenção para o melhoramento do problema encontrado.

### **Trabalho com o projeto Nós Propomos**

Iniciando os trabalhos, os bolsistas do PIBID Geografia foram divididos em duplas e alocados nos projetos da escola, que já estavam em andamento devido ao início das atividades na segunda metade do ano. Conforme disponibilidade de horários, nos responsabilizamos por desenvolver as atividades referente ao projeto Nós Propomos, junto à um dos professores titulares da disciplina de Geografia.

Em 2018, o “Nós Propomos! Cidadania e Inovação na Educação Geográfica” realizou sua quinta edição. O projeto, que surgiu em Portugal e foi incorporado ao Colégio de Aplicação, busca o desenvolvimento da análise socioespacial e ambiental do município, tendo como base seus contextos, agentes e sua história.

As atividades do projeto são realizadas em três etapas: 1) divisão dos grupos de estudantes (de 3 a 5 integrantes), definição da área de estudo (bairro do município de Florianópolis); observação *in loco* e levantamento de informações através de pesquisa em bibliografia (sites, jornais, livros, revistas, artigos, documentários, etc.); elaboração de questionários. Esta etapa foi apresentada em sala de aula no primeiro semestre de 2018 e não pôde ser acompanhada pelos bolsistas; 2) saída de campo para observar os fenômenos observados através da pesquisa e questionário; entrevistas com moradores, associações do bairro, políticos e especialistas relacionados à problemática. Pudemos acompanhar a finalização desta etapa, auxiliando o professor responsável, na correção dos relatórios; 3) na terceira e última etapa, os estudantes propuseram soluções para as problemáticas levantadas nas etapas anteriores.

A apresentação final que comumente ocorria no auditório da escola, neste ano ocorreu na Câmara Municipal de Florianópolis, com a presença das quatro turmas do 3º ano, de dois professores titulares de Geografia e da dupla do PIBID. As apresentações ocuparam o plenarinho da câmara de vereadores nos dias 15 e 16 de outubro de 2018. O professor responsável enviou o convite para todos os vereadores do município, porém somente alguns compareceram no primeiro dia de apresentações, mas não de forma integral. Já no segundo dia, nenhum dos vereadores convidados compareceu.

No decorrer do semestre ficamos encarregados de auxiliar os estudantes na estruturação das propostas de intervenção. Fomos apresentados às turmas do 3ªA, do 3ºB e do 3ºD, onde conseguimos conversar um pouco sobre nossos objetivos frente ao projeto, disponibilidade de horários e sobre o espaço onde aconteceriam as monitorias (laboratório de Geografia).

Nas semanas subsequentes à apresentação, poucos grupos vieram nos procurar para auxiliá-los em seus projetos. Ao longo do processo, percebemos que pelo fato de o comparecimento às monitorias não ser obrigatório, as expectativas não estavam sendo atingidas. Fomos inseridos no projeto quando este já se encontrava em fase final. A dinâmica pouco nos favorecia. Os estudantes precisavam nos procurar para que pudéssemos auxiliá-los e o horário, no contra turno, não contribuía para que a prática fosse efetivada. Com a proximidade da apresentação do trabalho final, houve um singelo aumento na procura por parte dos grupos, porém, com o findar do projeto, foi acordado junto ao professor da turma, que iríamos atuar em sala de aula, com as mesmas turmas de trabalho.

**Imagem 2:** Flyer de divulgação da apresentação do projeto “Nós Propomos”



Autor: Marcio Marchi (2018).

O projeto “Nós Propomos” foi idealizado no Instituto de Geografia e Ordenamento do Território (IGOT) da Universidade de Lisboa e mobiliza escolas de todo o país, movimentando mais de um milhão de estudantes. O projeto foi internacionalizado, ocorrendo também na Colômbia, Moçambique, Espanha e no Brasil, nos estados de Tocantins e em Santa Catarina. Em 2018, ocorreu o “I Congresso Iberoamericano Nós Propomos”, a fim de consolidar uma rede de professores, pesquisadores e estudantes envolvidos no projeto.

### **O trabalho em Sala de Aula**

Após o término do projeto, nosso trabalho foi redirecionado para somente uma das turmas do Ensino Médio, a fim de observar as aulas e, posteriormente, realizar uma intervenção relacionada aos temas abordados em sala de aula.

O tema abordado nas últimas semanas de aula foi relacionado à Geografia da População (população urbana, rural e população mundial e brasileira) e suas segmentações. A partir das observações, decidimos realizar



a intervenção com o tema “Violência, desigualdade de gênero e sexualidade no espaço urbano”. O objetivo da aula era abordar a questão da desigualdade no espaço urbano dentro da Geografia, correlacionando com os conceitos de gênero e sexualidade, a fim de construir uma discussão acerca do impacto dessa desigualdade no desenvolvimento e na produção deste espaço, podendo assim desenvolver um pensamento crítico por parte dos alunos acerca da temática. Com a proximidade das provas dos principais vestibulares do estado e feriados, nos foi concedido duas aulas de 50 minutos cada. Entretanto, ocorreram problemas estruturais que ocasionaram uma redução do tempo útil de aula.

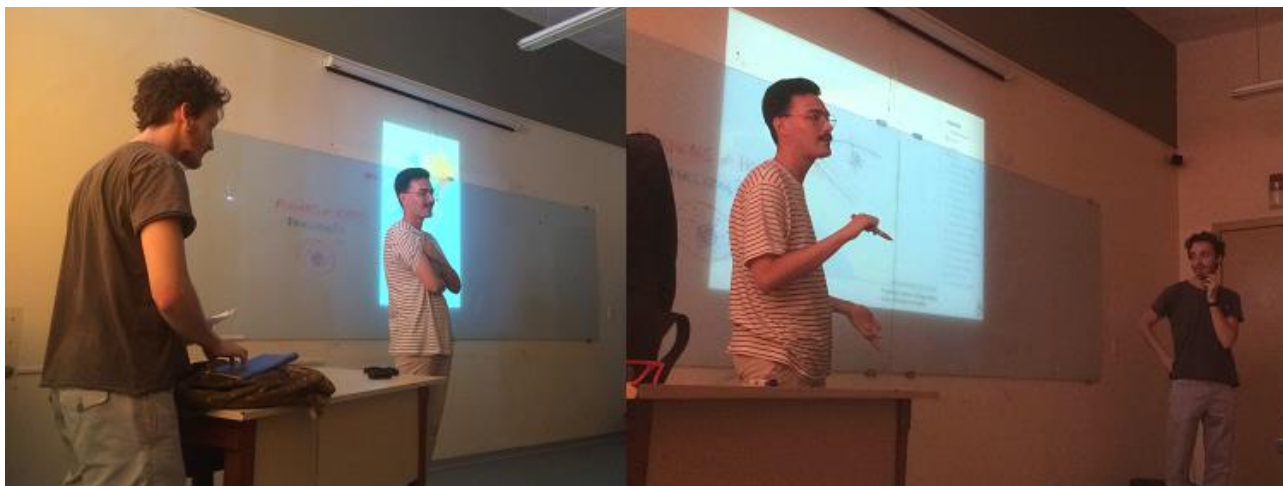
As aulas foram divididas em teoria e prática. No primeiro momento, foi dialogado com os estudantes sobre a relação e a importância das temáticas de gênero, sexualidade para a Geografia e para a produção do espaço geográfico, assim como a diferença entre os conceitos de gênero, sexo e sexualidade, sempre respeitando a fala dos alunos. Durante o diálogo, construímos um mapa mental em conjunto com a turma que por fim nos levou à diferença entre os conceitos. Por ser um tema relativamente polêmico, esperávamos algum distanciamento por parte dos estudantes, o que aconteceu por parte de alguns que aparentemente recusavam-se a discutir a temática com seriedade.

Na aula prática, foram solicitados aos estudantes relatos anônimos acerca do tema violência urbanas no município de Florianópolis, relacionando-os com questões de gênero e sexualidade e identificando o bairro de ocorrência. Após espacializados no mapa, pode-se observar que a maioria dos relatos de violência urbana apontaram para a região central do município e eram relatos onde as vítimas eram mulheres, moradores de rua e homossexuais.

Observamos a turma ao longo de, aproximadamente, 4 semanas. Algo que nos chamou a atenção foi o grande número de estudantes fazendo mau uso dos celulares, desatentos ao conteúdo e causando distração dos demais colegas de classe. A questão do tempo também foi bastante problemática, pois ocorreram feriados nos dias que ocorriam as aulas de Geografia da turma (segunda e sexta-feira), além da semana das olimpíadas escolares. Alguns

minutos das aulas, já com tempo limitado, foram consumidos pela organização da sala, pedidos de silêncio e realização da chamada.

### **Imagem 3:** Aplicação da Oficina



Fonte: Bárbara Isadora Grando (2018).

### **Considerações finais**

No Colégio de Aplicação, foi possível notar que o Programa de Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência se mostra muito eficaz na formação de professores de cursos de licenciatura do país, justamente por proporcionar a experiência dita por Bondía (2002) como aquela que não somente passa, nem somente, acontece, e nem somente toca, mas realiza os três juntos, criando um processo de ensino-aprendizagem onde ambas as partes (estudante e professor) aprendem com a relação sujeito-objeto e ambos respeitando as diferentes realidade.

Apesar de termos encontrado alguns empecilhos durante o processo, espera-se que as práticas trabalhadas sirvam de base e experiência para futuras atividades daqueles que virão a participar do programa ou então, dos que vierem a ler este trabalho. Esses empecilhos não eram esperados pelo fato de o Colégio de Aplicação ser tomado como um modelo, porém ao vivenciarmos aquele ambiente, foi possível perceber os problemas estruturais da instituição escola, tão aparentes como em outros espaços educacionais.

Certamente foi um desafio trabalhar as temáticas de gênero, sexo e sexualidade com adolescentes em um ambiente escolar, principalmente considerando o contexto de conflitos políticos no qual a oficina se deu e que infelizmente se estende até hoje e se estenderá por mais alguns anos. Estes temas, que fazem parte do conteúdo escolar, vêm sendo tidos como arma de “ideologização” e de “corrupção” dos jovens brasileiros, como dizem certos políticos, porém, cabe a nós professores, lutar pelo nosso direito de ensinar e não abaixar a cabeça diante a precarização da educação no Brasil.

## Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência / trad. João Wanderley Geraldi. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas - SP, n. 19 - Jan/Fev/Mar/Abr, 2002.

BRASIL, **Lei de Diretrizes e B.** Lei nº 9.394/96, de 20 de dezembro de 1996.

**Colégio de Aplicação**. Disponível em: <<http://www.ca.ufsc.br>>. Acesso em 07 de fevereiro de 2019.

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Disponível em: <<http://www.capes.gov.br>>. Acesso em 04 de fevereiro de 2019.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* / Paulo Freire. – São Paulo: Paz e Terra, 1996. – **(Coleção Leitura)**  
**Ministério da Educação**. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/pibid>>. Acesso em 04 de fevereiro de 2019.

SANTOS, Roberto Vatan dos. Abordagens do processo de ensino e aprendizagem. **Integração**. São Paulo - SP, n.40 - Jan/Fev/Mai, 2005

## **Relato de experiência – Escola Estadual de Ensino**

### **Fundamental do Porto do Rio Tavares**

*Otávio Cascaes Montanha*

*Maria Helena Matchin Vieira*

O relato da experiência vivenciada pelos pibidianos da Licenciatura de Geografia da UDESC (Florianópolis) na Escola Estadual de Ensino Fundamental do Porto do Rio Tavares no Município de Florianópolis, vem trazer o olhar diferenciado para o espaço escolar, e sua inserção nesse contexto.

A realidade nos depara e nos coloca hoje numa lógica mercadológica de vida, onde a educação não escapa a essa realidade. A preocupação hoje direciona o processo educacional à formação de profissionais para o mercado de trabalho. Deixamos de refletir de forma aprofundada no processo educacional, sem evidenciar e vivenciar a responsabilidade que requer o processo educativo. Nesta arena se conjugam família, discentes, escola como instituição, e o Estado, que se debatem a quem cabe a responsabilidade do processo educacional. Se olharmos outros aspectos do espaço escolar, poderíamos nesse debate de arena, em vez de procurar responsabilidades, entendidas como “funções” e não como o conceito de “responsabilidade” que na sua essência quer dizer: “dar respostas para uma determinada situação”, poderíamos de forma democrática e com participação, direcionar nossos processos educacionais sobre outra ótica. É nesse intuito que trazemos a experiência, para reflexionar e colocar o outro lado da moeda no debate, o caminho de um processo educacional autônomo, auto gestor, participativo que nos conduza a uma educação libertadora e não bancária que aponta a desconstruir a história individual e coletiva deixando vestígios inertes e nada reflexivos. Como afirma Freire (2001): “... O mundo não é. O mundo está sendo. (...). Não sou apenas objeto da História, mas sou sujeito igualmente. (...) caminho para a inserção, que implica decisão, escolha, intervenção na realidade...”.



Nesta perspectiva é que trouxemos a realidade da escola pública junto aos PIBIDIANOS onde suas experiências de intervenção são coletivas, em quanto à docência é construída por padrões de alteridade.

O trabalho foi sistematizado e desenvolvido a partir de dados primários e secundários e se apresenta com um viés de natureza qualitativa e exploratória que se utilizou da investigação documental (PPP da escola, jornais, registros fotográficos e revistas) e da abordagem empírica sustentada na observação e análise na busca de elementos sobre a intervenção dos pibidianos, Instituição de Ensino Superior (IES) na comunidade escolar, conjugados numa gestão democrática participativa. O objetivo do trabalho se expressa no intuito de subsidiar à temática abordada elementos e reflexões que venham a contribuir na construção de pensar a docência sob o olhar de autonomia e autogestão da educação desenvolvendo um processo de gestão democrática participativa na escola.

Nesta perspectiva o trabalho expõe três momentos: primeiramente se apresenta conceitos teóricos sócio-pedagógicos sobre a escola e o Projeto Político Pedagógico (PPP); o papel do educador; a gestão educacional, o PIBID e a gestão democrática participativa. Num segundo momento se relata a experiência vivenciada na escola pelos pibidianos, para chegar a contrapor a realidade perante a teoria sustentada em uma educação libertadora, alicerçadas em Antonio Carlos Castrogiovanni e Paulo Freire, o principal referencial teórico do trabalho. Por fim, trazemos reflexões que vão à busca ou encontro do diálogo, pois, a democratização e o processo educacional são feitos de forma processual e para isso é fundamental da participação da comunidade escolar e todos os atores que conformam.

### **Escola e Comunidade escolar**

A final para que serve a *escola*? Ela se apresenta fundamentalmente sob dois aspectos que direcionam ou alicerçam sua função: por um lado à *função social* e por outro e mais importante, a *formação do homem/mulher*. Sendo estes dois elementos concomitantes no desenvolvimento da prática pedagógica qualificada e socialmente comprometida na busca de oportunizar novos caminhos de participação democrática a fim de diminuir a desigualdade

social, em um reconhecimento e fortalecimento das diferenças que comportam a cultura brasileira.

Neste intuito, trazemos o *fazer da escola*, fundamentado no “*ensinar*”, que vai além de garantir aprendizados, de desenvolver novas habilidades e conteúdos, na busca de compreender a realidade, possibilitando a socialização dos educandos na ampliação da diversificação de suas relações sociais. Isso implica que a Escola não é a única instituição social que traz a formação crítica do indivíduo, que é um ser social por natureza, para enfrentar e superar os problemas apresentados pela sociedade brasileira. Castrogiovanni (2011) coloca que, o contato com a complexidade da cultura escolar transforma a vida de qualquer sujeito e tem contribuições importantes enquanto experiência do sujeito comprometido com a busca do conhecimento. (...) acreditamos que somente o cotidiano escolar, entendido como espaço social, histórico, antropológico e pensado como local de trabalho coletivo e criativo, com experiências qualificadas e significativas, pode animar e reforçar a opção pela profissão (...).

O autor pernambucano Paulo Freire "reconhece" a escola como espaço de desenvolvimento da aprendizagem, um ambiente cooperativo, que contribua para despertar a curiosidade, a criatividade e o estímulo à descoberta, um lugar onde há diálogo e respeito de todos os indivíduos que compartilham esse espaço.

Em suas duas principais obras, *Pedagogia da Autonomia* e *Pedagogia do Oprimido*, Freire, crítica fortemente o sistema de ensino brasileiro, o qual, ainda é influenciado pela lógica neoliberal, lógica essa que exerce forte influência para a manutenção da tendência técnica-tradicional, a qual é responsável pela formação de mão de obra acrítica - não se preocupando em realizar a construção de valores dos alunos e do entendimento de seus deveres. Dentro dessa tendência a memorização é um recurso muito utilizado pelo professor e sua prática educativa ensina o aluno a obedecer e não a pensar. “Por isto mesmo é que uma das características desta educação dissertadora é a “sonoridade” da palavra e não sua força transformadora” (Freire, 2005, p. 66).

Seguindo a lógica do raciocínio freiriano, podemos concluir que a escola deve oferecer um espaço que proporcione interesse do educando ao cotidiano escolar, e que a relação professor-aluno se dá através do diálogo, tornando o ambiente escolar em um ambiente cooperativo para o aprendizado, rompendo com as práticas técnica-tradicionais.

Esse processo se evidencia e se realiza na fundamentação de um projeto coletivo que inclui a comunidade escolar. Pois a escola apresenta limites como instituição, mas não está isolada, o sistema público é que propicia seu funcionamento, conjuntamente com a comunidade escolar: bairro/comunidade, pais, alunos, professores, funcionário, coordenação pedagógica e direção da escola.

Nesta interseção gestão pública/sociedade e comunidade escolar, é que se constitui o espaço das relações sociais, do conhecimento, criação do novo, espaço de inovações e mudanças que só acontecem através do diálogo – Paulo Freire em diálogos com Sergio Guimarães afirma:

Eu me ponho diante do diálogo como quem, pensando em torno do pensar, percebe que o pensar não se dá na solidão do sujeito pensante, por que inclusive, o pensar se faz pensar na medida em que ele se faz comunicante. E a dimensão comunicante do pensar demanda necessariamente o diálogo, sem o qual o pensar não é comunicante. [...] É exatamente essa mediação que faz o diálogo. No fundo, então o diálogo ~~se~~ é o ato de conhecer e de comunicar-se. (Sergio Guimarães, 1988, p. 131-132)

A escola é arena do espaço de socialização do conhecimento e de novos saberes infra e extramuros. Mas é na escola que se proporciona e provoca a existência das condições para aprendermos a arte do diálogo como fonte de conhecimento.

### **Projeto Político Pedagógico: Da teoria à prática**

O Projeto Político Pedagógico (PPP) nasce após a Constituição de 88, com o objetivo fundamental de transferir autonomia para as escolas na construção de sua própria identidade. Ele se tornou a ferramenta referencial das escolas. Orientado pela Lei de Diretrizes e Bases da Educação 9394-96 (LDB), sancionada em dezembro de 1996, contendo 92 artigos, que visam à educação.

No seu artigo 12 da LDB manifesta seu caráter de autonomia no que se refere à elaboração e gestão cedida às escolas: "Os estabelecimentos de ensino respeitando as normas comuns e as do seu sistema de ensino, terão a incumbência de elaborar e executar sua proposta pedagógica".

Desde sua implementação, as experiências e as interrogantes são muito variáveis e enriquecedoras, o que nos levam a reflexões e indagações, já que ele não nasce apenas por uma diretriz, se não que se sustenta nas necessidades da comunidade e dos discentes, que se fazem a partir de um mapeamento sociocultural que permite ser um elemento referencial para poder conhecer e compreender a situação de vida de cada aluno e família. Este conhecimento nos abre a um diálogo mais amplo e profundo de percepção da realidade com a qual vamos lidar e interferir na educação, motivando a participação e desenvolvimento humano da comunidade, através do conhecimento.

Na busca de uma definição explícita ampla sobre Projeto Político Pedagógico, vou utilizar o pensamento de Veiga, a qual afirma que o projeto sempre tem um norte, uma direção. Ele contém uma ação intencional, trazendo explícito um comprometimento coletivo a priori para sua execução. Entendo assim que todo projeto pedagógico da escola também é um projeto político, pois este reflete a articulação entre o compromisso sociopolítico e com os interesses coletivos reais da população majoritária.

A autora explica porque o projeto é político e pedagógico:

É político no sentido de compromisso com a formação do cidadão para um tipo de sociedade. Na dimensão pedagógica reside a possibilidade da efetivação da intencionalidade da escola, que é a formação do cidadão participativo, responsável, compromisso crítico e criativo. "Pedagógico, no sentido de definir as ações educativas e as características necessárias às escolas de cumprirem seus propósitos e sua intencionalidade". (Veiga, 2002, p. 1).

Este processo de construção, de legitimação da autonomia escolar, se apresenta com dois aspectos relevantes a serem considerados e diferenciados, o processo político representado pela gestão escolar e processo pedagógico exercido pela gestão pedagógica. Estes dois aspectos mantêm certa correspondência, mas são específicos e diferentes.



## **Gestão Política**

Alguns aspectos que caracterizam a gestão escolar: contratação de funcionários; pagamento de salários; aluguel ou compra do espaço físico; aquisição de materiais; além das despesas e cuidados relacionados à manutenção e conservação do ambiente. Aspectos estes que correspondem à estrutura estatal, que viabiliza a Instituição Escolar, tendo funções específicas que contribuem como processo facilitador de bem-estar de quem frequenta a escola e para sua equipe de trabalho, assim como, oportunizando o compromisso e obrigatoriedade sustentada na Constituição de 88, operacionalizando as funções que competem à gestão escolar:

Destacamos como fundamental a organização e a administração escolar. Desde estas óticas, se fundamentam um leque de atividades que vão ao encontro da adequação e soluções das necessidades apresentadas pela comunidade escolar. São tarefas que se desenvolvem a partir da gestão de recursos físicos da escola, recursos financeiros que permitem o andamento de suprimento de materiais necessários de infraestrutura quanto didáticos/pedagógicos e requerimento e sustentação dos recursos humanos da instituição.

## **Gestão Pedagógica**

No que se refere à gestão pedagógica, a qual é a que nos interessa desde nosso trabalho, esta desenvolvida pela equipe conformado por diretores, coordenador pedagógico e orientadores educacionais. Estes têm como função realizar as articulações das estratégias, métodos e conteúdos, para a produção de resultados do ambiente educacional; definir metas para atender os padrões de qualidade requeridos pela comunidade onde se encontra a escola; sinalizar os processos pedagógicos e a otimização destes, para que os alunos obtenham melhor desempenho; tornar o ambiente educacional estimulante tanto para professores quanto para alunos, entre outros.

Explicitadas as diferenças, trazemos ao debate a gestão democrática participativa, que se desenvolve a partir de estratégias de descentralização do

poder com a participação efetiva de todos os segmentos que integram o processo educativo da escola.

### **Gestão democrática participativa**

Até hoje são muito teóricos que se debatem sobre a temática da gestão democrática participativa, objetivando uma prática educativa diferenciada e de qualidade, provocando maior integração no que se refere às práticas pedagógicas. Para que isto aconteça, a escola deve proporcionar a otimização das condições para o desenvolvimento dos alunos, conjuntamente com a participação dos pais, comunidade, alunos, professores para que estes sejam elementos atuantes na toma de decisões fundamentadas no diálogo e na participação. Existem diferentes concepções sobre gestão escolar, focaremos sobre duas concepções: a técnica - científica e a sociocrítica.

Na visão técnica - científica as relações escolares preponderam às índoles burocráticas e tecnicistas, ou seja, é o diretor que concentra em si todas as ações. A gestão acontece de forma verticalista, onde as decisões e determinações são tomadas de forma hierárquica, repassadas para serem cumpridas, onde os projetos e programas já foram pré-estabelecidos pela equipe diretora, onde prevalece a ênfase nas metas estabelecidas do que nas pessoas.

A concepção sociocrítica traz no seu pensamento um processo de interação das pessoas. Estabelece uma relação entre sujeitos que estão reunidos ao redor de objetivos comuns, e suas práticas se sustentam democraticamente, participando todos dos planejamentos e programas a serem executados. Nesse processo procuram o envolvimento de professores, alunos, pais, funcionários e da comunidade escolar, para deliberar as problemáticas ou desafios e tomar decisões conjuntas. É fundamental a colaboração de todos os sujeitos no processo educacional, pois se apresentam no mesmo horizonte, não existindo hierarquias para desenvolvimento do trabalho. Nesta perspectiva todos apresentam o mesmo nível de importância e cumprem um rol de

“agentes transformadores” dentro do processo educacional. É neste pensamento, perspectiva que direcionaremos nosso trabalho.

Pode-se afirmar que só existe de fato gestão democrática se ela for de uma concepção participativa. “O conceito de participação fundamenta-se no princípio de autonomia, que significa a capacidade das pessoas e grupos para a livre determinação de si próprios...” (LIBÂNIO OLIVEIRA-TOSCHI, p. 329, 2007).

Segundo Giro e Michel (2004) entendem que a gestão democrática participativa está alicerçada em três princípios: participação, transparência e descentralização. Estes alicerces serão o norte para a prática, onde a participação estará evidenciada pelos sujeitos que se vinculam aos projetos da escola, permitindo-se maiores conhecimentos entre os atores, efetivando suas intervenções de forma coletiva mais otimizada; através dos componentes básicos da gestão democrática temos o Conselho Escolar, o PPP coletivo e participativo que define ações realizadas pela gestão, que sustentaram a transparência do processo; em quanto à descentralização estará alicerçada basicamente pelo conselho escolar cuja função está determinada pelo planejamento, acompanhamento e debate dos aspectos financeiros, administrativos e pedagógicos da escola.

### **O Conselho de Classe**

O Conselho de Classe que se apresenta como uma arena democrática que oportuniza aos alunos uma participação aberta do ensino-aprendizagem onde eles fazem parte do planejamento escolar e são responsáveis pelas decisões tomadas no coletivo. Isso nos conduz a um novo paradigma de rupturas de modelo da educação tradicional. Quando se tem uma concepção do conselho no contexto de uma gestão democrática participativa certamente nos conduz a resultados do processo educacional mais eficiente sustentado nos objetivos estabelecidos coletivamente. O Conselho de Classe é um dos mais importantes espaços escolares, pois, tendo em vista seus objetivos: mobilizar a comunidade escolar de forma participativa. Segundo Dalben (2004),

"é capaz de dinamizar o coletivo escolar pela via da gestão do processo de ensino, foco central do processo de escolarização. É o espaço prioritário da discussão pedagógica".

### **A gestão democrática e o professor**

"... Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para sua produção ou construção" (FREIRE, 1996, p. 47).

Segundo Paulo Freire, um dos principais teóricos do pensamento sociocrítico, o professor é um animador, um orientador e um despertador da autonomia intelectual, ele auxilia o aluno para que desperte sua curiosidade, animando e orientando-o na construção de suas próprias asas, ou melhor, de sua autonomia. Continuando seu pensamento, Freire, no livro pedagogia da autonomia, escreve duras críticas à tendência técnica-científica e a seu modus operandi que visa a manutenção do status quo. Nessa tendência o professor é um ser ativo que apenas deposita o seu conhecimento no aluno, tornando-o passivo no processo ensino-aprendizagem, essa concepção ficou conhecida como educação bancária<sup>6</sup>.

A narração, de que o educador é sujeito, conduz os educandos à memorização mecânica do conteúdo narrado. Mais ainda, a narração os transforma em "vasilhas", em recipientes a serem "enchidos" pelo educador. Quanto mais vá "enchendo" os recipientes com seus "depósitos", tanto melhor educador será. Quanto mais se deixem docilmente "encher", tanto melhores educandos serão. (Freire, 2005, p. 66.)

O autor ainda ressalta a importância da relação professor-aluno e o respeito que o primeiro deve ter ao segundo, respeito tanto no conhecimento trazido pelo educando quanto a sua identidade (raça, etnia e cultura) e a sua autonomia. Para a conquista desta autonomia, o autor sugere que o aluno deve participar do processo avaliativo junto do professor através da autoavaliação, segundo Freire (1996, p. 64) "O ideal é que, cedo ou tarde, se invente uma forma pela qual os educandos possam participar da avaliação. É que o trabalho

---

<sup>6</sup> Em seu livro "Pedagogia do Oprimido" (2005, p. 66) Freire, denomina como "bancária" a educação tradicional, onde os estudantes são meros "recipientes" a serem "preenchidos" pelo educador, sendo a educação um ato de depositar, por isso denominada "bancária". (Citação indireta)



do professor é o trabalho do professor com os alunos e não do professor consigo mesmo”.

### **Gênese do PIBID**

O exercício da docência no Brasil não é uma atividade nada atrativa, segundo o Relatório de Políticas Eficientes para Professores, da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE) apenas 2,4% dos jovens com 15 anos querem ser professores. São vários os fatores que acarretam na baixa procura pela docência, dentre eles, a precarização do ensino, os baixos salários, as péssimas condições infraestruturais e a baixa qualidade dos cursos de licenciatura que carecem de conteúdo pedagógico implicam na escolha da carreira.

Produto desta perspectiva que surgiu o Programação Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID) criado em 2007 pelo Ministério da Educação (MEC) sendo subsidiado pela Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), que objetiva incentivar e aprimorar a qualidade da formação docente através do diálogo universidade-escola onde alunos dos cursos presenciais de licenciatura tem a oportunidade de aproximar da vivência no ambiente escolar em escolas públicas ainda no período de graduação. O programa ainda tenta melhorar a qualidade de ensino no país incentivando o trabalho do PIBID em escolas que apresentam o Índice de Desenvolvimento da Educação Básica (Ideb) menor que a média nacional (4,4). De acordo com o site da Capes, “Os projetos devem promover a iniciação do licenciando no ambiente escolar ainda na primeira metade do curso, visando estimular, desde o início de sua formação, a observação e a reflexão sobre a prática profissional no cotidiano das escolas públicas de educação básica”.

### **A gestão educacional e o PIBID**

A parceira proposta do PIBID e a Escola Pública, trazem um enriquecimento mútuo, como se manifestam, no artigo 3º, inciso V, do Decreto nº 7.219, de 24 de junho de 2010, que descreve em uma de suas diretrizes que

se referem ao contexto escolar, deve-se “incentivar escolas públicas da educação básica, mobilizando seus professores como co-formadores dos futuros docentes e tornando-as protagonistas nos processos de formação inicial para o magistério” (BRASIL, 2010b).

Esta parceria de fato, vem a contribuir nas aprendizagens obtidas, que vão além da sala de aula universitária, pois permite vivenciar e refletir a partir da sala de aula escolar sobre o processo de formação educacional, quanto o processo formativo como Professor na sala de aula e da gestão democrática participativa, quanto de seu PPP.

Acontece um processo mútuo, de ida e volta permanente entre alunos – professores e “*pibidianos*”. No decorrer desta simbiose, se torna necessário vivenciar a gestão democrática, para testemunhar sua efetivação e ter elementos de avaliação em relação à qualidade de ensino, metodologias utilizadas, diferenciações e intervenções dos pibidianos no processo de gestão participativa da escola.

“É fundamental um professor de Geografia saber Geografia, teoricamente, metodologicamente e epistemologicamente. É impossível um professor não ser criativo num mundo onde a diferença faz a diferença e a busca pelo criativo inicia-se na preparação de questionamentos sobre a própria existência do fazer pedagógico”. (CASTROGIOVANNI, 2011. p.65).

Castrogiovanni (2011) expressa, que a participação no processo educacional leva a uma transformação da vida das pessoas e acarreta e subsidia importantes experiências na busca do conhecimento.

Como dito anteriormente, o objetivo do PIBID é promover ações de incentivo à docência através do diálogo entre os níveis superior-básico que apesar de apresentar uma ótima proposta teórica, na prática, deixa a desejar.

Nossa experiência na escola Estadual Porto do Rio Tavares foi desafiadora, nos deparemos com problemas infra estruturais como salas numerosas de espaço reduzido e falta de área para atividades ao ar livre<sup>7</sup>. Diante da pesquisa encontramos relatos de pibidianos que passaram por problemas parecidos, segundo os pibidianos da educação física que atuaram na escola Monsenhor Furtado, localizada na cidade de Meruoca-CE.

---

<sup>7</sup> Devido à má estrutura e falta de reparos a quadra da escola estava interditada.

A escola mencionada, conta com muitos recursos didáticos pedagógicos, tanto por parte da Educação Física como nas outras áreas, mas não possui espaços físicos nas proporções adequadas. Em sua estrutura existem vários compartimentos mal projetados e os outros espaços nem foram lembrados no projeto de edificação, deixando transparecer assim que não é por falta de recursos que as intervenções não produzem um rendimento elevado. (Teixeira, F.; Sores, Stela, 2016, CONEDU).

As turmas numerosas e a falta de infraestrutura nas escolas dificultam a execução das atividades propostas pelos pibidianos, entendemos que o problema não é do programa PIBID em si, em que entre os objetivos visa incentivar a formação de professores como medida para solucionar a carência desses profissionais na rede pública. Diante das dificuldades encontradas, vemos que as escolas brasileiras vão em contramão ao pensamento de seu Patrono – Paulo Freire, que defendia a importância de um espaço acolhedor que proporcionasse interesse do estudante ao cotidiano escolar.

### **Relato de experiência**

O trabalho apresentado é produto de observações, baseadas em análise documental (PPP), e relatos de experiências vivenciadas no processo de caracterização e diagnóstico da escola envolvida: Escola Estadual de Ensino Fundamental Porto do Rio Tavares. Os alunos da Licenciatura de Geografia que integram o PIBID exerceram sua experiência durante o segundo semestre de 2018. Neste período tiveram a oportunidade de vivenciar diversos aspectos da gestão administrativa e gestão pedagógica da escola. Nesse contexto se relata a experiência junto ao Conselho de Classes da escola. Este Conselho está integrado por professores, direção, equipe pedagógica e secretaria escolar. Onde sua função está determinada pelo seu desenvolvimento que está vinculado a gestão escolar, portanto, tem caráter participativo e democrático na tomada de decisões. Este espaço é de reflexão e diálogo das dificuldades expressas no processo de ensino-aprendizagem, considerando aspectos curriculares, metodológicos, habilidades e competências, entre outros, fundamentando a proposta pedagógica da escola adequando-a às necessidades dos alunos. No encontro do Conselho, participaram os professores de geografia, história, artes, linguagens e ciências. A sua função dentro do conselho é fazer a avaliação da turma e dos alunos de forma

individual, permitindo salientar as potencialidades e dificuldades apresentadas por eles.

Participaram do conselho: a direção, na figura da Diretora da Escola, a Coordenação, integrada pela Coordenadora Pedagógica e uma Professora da Escola, os pibidianos, os pais dos alunos, e os próprios estudantes.

O trabalho do conselho teve início às 09 horas da manhã, onde os alunos e pais estavam dispostos em um círculo, junto aos professores e coordenadora pedagógica, os que começaram a falar sobre o rendimento escolar de cada aluno. Seguidamente os pais dos discentes tiveram a vez de sua participação, seguido dos discentes, os pibidianos e com a direção.

Primeiramente, cabe salientar que no PPP da escola não consta a participação dos pais no conselho, mas são chamados pela Coordenação Pedagógica, para presenciar as avaliações de seus filhos. Como consequência de este fato a presença de pais foi reduzida, conjuntamente vinculado ao horário da reunião (horário comercial).

As avaliações por parte dos professores são juízos de valor que se conjugam com valores quantitativos, sem considerar as aptidões dos alunos para cada disciplina. Destacando as professoras de História e Artes, que explicitaram sua avaliação de forma coletiva, considerando a maturidade e aptidões individuais.

Os alunos manifestavam perante as avaliações atitudes de vergonha, constrangimento, se sentindo num “juízo”, o que evidencia um manejo pedagógico um tanto inadequado para fazer as avaliações coletivas. Os pais simplesmente concordavam com as avaliações, mesmo tendo a possibilidade de se expressar e participar, ficavam numa atitude de espectador. Os pibidianos foram convidados a expor sobre a avaliação dos alunos, e de forma geral, ninguém se manifestou perante tal situação, e sim se manifestaram em agradecimentos pela oportunidade de vivenciar a experiência do conselho de classe. A diretora, no fechamento do Conselho, falou sobre a escola e as dificuldades que estavam enfrentando, aos alunos exigiu mais estudo, parabenizou os professores pelo seu trabalho e agradeceu a presença dos pais.

Além da experiência específica que se vivenciou no conselho de classe, durante o semestre, nós pibidianos observamos outras situações da gestão



escolar, como por exemplo; A) Conflitos entre direção e corpo docente; B) A coordenação pedagógica está descolada da direção; C) Problemas de estrutura física e de manutenção de materiais didáticos por parte do estado; etc.

Neste contexto vivencial trazemos algumas perguntas a caráter de reflexão, na busca de que os pibidianos possam vir a ter uma participação real no processo educativo da escola, não sendo meramente espectadores e se determine seu trabalho por parte da IES, como meros cumpridores de metas.

### **Considerações finais**

Partindo das experiências expostas trazemos algumas interrogantes a partir da experiência da participação do conselho de classe. Considerando que o conselho: obedece a critérios técnicos que se fundamentam na avaliação diagnóstica do trabalho coletivo, de um referencial pedagógico estabelecidos na legislação e ações que se determinam no PPP, que orienta a descrição e objetiva a meta a ser alcançada resultante de uma reflexão conjunta da ação pedagógica na vida escolar. Como foi elaborado o projeto político pedagógico da escola que exclui a participação dos pais dos alunos?

Entendendo que a escola e sua comunidade, interna e externa, desde uma perspectiva de gestão democrática participativa, os pais que são um elo fundamental no processo sócio educacional, jamais poderiam estar excluídos do PPP. Como são decisões tomadas no Conselho Escolar sem o diálogo e a participação dos pais? Ausentes deste processo, não seria interessante avaliar como isso se reflete no processo educacional de seus filhos?

Devido aos conflitos explicitados, para a pergunta “como acontece a eleição para diretor? ” Ficamos sabendo que via de nomeação, sendo um cargo de confiança, o que desloca e separa os processos de gestão escolar sócio pedagógicos, tendo como resultado a minimização da participação de professores, coordenação pedagógica na participação de tomadas das decisões sobre as problemáticas apresentadas na escola e no processo educacional. A direção é quem tem todas as respostas para o processo educacional a ser desenvolvido na comunidade escolar?

E nesta hierarquização estrutural, que vai na contramão de uma gestão democrática participativa, que não só traria benefícios a sua comunidade

escolar, assim como, que geraria o espaço das relações sociais, do conhecimento, para a criação do novo, espaço de inovações e mudanças que permitem ao sujeito refazer sua história individual e coletiva, como se desenvolve o professor no processo educacional.

Na escola participamos e vivenciamos a realidade das dificuldades para desenvolver atividades físicas dos alunos devido a interdição da quadra. Essa temática também não foi discutida e analisada no Conselho de Classe onde os pais estavam presentes. Decididamente o Conselho de Classe aparece como um espaço reduzido no que se refere a participação e tomada de decisões para a realidade escolar, sendo um instrumento meramente avaliativo do processo de ensino-aprendizagem.

Perante a situação exposta, nós pibidianos em caráter de intervenção atuamos na escola, através de uma proposta unilateral, na qual, se fundamentou num trabalho definido pelo PIBID – Geografia UDESC. Em uma reunião optou-se por documentar a situação da quadra por meio de um vídeo-documentário entrevistando membros da comunidade escolar com intuito de demonstrar a importância que esse ambiente tinha para a escola.

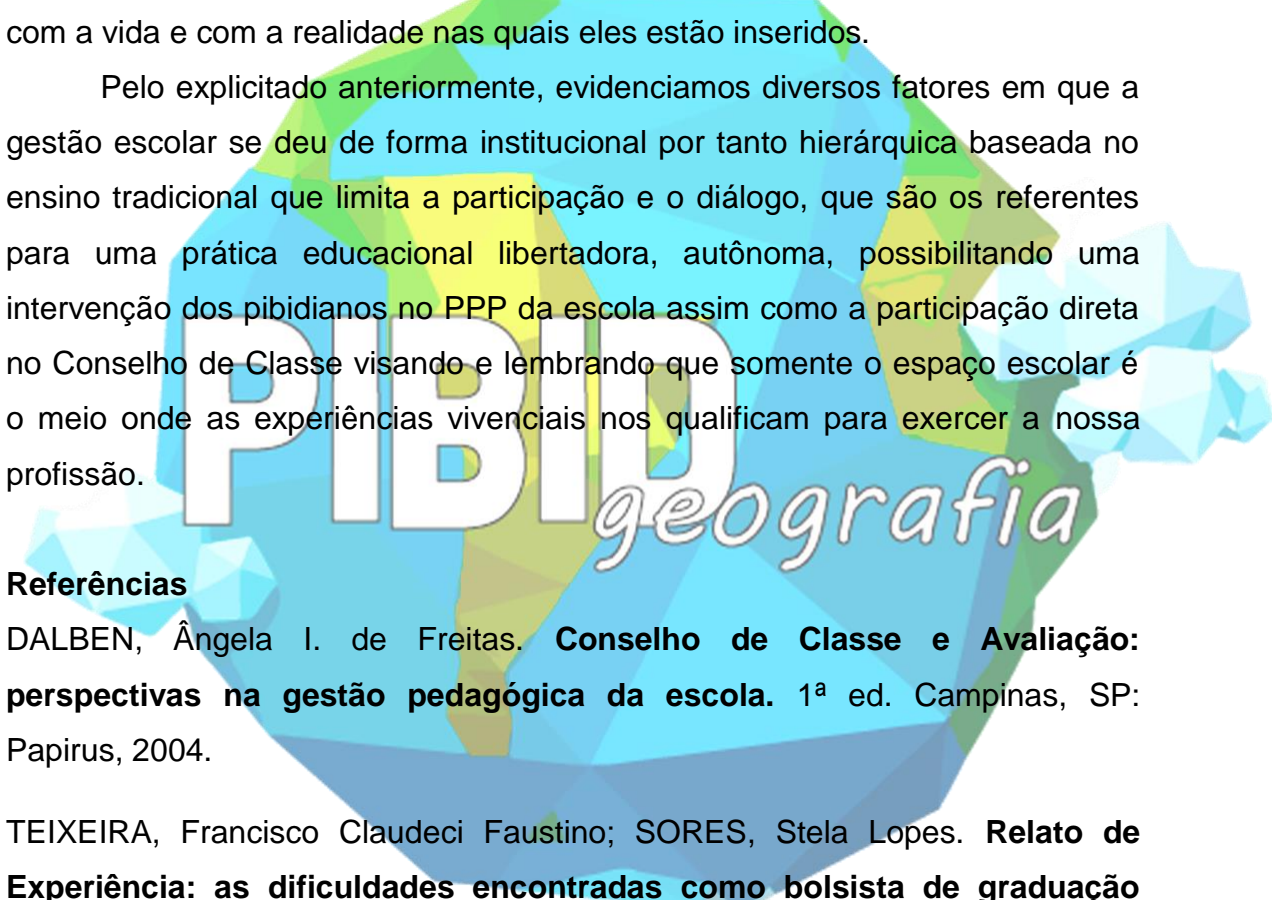
Esta intervenção unilateral é um reflexo da forma da educação tradicional realizada pelas IES, o que limita a inserção dos futuros licenciados, pois o objetivo foi cumprir neste processo objetivos pré-determinados.

Essa experiência ajudou-nos a ver com outros olhos a importância e função, não apenas da quadra, mas da importância que cada ambiente escolar representa. Porém, a escola ainda apresenta uma estrutura verticalista, hierárquica e pouco descentralizada, isso dificultou a obtenção de alguns dados que não tivemos acesso. Apesar de a escola possuir vínculos com uma grande diversidade de cursos das IES de Florianópolis como graduandos de odontologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC), a nossa relação com o colégio foi bastante confusa, a comunicação com a comunidade escolar não foi bem compreendida, o que deixou a orientação para nós pibidianos algumas incertezas assim como sentimos falta de disposição pela proposta de nosso trabalho.

Como citado anteriormente para Freire, a escola deve apresentar um ambiente que proporcione interesse do educando no dia a dia escolar e também que desperte sua curiosidade, estimulando o aprendizado. Visto isso,

os pibidianos, poderiam, através de intervenções, ambientar a escola para que ela cumpra sua função. Essas intervenções devem ser planejadas *à priori* para que não aconteça desinteresse por parte dos alunos. O professor tomar conhecimento através do diálogo dos saberes contidos nas vivências dos alunos, caso contrário, as intervenções serão pautadas em suposições e não nas suas reais demandas. Sendo assim qual seria o papel dos pibidianos na realização destas intervenções? Os pibidianos, junto ao professor supervisor, vão a procura de ambientar os espaços escolares baseado nos conteúdos que estão sendo trabalhados em sala de aula, problematizando-os e relacionando com a vida e com a realidade nas quais eles estão inseridos.

Pelo explicitado anteriormente, evidenciamos diversos fatores em que a gestão escolar se deu de forma institucional por tanto hierárquica baseada no ensino tradicional que limita a participação e o diálogo, que são os referentes para uma prática educacional libertadora, autônoma, possibilitando uma intervenção dos pibidianos no PPP da escola assim como a participação direta no Conselho de Classe visando e lembrando que somente o espaço escolar é o meio onde as experiências vivenciais nos qualificam para exercer a nossa profissão.



## PIBID geografia

### Referências

DALBEN, Ângela I. de Freitas. **Conselho de Classe e Avaliação: perspectivas na gestão pedagógica da escola.** 1ª ed. Campinas, SP: Papirus, 2004.

TEIXEIRA, Francisco Claudeci Faustino; SORES, Stela Lopes. **Relato de Experiência: as dificuldades encontradas como bolsista de graduação nas ações PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação a Docência) no subprojeto de Educação Física.** 3º Congresso Nacional de Educação CONEDU UEPB, Natal, RN, 2016.

FREIRE, Paulo. GUIMARÃES, Sérgio. **Sobre Educação (Diálogos).** 4ª ed. Editora Paz e Terra, São Paulo, 1988.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa.** 25ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996 (Coleção Leitura).

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

GIRO Suzana; MICHEL, Murilo. **A importância da gestão democrática dos recursos públicos destinados á educação**. Revista científica eletrônica de ciências contábeis – ISSN:1679-3870 Ano II – Número 03- maio de 2004- Periódicos semestral

LIBANO, José Carlos. OLIVEIRA, João Ferreira de. TOSCHI, Mirza Seabra. **Educação Escolar: política, estrutura e organização**. 4ª ed. Editora Cortez: São Paulo, 2007.

VEIGA, Lima Passos Alencastro. (org) **Projeto político-pedagógico da escola: uma construção possível**. 14ª ed. Campinas, SP: Papyrus, 2002.





## Relato de experiência PIBID Geografia 2018/2019

*Renato da Luz Junior*

Pudemos vivenciar durante o período letivo de 2018/2, uma experiência com o Programa Institucional de Bolsas De Iniciação à Docência (PIBID), que como o próprio nome já diz, é um programa do governo instituído pela CAPES, atrelado as universidades públicas em diversos cursos, com o intuito de estimular e levar o aluno a vivenciar diversas situações em que ele se depara com a docência na prática.

Iniciamos as atividades durante o mês de agosto de 2018, neste período, o grupo geral foi subdividido em diversas em duplas, que seriam cada uma dessas designadas a exercer as atividades em algum colégio do município de Florianópolis. Esses colégios e para onde iam as duplas foram estipulados pela professora e orientadora do PIBID Ana Paula Chaves, docente da Universidade do Estado de Santa Catarina.

Passamos por duas experiências distintas nesse semestre de PIBID, a primeira delas foi um acompanhamento dos projetos presentes em alguns dos colégios, como o colégio de Aplicação da UFSC, na qual eu estive relacionado para atuar, e a segunda fase destas experiências, foi a realização do acompanhamento em sala com um dos professores do colégio, no meu caso com o professor Peron.

Na “primeira fase” eu e minha dupla, estivemos acompanhando um projeto do professor Peron (diferentemente das outras duplas do colégio de Aplicação, que estavam em projetos da própria escola), na qual a abordagem do tema era uma viagem em que os sétimos anos realizaram naquele trimestre escolar, e com isto, eles tinham que elaborar em grupos de três ou quatro alunos, um projeto audiovisual retratando a saída de campo, e um folder abordando o mesmo tema. Nosso papel nesta proposta, era o de auxiliar o professor regente nas dúvidas em que os alunos

poderiam vir a ter, sejam elas questões relacionadas diretamente ao trabalho, ou em relação aos programas utilizados na realização do mesmo.

Nós realizamos esta experiência, durante cerca de dois meses, indo semanalmente uma vez por semana no Colégio de Aplicação, no laboratório de geografia, onde os alunos se reuniam; e mais uma vez na semana comparecendo a reuniões no campus da UDESC no Itacorubi, para debater as atividades realizadas na semana no PIBID.

Já na segunda etapa do PIBID 2018/2, organizamos uma reunião com a professora Ana Paula para decidirmos como iríamos dar sequência ao projeto naquele semestre, já que muitos alunos (participantes do PIBID) estavam um tanto quanto não contemplados pelo Programa de Iniciação à Docência até o então momento, pois tinham uma outra imagem do mesmo. Sendo assim, após algumas conversas, conseguimos achar um consenso, e um norte, para a realização e continuação das atividades; este seria, o acompanhamento em sala de aula com os professores dos determinados colégios, e após algumas semanas de experimentação e observação, nós desenvolvemos uma aula elaborada por nós com a turma vigente.

O conteúdo a ser trabalhado nessa aula elaborada por mim e minha dupla, seria o tema de urbanização e problemas urbanos, que era o assunto na qual o professor Peron tinha acabado de começar com os alunos daquela classe de sétimo ano em que estávamos prestes a trabalhar e acompanhar suas aulas.

Tivemos cerca de três semanas de observação e preparação, até que então na quarta semana, trouxemos nosso material elaborado sobre o tema visto anteriormente pelos alunos em algumas aulas expositivas com o professor André Peron, para então podermos debater o tema com maior propriedade em sala de aula durante os 90 minutos dispostos para nós.

Sendo assim nos primeiros 45 minutos de aula foram realizados o levantamento das regiões que mais apresentavam problemas urbanos na Grande Florianópolis. Esse levantamento foi feito a partir de fotografias

previamente solicitadas aos estudantes acerca dos problemas urbanos que eles encontravam no seu cotidiano. Com a ajuda de um mapa da Grande Florianópolis feito em papel Kraft por nós, fora feita a identificação e localização de cada problema urbano trago pelos estudantes. A partir deste mapeamento então foi aberta uma discussão a respeito dos lugares onde esses problemas ocorriam.

Nos 45 minutos restantes, foi realizada uma atividade lúdica referente a problemas urbanos presentes no nosso entorno na sociedade, a fim de fixar o conhecimento teórico colocando em prática o aprendizado dos alunos.

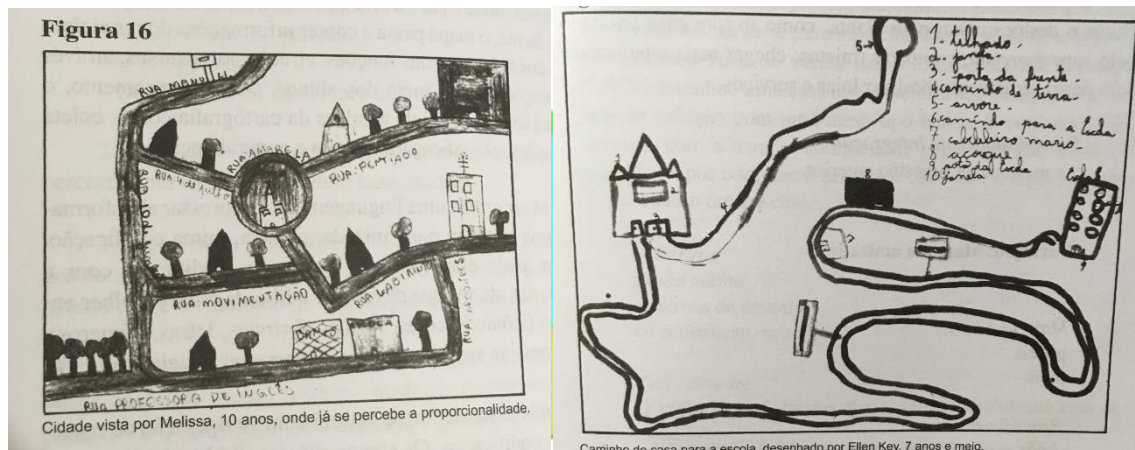
Durante a atividade lúdica os estudantes foram divididos em grupos de até 5 pessoas, onde cada grupo ganhou uma cartela no estilo bingo, com a resposta de perguntas pré-estabelecidas por nós professores no então momento. A equipe que tivesse a resposta correta em sua cartela preencheria com uma tampa de garrafa pet. O jogo continuava até que uma equipe anunciasse o preenchimento total da cartela gritando “bingo”. Nós então íamos até a equipe e analisar todas as respostas, e assim ocorria a atividade.

O exercício que foi denominado “Bingo Geográfico” envolve aprendizado e divertimento, tornando prazeroso o ato de aprender e ensinar Geografia.

Está atividade realizada por nós teve como base referencial uma atividade realizada pela professora Ana Maria Hoepers Preve na disciplina de Metodologia de Ensino do curso de Licenciatura em Geografia na própria UDESC; e também pude pegar referencias desta proposta de atividade, no livro: “O Espaço Geográfico: Ensino e Representação” de Rosângela Doin De Almeida e Elza Yakuso Passini, na qual nos mostra a importância da leitura de mapas e da concepção de domínio espacial, nos propondo diversas atividades para serem realizadas em sala de aula, principalmente para os alunos do ensino fundamental em questão, visto que muitas vezes, estes deixam de lado este estudo e análise mais aprofundado do campo da



geografia, ou como citam as autoras, dois fatos que ocorrem com muita recorrência, são as situações em que vivem os alunos em questão, que muitas vezes não podem ter acesso a estes tipos de informação da maneira mais coerente, e além disso, a escola as vezes trabalha estes conceitos relativos à noção de espaço de uma outra maneira, não tão bem esclarecida.



Exemplos de atividades propostas com o uso de mapas no livro "O Espaço Geográfico: Ensino e Representação"

Outras referências para elaboração desse relato, seriam alguns artigos retirados dos periódicos Qualis da CAPES, como este que segue a citação referente a importância e papel do Estágio Supervisionado (no caso o PIBID) na geografia, retirado da revista da UFG, "Ateliê Geográfico".

Nesse contexto, o Estágio Supervisionado desempenha ou pode desempenhar um papel muito relevante nos processos formativos, na medida em que se constitui um momento (ou momentos) peculiar de reflexão e de síntese de elementos teórico-práticos da profissão, podendo-se articular de modo explícito as teorias da Geografia e as teorias pedagógico-didáticas. O Estágio pode constituir-se em momento de reflexão e de experiência inicial do papel do professor de Geografia na formação dos alunos, da escola básica, ou seja, na formação para a vida cidadã. Essa reflexão pode estar focada na Geografia e no papel social que ela tem no processo de escolarização, e na função mediadora que o professor desempenha nessa escolarização, contribuindo para que, com a ajuda da Geografia e do estudo da espacialidade dos fenômenos, em suas diferentes escalas e tipos de manifestações, os alunos se desenvolvam como cidadãos capazes de compreender mais ampla e criticamente o mundo em que vivem. (CAVALVANTI, L.S., 2017)

E como dito por Lana Cavalcanti, essa combinação entre a Geografia e as teorias pedagógico-didáticas, são muito positivas tanto ao aluno,



quanto para o professor em desenvolvimento, que conseguem desenvolver assim uma análise muito mais significativa do conteúdo trabalhado, fazendo com que se tornem cidadãos mais críticos e construtivos. E essa análise foi realmente tirada a prova, ao realizarmos a aula no PIBID com a turma de sétimo ano, pois durante a mesma, surgiram diversos questionamentos e conversas, não só diretamente sobre o tema trabalhado que seriam problemas urbanos e urbanização, mas sim tudo que envolve este entorno, com isso, debatemos em sala sobre o nosso papel como cidadão em diversos aspectos da sociedade.

Tendo isso em vista, o estágio curricular ou o PIBID na geografia, além de possibilitar essa grande interação e conexão entre as práticas e conceitos pedagógicos com a realidade vivenciada e estudada pelo aluno e professor nas mais diversas áreas da sociedade, como nas suas casas, ou na escola, ou em qualquer outro meio em que exercem papéis de cidadãos, ainda se compreende num momento de lidar de maneira muito próxima com a realidade de sua atividade profissional como cita Cavalcanti:

...observar e coletar dados para diagnósticos de escolas, estabelecer contato com os profissionais da educação (coordenadores, professores e funcionários da escola), observar e contribuir com as aulas de Geografia que são realizadas comumente em escolas, preferencialmente públicas, selecionadas para o estágio. No percurso formativo, portanto, o estágio curricular é relevante tanto por permitir experimentar modos de organizar seu material da profissão (livros didáticos, recursos digitais, textos acadêmicos, textos didáticos autorais, planos de aula, dinâmicas e metodologias de aula), quanto por propiciar momentos de problematização, de reflexão e da experimentação de docência, considerando as suas condições de realizar essa experiência. É momento, pois, de se questionar sobre propósitos da formação geográfica dos alunos, podendo-se contemplar neles a formação para a vida cotidiana cidadã. (CAVALVANTI, L.S., 2017)

Este convívio mais próximo e presente da docência citado por Cavalcanti nos leva a diversas possibilidades de alcance e aprendizado durante esta etapa de iniciação ao professorado na prática de fato, e estas mesmas lições assimiladas durante o PIBID, muito provavelmente serão utilizadas durante todo o magistério, sendo assim, são conhecimentos e vivências que foram, e serão passadas a frente no decorrer de cada etapa de um aluno ou professor, tornando a experiência ainda mais valiosa. Com todas essas oportunidades e perspectivas presentes no PIBID, o aluno que

pretende cursar, ou cursa uma licenciatura em uma universidade pública com intuito de ingressar no magistério, deve, em minha opinião, buscar participar deste programa de incentivo à docência, pois nada dentro da academia em questão teórica pode ser comparado a experiência tida prática em sala de aula. Com isso em mente, eu fui buscar participar do PIBID no semestre de 2018/2, no intuito experimentar a sala de aula (e também fora dela) como professor, e ter o máximo de absorção de conhecimento através da prática, do diálogo e da reflexão com os que estavam ao meu entorno.



Realização da oficina (aula prática) por nós no Colégio de Aplicação da UFSC

Estando em sala de aula ou no laboratório de geografia (como foi o caso da minha primeira etapa no PIBID) desde o primeiro momento do projeto, já pude notar a grande interação existente entre os alunos que ali estavam, e o professor regente, o que muitas das vezes não se deu quando estivemos presentes com a função de auxiliar os estudantes, porém continuávamos dispostos a perguntar se os mesmos precisavam de algum auxílio em determinada tarefa que estavam realizando, exercendo assim a nossa função como aspirantes a docentes. Esta situação ocorreu mais na primeira etapa ao meu ver, que apesar de ter ocorrido esta falta de comunicação entre os alunos e nós Pibidianos, ainda assim foi de muito aprendizado através da observação e análise.

Já quando migramos à segunda etapa de acompanhamento pedagógico em sala de aula, a princípio, esse mesmo distanciamento ocorreu, muito por partes dos alunos, porém, coube a nós fazer com que

eles se sentissem mais confortáveis e participativos para quando fossemos aplicar nossa oficina em sala, eles pudessem interagir mais e conseqüentemente conseguirem absorver de uma melhor forma a troca de informações e aprendizados que ali seriam dispostos.

Sendo assim, chegado o dia da realização da oficina, já estávamos mais “íntimos” dos estudantes da turma, podendo aplicar de uma maneira mais tranquila e proveitosa as duas aulas disponíveis a nós. Possibilitando com que a classe pudesse nos fazer questionamentos, levantar dados, trocar informações, brincar, e mesmo assim podendo ter a experiência de realizar a minha primeira aula de uma maneira muito prazerosa e favorável ao meu ver, tanto a mim e meu colega, quanto aos alunos e o Professor regente ali presente.

Após a realização desta aula pratica (já citada e explicada no relato) agradecemos a oportunidade a turma e ao professor Peron de podermos pôr em prática nossos aprendizados e conhecimentos adquiridos até o então momento, e recebemos um elogio dos alunos de que a aula teria sido muito interessante e proveitosa, o que tornou a experiência para mim muito mais gratificante.


### **Considerações finais**

Tendo passado essa experiência única de participar do PIBID neste semestre de 2018/2, pude perceber ainda mais que a relação entre a teoria e a pratica são elementos indissociáveis na prática do professorado, e que o papel do educador vai muito além do que muitos imaginam, pois associar os saberes construídos na universidade com saberes emergentes da pratica-pedagógica exige muita persistência e competência do docente durante o exercício da função como professor, pois apesar da grande satisfação dada pelo exercício da docência, existem muitas adversidades no caminho.

A minha vivencia no projeto, ao meu ver foi muito positiva em vários aspectos, tanto na área profissional, pela pratica e observação que o projeto nos dispõe, quanto na área humana, pois pude desenvolver com mais eficiência e tranquilidade a minha comunicação com o próximo, que muitas das vezes aparenta ser muito reclusa e introspectiva.

De modo geral pude constatar que o PIBID tem um efeito bastante positivo e pode, em conjunto com outras ações, formar uma importante iniciativa na construção de novas possibilidades da formação docente em relação a: educação básica, integração escola e universidade, na valorização da carreira de professor e na conquista do aprimoramento docente.

Enfim, o convívio com a sala de aula, com a escola em geral, e com os alunos é de fato muito encantador, e o programa nos propõe sentirmos seguros diante a experiência de ser professor, possibilitando assim uma aspiração muito positiva em relação à docência.



PIBID geografia

#### Referências

DE ALMEIDA, Rosângela, e PASSINI, Elza. **O espaço geográfico: Ensino e Representação.** – 15. ED. Coleção repensando o ensino. São Paulo; Editora Contexto, 2015.

CAVALVANTI, Lana. **O estudo de cidade e a formação do professor de geografia: contribuições para o desenvolvimento teórico-conceitual sobre cidade e vida urbana.** In: Ateliê Geográfico; Revista UFG, Goiânia/GO, 2017.

LOPES, C. S.; PONTUSCHKA, N. N. **O conhecimento pedagógico do conteúdo na prática profissional de professores de geografia.** GEOUSP – Espaço e Tempo, São Paulo, v. 19, n. 1, p. 076 - 092, 2015.



MARTINS, Rosa e ROSSATO, Luciana (Organizadoras). **Reflexões sobre as experiências do PIBID na UDESC**. 1. Ed. Santa Cruz do Sul; EDUNISC, 2015.

DE SOUZA, Luciana e LOBATO, Rodrigo. “**O ENSINO DA GEOGRAFIA NA EDUCAÇÃO INFANTIL**”. Disponível em: <

<https://educacaopublica.cederj.edu.br/artigos/18/13/o-ensino-de-geografia-na-educacao-infantil>>. Acesso em: 08 fev. 2019.

